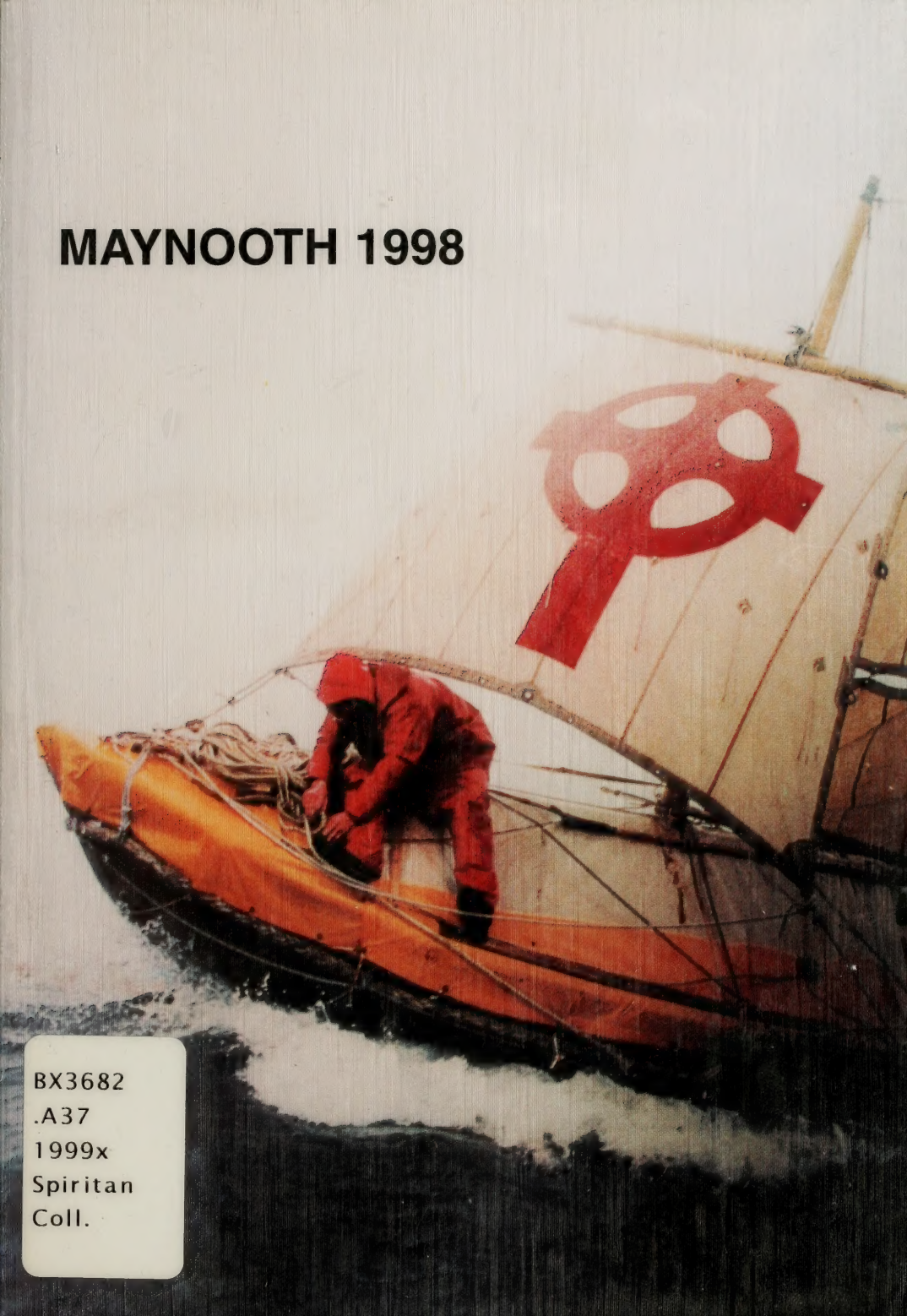
MAYNOOTH 1998



BX3682
.A37
1999x
Spiritan
Coll.

SPIRITAN COLLECTION
DUQUESNE UNIVERSITY
The Gumberg Library

Congregation of the Holy Spirit
USA Eastern Province

Capa: Evocação de São Brendan, o Navigador, missionário irlandês do século VI.

CONGREGAÇÃO DO ESPIRITO SANTO

CAPITULO GERAL 1998
MAYNOOTH – IRLANDA

"FAZ-TE AO LARGO"

Casa Generalizia
Clivo di Cinna 195
Roma

BX 3682
.A37
1999+
SPIR
1905361

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
Lyrasis Members and Sloan Foundation

http://www.archive.org/details/generalchapter1999holy

"FAZ-TE AO LARGO"

Roma, 08 de Dezembro de 1998

Irmãos e Irmãs

Eis os textos que levam a cada um e a cada uma, Espiritanos professos e leigos associados, o testemunho e os apelos do Capítulo Geral reunido em Maynooth, Irlanda, de 12 de Julho a 08 de Agosto de 1998. Segundo as instruções do Capítulo, o Conselho Geral encarregou-se da redacção final.

Alguém tinha expresso o receio de que o Capítulo não "ficasse em águas de bacalhau" sem nada produzir! Penso que não lhes enviamos textos mortos. Foi uma assembleia viva, vinda de todos os lugares onde existe a Congregação, que os elaborou. É preciso assimilá-los. Este livrete ficará letra morta se o pomos definitivamente numa estante, ou numa gaveta ao abrigo da poeira. Mas pode ser portador de vida se lhe damos tempo para o ler e para o discutir em comunidade.

O documento não substitui a nossa Regra de Vida na qual o Capítulo não quis tocar, a não ser em alguns pormenores. Ele é uma actualização da nossa Regra. Reafirma o sentido da nossa vocação espiritana na situação actual do mundo. Permite-nos avaliar as nossas actividades e as nossas motivações. Tomá-lo a sério é de algum modo prestar atenção à voz de toda a Congregação. O documento pode então tornar-se um elemento para construir, no seu espírito e na sua organização, a unidade da nossa família espiritana dispersa e diversificada.

Meditando estes textos, podemos também reconhecer neles de alguma maneira a voz dos espiritanos que nos

precederam, presentes na assembleia de Maynooth como testemunhas invisíveis. Os nossos fundadores foram citados muitas vezes e o Capítulo aprovou um programa de sensibilização à nossa tradição. Respondia assim a um maior desejo da Congregação, de reencontrar a sua inspiração original, agora que se aproximam os nossos aniversários.

Em cada um dos grandes pontos do programa do Capítulo, apreendemos, na experiência espiritana actual, sinais de vitalidade, como que promessas que nos convidavam a ter confiança, a comprometermo-nos plenamente na nossa missão hoje, a convertermo-nos. Com o Conselho Geral, desejamos que meditando estes textos, escutando os delegados, trocando entre nós intuições e ideias, recebamos um novo sopro daquele que é o Protagonista da nossa missão.

Acreditamos que no Capítulo Ele nos fez compreender o que o Senhor quer dizer à nossa Congregação, nesta etapa da sua já tão longa história, alguma coisa como a palavra dita a Simão Pedro que tinha trabalhado toda a noite sem nada apanhar: "Faz-te ao largo" (Luc.5.4). Sentimo-nos chamados a opções novas e radicais, não forçosamente espectaculares, ao serviço dos mais desprotegidos, a uma larga colaboração com os outros, a uma fraternidade vivida no nosso próprio Instituto e, através de tudo isso, a uma verdadeira vida espiritual.

Fraternalmente

Pierre Schouver, CSSp.
Superior Geral

0. INTRODUÇÃO

A CONGREGAÇÃO COMO UM VELEIRO

A imagem, utilizada por Libermann (ND VII, 145) num sentido um pouco diferente, pode evocar a estrada da Congregação nestes últimos anos e situar o Capítulo de Maynooth.

0.1 Que se passou em Maynooth?

0.1.1 No dia a dia: sinais, testemunhos, espírito

Na missa de acolhimento, na tarde de 12 de Julho, os delegados dos diversos continentes lançaram no fontanário, ao fundo da capela em Maynooth, a água dos grandes rios da terra. Cada um dos participantes levava qualquer coisa do seu país e da sua Igreja, de que ele próprio não estava plenamente consciente e que iria descobrir um pouco mais no contacto com as diferenças dos outros. O encontro em Maynooth foi uma descoberta da riqueza multiforme da Congregação e também do nível que a acção do Espírito exerce em nós e em que somos chamados a comprometermo-nos, para além das convenções superficiais.

O ambiente de festa desta primeira tarde não veio somente do Campeonato do mundo de futebol, cuja final vimos na televisão. Ele ia continuar ao longo de todo o Capítulo. Provinha sem dúvida da beleza do contexto e do excelente acolhimento da Província da Irlanda, da qualidade da preparação e da organização, que deixava antever que tudo iria correr bem. Mas a alegria era sem dúvida antes de tudo a expressão das atitudes de confiança e de disponibilidade de uns para com os outros sob a acção do Espírito do Senhor.

Notava-se um clima de oração, não só na liturgia, umas vezes mais solene outras mais simples, mas também na apresentação dos testemunhos e no recolhimento da escuta.

Logo no dia seguinte, o incentivo espiritual para o primeiro dia de retiro, veio da África, do Reitor do SIST (Enugu) que era um dos 15 delegados africanos (entre 63). Durante a missa de abertura, as velas acesas entregues aos delegados, aos membros do Conselho Geral e aos convidados, reflectiam a luz simples que o Espírito dá a cada um para a comunicar.

Três Domingos de excursões fizeram-nos seguir os traços da pré-história e da história da Irlanda: Rockwell com a Abadia de Santa Cruz e Cashel, Armagh e o Centro Navan na Irlanda do Norte e por fim a peregrinação a Knock no Oeste. Oradores excepcionais puseram-nos em contacto com a sociedade e a Igreja em que estão comprometidos, para questões que ultrapassam as fronteiras do seu país. O que nos disseram a Presidente da Irlanda, Mme Mary McAleese, os Arcebispos de Dublin e de Armagh, Mgr. Connel e Mgr Brady, o Dr. Sutherland, economista e o P. Enda McDonagh, teólogo, ressoou em nós como um eco do que o Espírito nos dizia nas nossas trocas de impressões.

Criaram-se depois relações amigáveis entre nós, apesar de todas as diferenças. A rapidez das eleições, o acolhimento feito aos relatórios do Superior Geral e do Ecónomo Geral e às apresentações das experiências significativas, suscitaram unanimidade dos participantes vindos dos quatro canto do mundo, de qualquer idade, de várias culturas e competências. Nesta unanimidade impressionante, reconhecemos a acção do Espírito no meio de nós.

0.1.2 Uma experiência da Congregação, hoje

O que vivemos durante o Capítulo não era a euforia fruto de um bom ambiente. Sentimos aí a expressão dum movimento real da Congregação.

Vivemos num tempo em que várias circunscrições têm consciência de que não sobrevirão tais como são, mas que possuem ainda o seu dinamismo espiritano. Ao mesmo tempo uma nova vida espiritana se desenvolve por toda a parte, por vezes com as dores do nascimento. Como Abraão, avançamos por causa duma promessa, sem conhecer o país aonde chegaremos.

Tomamos consciência do nível em que se situa, seja a nossa esperança ou seja o risco de se afundar... como o Titanic? Não é o momento de nos dividirmos por questões sem importância ou por susceptibilidades individuais. A convicção de estarmos num período de opções cruciais explica talvez em parte a unanimidade da assembleia de Maynooth.

De qualquer modo fizemos a experiência espiritual concreta da Congregação tal como ela é hoje. Pudemos avaliar os quatro domínios importantes no programa do Capítulo. Discernimos aí os pontos concretos da fidelidade criativa e as orientações portadoras do futuro do nosso carisma.

Manifestámos o desejo de que todos os Espiritanos tomem parte no movimento da Congregação tal como emergiu mais claramente durante a nossa assembleia. Em diversos momentos, o Capítulo mostrou que todos, qualquer que seja a sua inserção particular, podiam viver as grandes orientações de Maynooth. A assembleia pediu também que, nas diferentes circunscrições, se façam tentativas para reatar os

laços com os confrades que têm estado distantes da Congregação.

0.2 Olhar sobre o período que precedeu o Capítulo de Maynooth

0.2.1 Um tempo para uma nova arrancada missionária

Durante os últimos trinta anos, a nossa missão mudou muito com a tomada de responsabilidades pelas Igrejas locais, o enfraquecimento das antigas circunscrições e o desenvolvimento das novas. Ao mesmo tempo, a Congregação tomou consciência do seu próprio carisma e expressou-o na nova Regra de Vida. Assim começou este tempo de discernimento que nos dá sensação de instabilidade. Nós reexaminamos as nossas antigas obras e estudamos novos projectos para que os nossos compromissos correspondam tanto à nossa missão específica como aos nossos meios.

Com a aproximação do Capítulo, o conhecimento da dificuldade da missão e da nossa fraqueza corria o risco de nos preocuparmos só com a manutenção e a gestão das obras existentes. Daí a questão que um Grupo pôs: "o Capítulo devia examinar em que medida a manutenção e a consolidação foram preferidas à missão. O futuro da Congregação dependerá da sua fidelidade à sua missão específica."

As iniciativas dos nossos fundadores e dos nossos predecessores tiveram como ponto de partida a tomada de consciência das necessidades dos pobres do seu tempo. Para que a Congregação conserve este dinamismo, é preciso que o Capítulo examine as necessidades mais urgentes de hoje. Sentimos o apelo para deixar uma vez ainda as nossas posições

adquiridas e nos tornarmos disponíveis para o que é mais urgente e que corresponde melhor à nossa vocação.

A nossa situação mais modesta nas Igrejas locais e nas sociedades cada vez mais secularizadas, contribuiu para nos sensibilizar ao que a nossa relação missionária podia comportar de dominação. O desejo duma nova arrancada missionária era também o dum novo estilo, de novas relações com as pessoas.

A experiência duma Congregação mais diversificada, espalhada no mundo inteiro em grupos mais pequenos, ensinou-nos igualmente a importância da qualidade das relações entre nós, na comunidade, na prática da solidariedade, no exercício da autoridade. Sem a confiança mútua, a organização de pouco serve.

Diante de desafios complexos, particularmente o de nos debruçarmos sobre as causas dos sofrimentos e das injustiças que oprimem os mais desprotegidos, desenvolve-se uma maior colaboração. Ela estabelece-se com os líderes das Igrejas locais, com os outros institutos e com numerosas associações, e de maneira muito particular com os leigos próximos de nós.

Traços da vida espiritana foram assim postos em evidência:

- A autoridade do testemunho, diferente dum poder institucional;
- A fecundidade dum espírito que se comunica e duma educação que se dá, que ajudam as pessoas a agir por si mesmas, e que valem mais que uma eficácia directa e rápida;

- A mensagem contida numa caminhada de amizade, mais forte que as palavras;
- Um compromisso que vá até ao dom da vida;
- Relações de colaboração que representam mais que um simples ganho em eficácia.

O tipo de relação missionária e comunitária que emerge é marcado pela discrição que é talvez uma característica da acção do Espírito. Um verdadeiro gesto de amizade não é invasor nem possessivo. Quanto mais simples e respeitoso, mais impacto produz no coração dos outros. A adesão profunda ao Evangelho é suscitada mais pela qualidade da relação do que pela intensidade da sedução ou pelo martelar dos argumentos. Esta qualidade de vida vem-nos do sopro do Espírito. Isso leva-nos a uma outra característica da nossa experiência.

0.2.2 A preocupação de captar as fontes

O Capítulo de Itaici foi notável devido ao lugar dado à experiência espiritana como fonte para pesquisar aonde nos conduzia o Espírito e aonde encontrar uma nova vitalidade para uma missão que, antes de ser estratégia, era espiritualidade. Isto não era um caminho inteiramente novo. A experiência espiritana havia já sido integrada na elaboração da nossa Regra de Vida. Religiosos que tiveram ocasião de ler a nossa Regra de Vida, apreciaram-na muito. Comparando-a à mais antiga da sua Congregação, um deles dizia: *"A nossa Regra é seca, jurídica. A vossa é viçosa".*

No Conselho Alargado de Dacar, a formação permanente apareceu fundamental neste período da nossa história. O Directório da Formação exprime assim o desafio: "Formando-nos permanentemente

nos diversos aspectos da nossa vocação, damos progressivamente corpo a uma espiritualidade que unifica o nosso compromisso: sabedoria ao mesmo tempo "humana" e evangélica, individual e comunitária, dom a receber e tarefa a realizar" (DF 106).

No Senegal, também tomámos consciência do carácter cada vez mais africano da Congregação, não só por causa do número de membros mas também devido a um estilo e um espírito particulares. Em Dacar encontrámos a inspiração duma Igreja viva e duma história que sobretudo a visita a Gorée tornou presente. O Conselho Geral Alargado de 1989 tinha sido realizado em Arusha, na Tanzânia, outro lugar importante das origens da nossa missão no continente. Foi igualmente para pesquisar as fontes de inspiração que fomos ao Brasil em 1992 e à Irlanda em 1998, e não ficámos decepcionados.

Pouco a pouco, fomos descobrindo que o mais importante para a Congregação era captar as fontes vivas onde ela haurisse de novo sentido e energia para uma missão difícil, num tempo em que os seus membros provêm mais de outros continentes do que aquele onde ela nasceu. Em Maynooth falámos das "fontes de inspiração". Antes de ser um corpo organizado para a acção, a Congregação é e deve ser um corpo organizado para captar inspiração, como um grande navio que desfralda todas as velas e cuja tripulação é solidária para o melhor e para o pior. Estas preocupações manifestaram-se também ao longo da preparação do Capítulo de Maynooth.

0.3 Preparação do Capítulo

Mais do que fazer um programa e definir assuntos para discussão a partir do escritório, o Conselho Geral, seguindo a visão evocada acima, procurou ir beber à sua

própria experiência de seis anos de convivência da Congregação e à experiência de todos os membros. Um sumário da experiência dos Conselheiros com as suas questões, foi enviado a todos os membros para apresentarem as suas questões e a sua própria experiência. As respostas colectivas de 49 circunscrições entre 69 e as respostas individuais, foram estudadas, sintetizadas e resumidas por uma comissão ad hoc.

As respostas reflectiam a consciência clara dos nossos limites actuais em pessoal, apesar do desenvolvimento das novas Fundações e Províncias. Os confrades que responderam à consulta insistiram sobre a necessidade de uma boa e prudente gestão do pessoal e das finanças. Apesar disso, a posição dominante era de ir para a frente, com o sentimento de que se os assuntos que nos preocupavam nos fechassem às novas necessidades e às novas perspectivas, correríamos o risco de perder a inspiração e com ela a própria vida.

Foi a partir deste trabalho preparatório que o Conselho Geral, com a ajuda do Secretário Geral do Capítulo, redigiu os "Quatro fundamentos da Vida Espiritana", expressão essencial do programa do Capítulo. Deles apresentamos agora um resumo, como âmago das mudanças e das orientações de Maynooth.

0.4 Documento de trabalho do Capítulo: Quatro Fundamentos da Vida Espiritana

A pergunta posta ao Capítulo de Itaici era: "Aonde nos conduz o Espírito?". A resposta a esta pergunta, encontramo-la na Bíblia, na nossa tradição espiritana, e também na nossa experiência actual, tal como se reflecte nas respostas ao questionário pré-capitular. A partir destas respostas, o Conselho Geral propôs quatro grandes temas para o Capítulo: A nossa Missão – As

nossas fontes de inspiração – A nossa vida em comum – O nosso ministério partilhado.

As respostas revelam a realidade que a nossa vida subentende: a necessidade de estarmos solidamente enraizados na vida do Espírito Santo. Aí é que está a fonte do nosso dinamismo interior, para além das experiências superficiais e das questões da administração e da organização. Sem este sopro, nós não passamos de "*um bronze que soa e de um címbalo que retine*" (I Cor. 13.1). Ao mesmo tempo, reconhecemos que Libermann fundou a sua congregação a partir das necessidades do mundo do seu tempo.

Na fidelidade a Libermann, alguns pontos não nos parecem negociáveis: anúncio do Evangelho aos mais abandonados, vida de comunidade, santidade pessoal, vida de oração e disponibilidade ao Espírito Santo. Compete-nos "*verificar a fidelidade da Congregação à sua missão na Igreja*" e "*animar a vitalidade religiosa e apostólica dos membros do Instituto*" (RVE 214).

0.4.1 A nossa missão (cf. Jo.20,21-22 e Act. 1,8)

A nossa experiência é a de uma missão que ultrapassa inteiramente as capacidades humanas e nos faz sentir a necessidade de receber a força do Espírito Santo. Esta força vem-nos pela Igreja onde Jesus continua a sua missão, à qual somos particularmente chamados.

Ao encontro dos pobres de Deus

O Espírito conduz-nos para estarmos ao serviço de todos os homens, sobretudo dos pobres, dos excluídos e marginalizados, para os ajudar, para viver e trabalhar com eles, para tornar efectivo o Reino de Deus nas obras de justiça, de paz e de reconciliação.

Chamados ao diálogo

O apelo do Espírito Santo é incessantemente revelado no testemunho da nossa própria Igreja, e também no testemunho de pessoas e grupos de diversas culturas e experiências espirituais. Nós sentimos a necessidade de diálogo com estas outras testemunhas da revelação de Deus. Estas experiências encontram-se sobretudo nas situações de primeira evangelização, que continua a ser a nossa principal prioridade.

Inculturação do nosso carisma

Os jovens espiritanos provêm sobretudo de culturas diferentes daquelas onde a Congregação nasceu. O Espírito Santo convida-nos à inculturação do carisma espiritano. Ele abre-nos a formas que reflectem as culturas de origem dos nossos jovens confrades. Na nossa herança, há a orientação para a missão "ad gentes" e um interesse especial pela África.

Nas novas Igrejas, sentimo-nos chamados a suscitar o dinamismo missionário e a promover o apoio concreto da missão da Igreja.

Pontos particulares

Nós experimentamos a força de transformação do Evangelho que conduz à conversão, ao renovamento e à reconciliação, antes de mais em nós mesmos. Nas Igrejas locais, o dinamismo da evangelização passa muitas vezes pelo ministério paroquial. Este ministério deve fazer-se em comunidade e segundo critérios espiritanos.

Novas iniciativas missionárias são bem-vindas. Mas é preciso um discernimento comunitário, para assegurar a solidariedade e a continuidade evitando a dispersão. Estamos comprometidos em obras educativas, e

recebemos novos pedidos de compromisso neste domínio. A educação é também um lugar de anúncio do Evangelho.

A formação, inicial e permanente, deve preparar os espiritanos para darem uma resposta criativa às realidades e exigências presentes e futuras da missão. As realidades mudam; é preciso portanto reavaliar continuamente os nossos programas de formação.

O nosso compromisso missionário inclui todas as fases da nossa vida. Mesmo na reforma ou na doença, continuamos a viver *"esta vida de amor e de santidade que o Filho de Deus levou na terra..."* (Regra de 1849 & RVE 3).

0.4.2 As nossas fontes de inspiração (cf. Rom. 8,26 – RVE 85 e 89)

Vamos buscar a nossa força e a nossa perseverança à familiaridade orante com a Palavra de Deus e à celebração regular da Eucaristia. Como espiritanos, a nossa vida de oração está intimamente ligada à vida apostólica; temos uma relação particular com o Espírito Santo, fonte de toda a verdadeira missão e com o Coração Imaculado de Maria. Recebemos a nossa inspiração particular do carisma dos nossos fundadores e da nossa história.

Exaurimos a força deste carisma, partilhado com os outros confrades, na fidelidade criativa a uma mesma Regra de Vida, na nossa experiência comum do Evangelho e no apelo comum. Uma vida de comunidade simples, fraterna e verdadeira, na solidariedade e fidelidade, é fonte de maturidade humana vivida na paz e na alegria. A nossa vida

comum é enriquecida pela diversidade cultural, pela qual o nosso carisma se manifesta no mundo de hoje.

A nossa experiência actual é de viver em simbiose com aqueles aos quais o Espírito nos envia. Tomamos consciência de nós próprios sermos evangelizados. Evangelizando os pobres, procuramos também ser por eles evangelizados. A nossa amizade e diálogo com eles, crentes ou não crentes, que foram tocados pelo Evangelho, inspira-nos e encoraja-nos.

Uma vida inspirada pela contemplação dos caminhos do Espírito na história não pode admitir um pessimismo durável. Ela encoraja-nos a sermos optimistas diante dos desafios do nosso mundo. O Espírito faz-nos entrever e discernir os sinais dos tempos (Cf. RVE 86).

0.4.3 A nossa vida em comum "Cor Unum et Anima Una" (Cf. Vita Consecrata, 72)

Chamados a viver em comunidade

O mesmo Espírito que nos chama à missão, chama-nos também à vida de comunidade. Vivemos a nossa vocação na grande comunidade da Congregação ou da circunscrição, e na comunidade espiritana local. Muitas das nossas comunidades actualmente são inter-culturais, internacionais e inter-gerações, sinais de que é possível uma nova sociedade. Esperamos que se desenvolvam, com uma formação adaptada.

Testemunho e discernimento

Num mundo dilacerado e individualista, a comunidade é um testemunho de comunhão evangélica. Cada um de nós é chamado a integrar a sua caminhada pessoal e o seu apostolado na Congregação. Descobrimos

então o sentido da obediência: a comunidade torna-se o lugar privilegiado do discernimento da vontade de Deus. Ela é também o remédio contra a tendência de nos centrarmos em nós mesmos no nosso trabalho.

Solidariedade

A vida de comunidade morre quando os seus membros não têm verdadeira abertura uns para com os outros. Nos casos difíceis, não basta apelar para a diferença de culturas. É preciso desmascarar certos desvios: uso dos carros, contas pessoais e outros aspectos da nossa maneira de viver em oposição com o nosso ideal de partilha. A nossa vida em comum deve melhorar os canais de solidariedade que permitem fazer face às necessidades de cada um.

Viver só: apelo à fidelidade

Se por vezes um espiritano tem de viver só, deve ficar claro que esta situação nunca será normal. É inquietante verificar que tantos confrades vivem sós. Torna-se difícil ver na "comunidade regional" uma alternativa credível. Estas comunidades raramente reúnem as características indicadas na RVE 32.2. A Congregação deveria tomar posição diante deste problema.

0.4.4 **Ministério partilhado** (Cf. Vita Consecrata 56 e RVE 24.3)

A generosidade dos leigos que desejam partilhar a nossa missão, a nossa espiritualidade é um dom feito à Congregação e sobretudo à nossa missão. Continuamos abertos a novos desenvolvimentos da colaboração dos leigos. Este atractivo testemunha a riqueza da nossa tradição e a profundidade do nosso compromisso. Tanto a tradição de Poullart des Places

como a de Libermann são suficientemente abertas para dar lugar a compromissos diversificados na nossa missão ou na nossa espiritualidade. Uma tal colaboração permite a continuidade e a difusão do espírito espiritano nas obras donde decidimos retirar-nos.

Em muitas circunscrições há já colaboração com outros Institutos sobretudo no campo da formação. Uma tal colaboração em projectos comuns, deveria ser encorajada a todos os níveis: ela serve a nossa missão e optimiza o uso dos nossos recursos.

0.5 Uma visão mais unificada da Vida Espiritana

A visão do Capítulo de Maynooth faz-nos viver de maneira mais unificada as quatro dimensões do nosso compromisso: missionário, comunitário, espiritual, aberto à colaboração. Estes componentes da nossa vida religiosa missionária reforçam-se uns aos outros como os fios de uma corda.

Uma missão de proximidade e de testemunho exige uma verdadeira vida espiritual e ela é ao mesmo tempo fonte de inspiração. A conversão do coração é indispensável para uma verdadeira vida fraterna e esta em compensação é uma grande fonte de dinamismo e de purificação do coração. A unidade entre espiritanos sustenta os nossos compromissos missionários e, em compensação, este género de compromisso, específico da nossa vocação, é o que nos mantém mais firmemente unidos. A colaboração pode reforçar a inspiração própria de cada um dos parceiros e criar ao mesmo tempo uma unidade mais profunda entre eles.

Para empregar um símbolo utilizado no Capítulo, a nossa vida missionária é como uma grande peregrinação ao encontro dos povos da terra, prioritariamente dos mais

desfavorecidos. Ela faz-nos viver ao mesmo tempo uma peregrinação ao encontro dos nossos confrades e dos nossos colaboradores na sua singularidade. Na linha de múltiplos encontros, somos levados a fazer uma espécie de peregrinação no interior de nós mesmos. Toda a nossa vida se torna uma marcha sob a conduta do Espírito, com Jesus para o Pai.

O símbolo do navio pode traduzir o que está em jogo na visão da nossa organização que o Capítulo aprovou. O navio fez-se ao largo com o curso da história deste tempo e não tem caminho para regressar ao porto. Avança sob a força do vento que sopra nas suas velas desfraldadas. A tripulação cosmopolita mas unida, faz as manobras delicadas do velame e do leme, necessárias para aproveitar o vento e manter a proa num mar agitado, no meio duma flotilha de parceiros impelidos pelo mesmo vento e embarcados para a mesma aventura.

1.1 EVANGELIZAÇÃO ENTRE OS NÓMADAS DO PAÍS BORANA
Etiópia

Uma imensa região

O Borana é a região mais meridional da Etiópia, tocando a fronteira norte do Quénia e tendo cerca de 120.000 km^2 . A população, composta por vários grupos étnicos (os Borana, que são a maioria, os Guji, os Gabra, os Gburji, etc.) é um povo de pastores semi-nómadas. Eles vão e vêm nesta imensa região, à procura de pastos e de água para os seus rebanhos, de que depende a sua sobrevivência. Actualmente somos sete os espiritanos no país Borana: dois dos Estados Unidos/Este, três da Nigéria e dois da Holanda, e trabalhamos em três centros: Dadim, Dhoqolle e Yavello. Em Dadim, trabalhamos em estreita colaboração com três Missionários Médicos de Maria, que fazem connosco uma só comunidade apostólica. Cada grupo conserva a sua identidade e a sua autonomia auferindo benefícios do apoio mútuo, do trabalho em equipa e da partilha da experiência.

Profundo respeito pelas pessoas

Desde o princípio demos grande importância ao respeito pelas pessoas e pelo seu modo de vida. Partindo da sua situação, procurámos sempre conservar o melhor da sua cultura e do seu modo de vida, vendo a maneira de em seguida os integrar nos nossos métodos de evangelização e na nossa fé cristã. É um processo muito lento, sobretudo se somos tentados a avaliar os frutos pelo número dos baptismos. E, na verdade, os números não são muito encorajantes, se considerarmos que a nossa missão celebrou já o seu jubileu de prata : 250 católicos em Dadim, 30 em Jijiddu, 60 em Doqolle e 30

em Yavello. A nossa esperança é que a nossa aproximação, quer dizer o estar com as pessoas, em tempo de paz como nos períodos agitados, partilhar a sua vida, dialogar e comunicar-lhes a Boa Nova de Jesus Cristo no contexto da sua cultura e do seu modo de vida, permitir-lhes-á aproximarem-se da plenitude da vida que Jesus leva a todos os homens. Nós já descobrimos que os Borana, através do diálogo e da partilha, nos têm ajudado a compreender a nossa própria fé e a torná-la mais forte.

A cerimónia do café

A nossa principal maneira de evangelizar é o ensino na aldeia. Às vezes somos nós que nos convidamos, outras são as pessoas que, ouvindo falar de nós, nos pedem para lhes fazermos uma visita. A partilha da Boa Nova faz-se sempre no contexto da cerimónia do café, que está no centro do ritual popular. Reunimo-nos numa casa; fazem passar grãos de café, e cada um toma um punhado para os descascar. Os grãos descascados são em seguida juntos e fritos com óleo ou manteiga. Antes de se lhe deitar leite, uma parte deste óleo é distribuído aos que se querem untar com ele. Uma vez preparado o café é deitado numa grande malga de madeira e o mais idoso benze-o. Em seguida é distribuído a todos os assistentes, começando pelo homem mais velho para acabar pela moça mais nova. Durante este tempo lê-se uma passagem do Evangelho, põem-se perguntas e dão-se explicações. A cerimónia termina com uma oração, feita pelo catequista ou pelo padre. Ao fim de dois anos mais ou menos, as pessoas que seguiram este ensinamento são convidadas a entrar no catecumenato. Evidentemente, a vida nómada exige que se sigam as pessoas durante as suas deslocações, o

que nem sempre é fácil, visto elas irem à procura de novas pastagens e de água para os seus rebanhos.

Integração de símbolos

Na comunidade cristã temos procurado inculturar a nossa celebração da Eucaristia. Os sacrifícios de animais são um rito importante para os Borana; durante este rito, os assistentes passam a mão sobre o animal, orando pela paz, pela chuva, pela segurança... pela sua sociedade. Este gesto, introduzimo-lo na cerimónia do ofertório da missa: todos são convidados a estender a mão sobre as oferendas pedindo pela paz, etc. Temos também tentado introduzir algumas orações eucarísticas sob a forma de diálogo, que é a forma tradicional de oração entre os Borana.

Oferecer às pessoas novas escolhas

A educação foi desde o princípio um elemento importante do nosso apostolado, com o fim de oferecer a estas pessoas, de facto marginalizadas porque são pastores, novas escolhas na vida e torná-las capazes de assumirem, na economia do país, o seu verdadeiro lugar de principais produtores de carne. A educação tem também como objectivo unir grupos étnicos que vivem uma tradição de animosidade e de hostilidade recíproca. A nossa política de acolher nas nossas três escolas, crianças de diferentes grupos étnicos e de fazer da educação religiosa a base da moralidade e do viver em comum, tem sido particularmente eficaz. A internacionalidade da nossa comunidade tem tido também o seu impacto. As pessoas admiram-se de ver homens e mulheres de diferentes cores e nacionalidades, viverem juntos na paz.

O desenvolvimento tem sido também um outro elemento importante de aproximação geral de evangelização. A

princípio era sobretudo uma questão de ajuda alimentar; agora o acento é posto em programas de desenvolvimento a partir das comunidades. Estes são inspirados sobretudo pelo programa DELTA, cujo fim é ajudar as pessoas a identificar os seus problemas e a procurar soluções para eles. Isto tem contribuído para ganhar a confiança entre as pessoas de diferentes grupos étnicos.

Um futuro prometedor mas incerto

Mesmo se em termos de resultados palpáveis a nossa acção é muito lenta, há sinais de esperança que deixam antever um futuro promissor. A nossa presença, sobretudo nos momentos difíceis, favoreceu uma atmosfera de confiança e de benevolência, que leva as pessoas a serem mais receptivas ao que nós dizemos do Evangelho e da educação. Actualmente, dois jovens Borana estão no Quénia para seguir um curso de catequese e um outro está na nossa casa espiritana de filosofia na Tanzânia, com a vontade de entrar na Congregação. O nosso maior problema vem da falta de segurança para o futuro, no que diz respeito ao pessoal e finanças. É preciso na nossa Congregação uma vontade de partilhar os nossos recursos financeiros e humanos, para que os grupos internacionais como o nosso, alcancem uma sólida estrutura assegurando-lhe pessoal e continuidade.

Peter OSUJI

1.2 PERCURSO DE PRIMEIRA EVANGELIZAÇÃO
Senegal, Guiné-Conakry, Guiné-Bissau, Mauritânia, Argélia

Poder-se-ia afirmar que a primeira evangelização é antes de mais uma caminhada missionária que se realiza nos contextos onde a Boa Nova ainda não é conhecida, onde a Igreja não está presente com as suas instituições; e esta caminhada missionária consiste antes de tudo em criar laços de amizade, escutar, assinalar "sementes do Verbo" e começar um caminho em comum. As parábolas deste tipo de presença seriam o discurso de Paulo aos atenienses e o encontro de Pedro com o centurião Comélio.[1] Esta definição em sentido lato inclui também os nossos confrades que trabalham num meio mais especificamente islamisado, como a Mauritânia ou a Argélia. A primeira evangelização é um processo activo: **estar com** um povo, em **solidariedade concreta** com ele; esta caminhada implica uma **dupla conversão**: a do missionário e a das pessoas que ele encontra.

Estar com, em situação de aprendizagem

A primeira evangelização, em qualquer lugar que seja, é antes de mais uma dinâmica que privilegia o estar com um povo, a vontade de partilhar a sua vida. Isso é impossível se não nos pomos resolutamente em situação de aprendizagem, na posição de alguém que começa. Há vários caminhos de aprendizagem:

- Primeiro, aprender a língua;
- Fazendo isto, entra-se também no universo cultural de um povo, tanto no que ele tem de tradicional

---

[1] Claude Tassin: *conversion de Corneille et conversion de Pierre*, Spiritus nº 141, pp. 465-475.

(grandes ritos da vida, tradições orais, história) como no que ele tem de instável;

- Entrar na cultura religiosa dum povo: é preciso tempo, muito tempo... Penetrar no mundo tradicional, nos seus mitos e ritos, nos seus inumeráveis sacrifícios, perceber o sentido das máscaras... e em tudo isso a procura de mais vida, de fecundidade e de boas relações com o outro, com Deus. Entrar no mundo do Islão, com o seu Livro, a sua teologia, as suas práticas... por vezes o seu lado extremista;
- Entrar na história dum povo: história antiga; história muitas vezes dolorosa, seja por causa da colonização, seja pelo desprezo e esquecimento contemporâneos em certas etnias minoritárias;
- É um caminhar inteiramente nosso, uma capacidade de empatia, de estar em bom relacionamento com as pessoas. É sentir-se à vontade com um povo, partilhar a sua vida quotidiana; aceitar viver em qualquer parte e aí se sentir bem.

Em redes de solidariedade

A primeira evangelização exprime-se também num agir, em redes de solidariedade concretas, sendo importante o que se é, não o que se faz:

- Trabalho paciente de lutar com as minorias, para que elas sejam reconhecidas. Há culturas e línguas desprezadas em conjuntos mais amplos. Quando os confrades ajudam as pessoas a defenderem-se contra as injustiças feitas aos "pequenos", lutam para que os direitos humanos sejam respeitados e para que nasça uma cultura de democracia, isso comporta um trabalho de Justiça e Paz.
- Trabalho de desenvolvimento nas comunidades humanas: sobretudo o trabalho de abrir poços.

- Trabalho de educação, favorecendo a criação de escolas, de lugares de formação das consciências.
- Ajudar a tomar consciência das mudanças às quais ninguém escapa: subversão das linguagens e das dependências, dos valores e dos poderes, esboroamento das coerências camponesas... Ajudar uma cultura a unir-se às outras, a entrar num debate com os outros, é uma tarefa delicada.
- Participar numa cultura de reconciliação e de paz, nas regiões atingidas pela guerra.

Uma dupla conversão

Estar com as pessoas e viver com elas, estando inteiramente solidários para que possam ter uma vida melhor, conduz a uma dupla conversão: a do missionário e a das pessoas. A conversão das pessoas pode ir, depois de um primeiro anúncio, até à sua entrada na Igreja. Mas a primeira evangelização supõe e implica a conversão do missionário; há vários lugares que interpelam:

- Entrar numa outra língua e numa outra cultura é um trabalho de despojamento, uma caminhada espiritual no sentido em que a entendia Libermann: "despojai-vos...".
- Privilegiar as atitudes de escuta e de compreensão; comportar-se como hóspede de um povo. É muito duro, por exemplo entre os nossos confrades da Mauritânia. É S. Paulo que repara na inscrição "Ao Deus desconhecido" e cita os poetas gregos.
- Aprender a gratuidade: o tempo das visitas, as ocasiões das conversas. Disseram-me em qualquer parte a propósito dum missionário: "ele trabalha todo o tempo, não se pode falar com ele".

- Testemunhar, estando por vezes simplesmente e corajosamente presente, como os nossos confrades da Argélia. Este género de presença já diz muito e é solidariedade.

Sem dúvida a conversão é também uma outra maneira de ver o lugar do missionário, diferente daquela que se aprendeu no seu meio: sair do clericalismo, fazer-se humildemente irmão, entrar naquilo que as pessoas procuram, nos seus problemas, nos seus costumes, no significado que elas dão à sua vida. Isto não é possível se nós próprios não somos sempre fiéis a este Espírito que nos ensina a rezar, a chamar a Deus "Pai", que solta gemidos em nós num trabalho de nascimento dum mundo novo.

Os lugares de conversão são múltiplos; mas aqui converter-se é talvez fundamentalmente "ir ao encontro dos outros", é "sair", ousar habitar as fronteiras da Igreja, para que cada povo reviva a manhã de Pentecostes, quando cada um ouvia falar das "maravilhas" de Deus na sua própria língua.

Gérard MEYER

1.3 A EDUCAÇÃO NA MISSÃO ESPIRITANA
Estados Unidos / Este

O carisma espiritano continuado

Nos Estados Unidos, há muito tempo que estamos envolvidos em numerosas tarefas de educação. Estas instituições estão marcadas com o selo espiritano à maneira da nossa própria formação como espiritanos, "por osmose": o ambiente da instituição e o testemunho vivido pelos espiritanos que estão comprometidos neste ministério particular da educação. É diariamente que os estudantes fazem a experiência dos valores dos seus educadores e estes são passados por eles quase sem o saberem.

Sendo cada vez menos numerosos os espiritanos em Duquesne e no Colégio do Espírito Santo (Holy Ghost Prep), temo-nos posto o problema da continuação do carisma espiritano nestas instituições. Sentimos necessidade de esclarecer o que faz uma instituição espiritana de educação, aqui e agora. O processo que temos escolhido é em parte planificado e em parte deixado à inspiração. Ele supõe uma grande colaboração com os leigos nestas instituições.

Projectos missionários

Há uma evolução paralela nas duas instituições. As duas começaram por formular um projecto missionário para a sua escola.

O projecto de Duquesne enumera cinco preocupações: elevado nível académico, valores morais e espirituais, ambiente ecuménico, espírito de serviço e problemas do mundo. Enquanto o "Holy Ghost Prep" abrange um corpo de professores e de estudantes muito diferentes, no seu projecto missionário encontramos expressas

preocupações semelhantes: elevado nível académico, formação moral, intelectual e espiritual, serviço dos pobres, constituição duma comunidade e desenvolvimento dos dons pessoais. Os dois projectos têm a preocupação da educação da pessoa no seu todo, e não apenas no nível intelectual.

Estes projectos por eles mesmos não são significativos, mas são a base duma reflexão contínua ao longo dos anos pelas diferentes instâncias destas instituições. Deste modo é a redacção dos projectos, a reflexão conduzida a partir deles por todas as pessoas comprometidas neste trabalho e a execução das implicações destes projectos, que têm constituído a base a partir da qual está "institucionalizado" o carisma espiritano destas obras.

Os desenvolvimentos

Para nós, uma instituição espiritana de educação deve ter em consideração a Igreja que chama a servir, o mundo que somos chamados a servir e as necessidades das pessoas que encontramos por uma e outra parte. Os projectos missionários têm-nos ajudado a centrarmo-nos neste apelo. As duas instituições alcançaram uma sólida reputação de um alto nível académico, reconhecido por observadores exteriores. Damo-nos conta de que somos chamados não só a instruir jovens, mas a formá-los moral e espiritualmente, e a fazer deles pessoas responsáveis e adultas. A educação, num ambiente de fé, não é somente um bem em si mesma, mas torna os estudantes capazes de reconhecer e responder à sua vocação de se comprometerem no mundo e de ter a preocupação dos outros. A ênfase está portanto posta neste serviço.

Universidade Duquesne: uma nova visão

A vocês que estão reunidos em Capítulo, convidamo-vos a olhar Duquesne de uma maneira diferente. Primeiro lançamos um olhar sobre o que foi realizado. Duquesne concedeu diplomas a mais de 225 religiosos e religiosas católicos, vindos de mais de 32 países. Entre aqueles, 25 estudantes da África seguiram o programa de doutoramento de filosofia em Duquesne, sendo a maior parte padres diocesanos e algumas religiosas. Só durante os últimos doze anos, 60 espiritanos obtiveram diplomas em Duquesne. Presentemente, 12 espiritanos de cinco países frequentam seis disciplinas a nível superior.

Nós pensamos que oferecer estudos em Duquesne, é apenas uma maneira entre outras de servir a Igreja e a missão espiritana no mundo. Apenas esboçamos a área da pesquisa e da formação no serviço das preocupações específicas dos espiritanos no mundo, tais como o programa para a resolução dos conflitos e os estudos para a paz. Como podemos levar os diferentes estudos sociais, a teologia e outras disciplinas a fazer progredir a nossa missão? Que pode oferecer uma universidade no campo da Justiça e da Paz, em face da globalização e dos problemas sociais e geo-políticos que daí resultam e que são um desafio para a Igreja e para nós mesmos na nossa missão? De que modos diferentes pode Duquesne ser útil às Igrejas locais no mundo? Como pode Duquesne ajudar-nos a viver uma colaboração mais profunda com elas?

Projectos de futuro

Nós quereríamos continuar a assegurar uma sólida presença espiritana na Universidade; mas podê-lo-emos fazer sem a ajuda concertada de toda a Congregação? Neste momento crucial somos obrigados a reconsiderar

o que temos e a avaliar a contribuição de Duquesne para a nossa missão.

Apelo ao Capítulo para que peça ao Conselho Geral que estabeleça uma estrutura que nos permita, como congregação, utilizar Duquesne do melhor modo para o serviço da nossa missão espiritana. A Congregação tem aproveitado este recurso e por isso lhe estamos gratos. É tempo da Congregação ver Duquesne, não apenas como um recurso a explorar, mas também como um compromisso no qual se investiram membros de numerosas circunscrições através do mundo.

Chris PROMIS

1.4 EDUCAÇÃO INFORMAL DAS CRIANÇAS
Bangui

Trabalhei durante vários anos na República Centro-africana, a nível nacional e na cidade de Bangui, no movimento *Aita Kue* ("Todos Irmãos e Irmãs"), um movimento da Acção Católica das crianças (7 a 14 anos) ligado a muitos outros em todo o mundo através duma coordenação internacional (MIDADE).

Capazes de decidir e de agir

A pedagogia deste movimento consiste no apostolado das crianças mediante as próprias crianças; isso a partir duma convicção partilhada com muitos outros movimentos: as crianças são capazes de tomar iniciativas, de se unir para agir ao seu nível, de transformar relações segundo a Boa Nova do Evangelho. Dentro deste movimento (*Aita Kue*), as crianças encontram-se com um responsável uma vez por semana, em grupos de 10 a 20 membros. Discutem, tomam decisões e têm actividades em comum.

Um exemplo, entre outros. Arnaldo é órfão de pai; é confiado aos cuidados duma das mulheres de seu tio, onde não se sente feliz: censuram-no por comer o alimento da família, sem os seus parentes nada pagarem... Volta para casa de sua mãe; mas esta manda-o novamente para casa desta mulher. Finalmente fugiu para os lados do grande mercado da cidade, trabalhando em casa dum comerciante ao lado dum bar, para ganhar algum dinheiro para se alimentar. Há crianças do bairro que pertencem ao *Aita Kue*; conseguem saber onde ele se encontra. Decidem então contactá-lo para ver se conseguem devolvê-lo à sua família. São bem sucedidas e convencem-no a voltar

para casa da sua mãe. Mas antes levam-no ao responsável do grupo para se lavar e vestir roupas limpas. A mãe agradece-lhes, muito admirada por ver que as crianças conseguiram reenviar-lhe o filho.

Verificamos que as crianças são capazes de agir com os seus meios, mesmo que sejam limitados. Algumas condições para que as crianças possam agir na sociedade:

- estar próximo delas para que possam exprimir-se com confiança (oralmente, ou mediante um escrito, um desenho, um poema, uma oração...);
- procurar ver com elas o que se pode fazer diante duma dificuldade;
- estar atento para identificar os líderes eventuais;
- apoiar as iniciativas e ajudá-las a levarem até ao fim as suas actividades.

Não falar em sua vez

Procuramos formar os responsáveis para realizarem completamente os seus projectos. É preciso evitar maus hábitos: decidir em vez das crianças; falar em seu lugar, em vez de lhes dar a palavra.

Esta formação demora tempo; conhece insucessos. Mas produz frutos: no próprio grupo das crianças, na sociedade, na Igreja, e mesmo no responsável do grupo... Para que esta formação seja sólida e a actividade coerente, é importante trabalhar "em cooperação": estabelecer laços entre grupos do mesmo país e com outros movimentos no estrangeiro.

Um mundo a descobrir

Trabalhar com estas crianças e estes jovens é apaixonante; mas não deixa também de nos incomodar,

porque isso faz-nos perceber melhor todas as dificuldades e obstáculos que elas encontram. Com confiança em Deus e nos homens, mantemos a esperança de que ainda não está tudo perdido e que o amor é ainda capaz de "movimentar" alguma coisa neste mundo.

Emmanuel MEAUDRE

1.5 ONDE ESTAMOS, QUANTO AO NOSSO COMPROMISSO PELA JUSTIÇA E PAZ?
Coordenador da Casa Generalícia[2] para J&P

Actuais compromissos pela Justiça e Paz

Segundo as directivas do Capítulo Geral de Itaici, o coordenador para a J&P desenvolveu múltiplas actividades, procurando clarificar o sentido e os métodos de trabalho para a J&P, comprometendo-se numa tarefa de formação neste domínio, mesmo fora da Congregação, colaborando com outras congregações e diversos organismos. Trabalhou em estreita colaboração com o Conselho Geral, sobretudo com o conselheiro encarregado de seguir particularmente este aspecto da nossa missão.

Os nossos compromissos actuais são sobretudo:

Solidariedade com as pessoas em situação de conflito

Em muitos lugares, os espiritanos continuam a arriscar a sua vida ficando com as pessoas que vivem situações de sofrimento indescritível. O apoio recebido dos confrades doutras circunscrições, a ajuda e a amizade manifestadas àqueles que vivem e trabalham em situações difíceis, são um sinal evidente de que o Espírito trabalha nas nossas vidas. Na Casa Generalícia, estando bem cientes de que quase nada podemos mudar nestas situações, fazemos o que está ao nosso alcance para conservar o contacto com estes confrades, por meio de cartas, fax ou telefone.

---

[2] Esta apresentação foi acompanhada de projecções a cores com a ajuda dum programa Power Point.

Trabalho em rede

Há cada vez mais colaboração entre as autoridades que se preocupam com a justiça social. Nós estamos em ligação com a rede AEFJN, com a União dos Superiores Gerais, com a SEDOS, com congregações e instituições de leigos, sobretudo no que diz respeito à justiça social.

Formação para a paz

Muitos espiritanos perceberam a importância do lançamento de programas de formação como o "Conflict Resolution Program" (Estudo sobre a resolução dos conflitos) na universidade Duquesne e suas extensões na África. A mistura de diferentes grupos étnicos na missa dominical é uma outra forma de construção da paz no mundo de hoje, assim como os programas de formação catequética centralizados sobre a paz. A actividade pela paz e a formação para a construir estão a tornar-se prioridades do nosso compromisso missionário.

Ministério social e J&P

> *"Dirigimo-nos especialmente aos povos, grupos e pessoas cujas necessidades são maiores e aos oprimidos"* (RVE 4). *"Devemos fazer-nos os advogados, o sustentáculo e os defensores dos fracos e dos pequenos, contra todos aqueles que os oprimem"* (RVE 14).

Hoje, fazemos tudo isso quer através de projectos específicos, quer a partir do contexto paroquial. Este género de ministério toma formas variadas:

- **Educação:** formal e informal, defesa dos direitos das pessoas, ajuda às pessoas para elas próprias se

organizarem na defesa dos seus direitos, formação das pessoas para a ideia e a prática de J&P.

- **Trabalho de desenvolvimento:** no campo e na cidade, escolas de agricultura ou técnicas, organismos de agricultores, comercialização, aprendizagem, ajuda para o lançamento de pequenas empresas, sistemas de créditos, informação para o controlo da natalidade.
- **Refugiados:** serviço junto dos refugiados, dos imigrados, dos presos, das vítimas da SIDA, dos drogados, dos jovens sem formação nem emprego nas cidades, das populações rurais em áreas afastadas.

Perspectivas de futuro

1. Muitas formas de ministério social mencionadas acima estão intimamente ligadas à J&P. Mas no futuro será preciso realçar mais o serviço directo de J&P, constituindo comissões e grupos J&P nas dioceses e nas paróquias.
2. Reforçar a rede de ligações já existente entre congregações e grupos de leigos.
3. Aprofundar a espiritualidade do serviço J&P.

John SKINNADER

1.6 UMA VOZ DOS SEM VOZ
Brasil

Violação dos direitos humanos

O Brasil tem sido muitas vezes objecto da atenção internacional nestes últimos anos, por causa da violação dos direitos humanos. As crianças, as populações autóctones, as pessoas da rua, os sem terra, as mulheres, o ambiente são apenas alguns grupos e categorias vítimas desta violação. A maior parte das vítimas não têm voz nem poder. Desde o fim da ditadura militar, pelos meados dos anos 80, o Brasil praticamente assinou todas as declarações internacionais dos direitos humanos. Daí, muitas perguntas se põem, sobretudo esta: "Porquê ainda tantas violações dos direitos humanos e pode-se fazer alguma coisa para lhes pôr fim"?

Uma ocasião para agir

Tais preocupações estiveram muito presentes por ocasião dum encontro de coordenadores J&P de diferentes congregações, organizado pelo Distrito espiritano do Brasil Sudoeste. Os participantes lembraram que o Brasil tinha enormes riquezas – ocupa o 8º lugar na escala económica mundial; que era também um país de desigualdades sociais gritantes, de injustiças, de violência e de exclusão. Sobre isso, poucas informações detalhadas são dadas no estrangeiro. Os participantes lembraram também que quando tais factos são conhecidos e atraem a atenção, a reacção das autoridades brasileiras é fazer todo o possível para reparar os crimes contra os direitos humanos. Numa palavra, o Brasil aparecia muito preocupado com a sua imagem internacional. A reacção à atenção internacional era manifestamente, em muitas ocasiões fonte de

publicidade no interior do país. Esta publicidade e as discussões que se lhe seguiam ajudavam muito as pessoas a tomar consciência dos problemas levantados.

Durante o encontro, os coordenadores presentes viram claramente que havia aí uma nova ocasião para trabalhar em favor dos direitos humanos e da justiça social. Decidiu-se lançar um projecto entre congregações para dar uma voz aos sem voz.

SEJUP e os seus serviços

O projecto recebeu o nome SEJUP (Serviço brasileiro de Justiça e Paz) e eu fiquei a ser o primeiro coordenador. Representantes das congregações comprometidas reuniam-se mensalmente. No seu caderno de encargos, o SEJUP incluía três missões importantes:

1. Denunciar a injustiça

É uma das principais missões: denunciar as injustiças e apelar à acção. Indivíduos e representantes de organizações foram convidados a enviar mensagens de protesto às autoridades brasileiras, pedindo a sua intervenção para pôr fim a violações específicas dos direitos humanos. Nós temos estado atentos para estabelecer uma infra-estrutura onde os grupos de defesa dos direitos humanos e as organizações de base possam enviar as suas denúncias e os seus relatórios sobre estas questões.

2. Construir a solidariedade

É a segunda missão importante do SEJUP desde o seu começo: criar contactos e construir a solidariedade. Ao longo dos anos, o SEJUP ajudou grupos brasileiros para a defesa dos direitos humanos a criar contactos, a viver a solidariedade e a trocar informações com outras organizações semelhantes

noutras partes do mundo. A maior parte destas organizações brasileiras só usam o português. SEJUP escolheu o inglês como língua de comunicação internacional, e assim permitiu aos brasileiros comunicar com os seus homólogos noutras partes do mundo.

3. Ajuda aos investigadores

Brasil tem uma longa história de lutas levadas até às suas raízes. A maior parte dos materiais, tais como livros, artigos e relatórios, não estão facilmente disponíveis para os investigadores neste campo, novamente por causa das dificuldades de língua, e eis porque a importância destas lutas atrai a atenção internacional.

Site de SEJUP (*http://www.oneworld.org/sejup/*) é presentemente uma das fontes de informações em inglês mais abundantes neste domínio e acessível aos investigadores em qualquer parte do mundo.

Uso da internet para defender os fracos

Ao longo dos anos, SEJUP tem utilizado boletins impressos, vídeos e sobretudo a internet para dar uma voz aos sem voz do Brasil. Um exemplo interessante da utilização do vídeo foi a colaboração com "Miryam Productions" da Califórnia, cujo director é o nosso confrade Paul Moran. Os dois organismos têm cooperado na produção dum vídeo de 28 minutos, intitulado "*The people of the Quilombos*". Ele conta a história de comunidades afro-brasileiras na defesa das suas terras e da sua cultura contra a ameaça de uma expulsão em massa. O vídeo está espalhado por muitas cadeias televisivas na América do Norte e no Brasil.

A Internet tem sido o instrumento principal usado pelo SEJUP para atrair a atenção internacional sobre a

violação dos direitos humanos no Brasil. Uma longa lista de assinantes recebe notícias semanais sobre estas questões. Todo o material preparado durante estes anos está disponível num site. Os que recebem estas informações utilizam-nas de diversos modos: além de mensagens de protesto dirigidas às autoridades brasileiras, isso serve para projectos escolares, para a investigação académica, para boletins especializados e para emissões de radio.

A Regra Espiritana de 1849, bem como o § 14 da nossa actual RVE apresentam-nos como "os advogados, o sustentáculo e os defensores dos fracos e dos pequenos contra todos aqueles que os oprimem". O projecto SEJUP tem-se esforçado por cumprir esta missão.

John KILCRANN

1.7 MINISTÉRIO JUNTO DOS REFUGIADOS NA PROVÍNCIA DA ÁFRICA DE LESTE

Um desafio à nossa porta

A Província da África de Leste está desde há muito preocupada com a situação dos refugiados nos países vizinhos. Os Capítulos tinham sugerido que nós nos devíamos comprometer neste ministério, mas foi preciso esperar 1994, com centenas de milhar de refugiados fugindo do genocídio do Rwanda e entrando pelo noroeste da Tanzânia, para que este passo fosse dado. A diocese de Rulenge foi invadida e a Igreja local foi incapaz de fazer face ao problema pastoral desta gente completamente destruída.

A Província julgou que não podia ignorar o desafio que ela tinha à sua porta. Não tínhamos pessoal para nomear para lá, mas havia alguns diáconos que estavam para ser ordenados. Dois dentre eles disseram que estavam prontos para esta missão e trabalhar com a Igreja local. Esta forma de responder às necessidades da Igreja local e de trabalhar nas suas estruturas foi sempre a da Província da África de Leste. Também chegaram confrades dos Estados Unidos e da França e isto foi para a EAP o começo deste serviço junto dos refugiados.

Um coração para escutar

Os refugiados são pessoas que foram desenraizadas da sua terra ancestral e da sua casa. Foram obrigadas a fazer escolhas absurdas, encontrando-se diante da perspectiva de partir para um país estrangeiro. As organizações humanitárias não puderam dar o que os refugiados esperavam, ou seja um coração que escuta o seu sofrimento, que partilha a recordação dos seus

parentes massacrados diante dos seus olhos, que se preocupa com as crianças agora sem escola e com os jovens entregues à ociosidade, que encontra algum vestuário para substituir os trapos que eram os seus últimos bens, que lhes asseguram que eles são pessoas com um valor e uma dignidade que nenhuma força destruidora é capaz de lhes tirar, que lhes oferece a consolação da Eucaristia e dos outros sacramentos. Trabalhando o mais possível com a equipa diocesana, os nossos confrades têm lutado para assegurar alguma educação às crianças e aos adultos um pouco de aprendizagem.

Rebanho sem pastor

A condição dos refugiados e dos que procuram asilo é um dos sinais dos tempos que reclamam uma resposta pastoral. As necessidades pastorais são ao mesmo tempo materiais, psicológicas e espirituais. É um ministério difícil, exigindo um constante dom de si mesmo. Os nossos confrades vêm as privações, a miséria, a confusão, o desespero, e ouvem os gritos de angústia. O traumatismo dos refugiados não é apenas físico. O sofrimento emocional e a angústia psicológica são mais destruidoras. A maior parte perdeu todos os seus bens, e muitas vezes também os seus entes queridos. O choque deixa-os num estado de prostração. Agindo em nome de Jesus, os nossos confrades sentem a verdade das palavras de S. Lucas: "Jesus viu a multidão e compadeceu-se dela porque eram como ovelhas sem pastor". Os espiritanos estão activamente presentes no meio dos refugiados, procurando os meios de melhorar a situação desta gente tão oprimida. A presença é o fundamental deste ministério.

Protecção

Mas a presença não basta. É preciso um acompanhamento. As condições de vida nos campos dos refugiados são por vezes desumanas e extremamente rigorosas; bastantes vezes criam problemas que requerem a ajuda dos padres. Numerosas famílias foram dispersas – maridos, esposas, crianças, parentes mais afastados. Trata-se então de ver a possibilidade de os reunir, ao menos alguns da mesma família, que podem encontrar-se num outro campo ou mesmo noutro país.

Educação

É inútil dizer que quando um refugiado deixa o seu país, uma das coisas mais angustiantes, é a escola, desde a primária até à universidade. Nos campos, o ensino secundário e universitário são proibidos, porque isso poderia levar os refugiados a fixar-se definitivamente no país que os acolheu. Apesar desta restrição, os espiritanos têm sido solicitados para dar uma ajuda neste domínio. Muitos refugiados têm grande necessidade de instrução. Na verdade a falta de instrução é considerada como uma das maiores injustiças que lhes é feita.

Reconciliação e terapêutica

Um outro serviço oferecido aos refugiados, é o da reconciliação, cura e ajuda psicológica a propósito dos traumatismos sofridos. A Igreja no Burundi e no Rwanda e os refugiados estão feridos e perderam a esperança. O único vestígio de confiança que lhes resta é voltarem-se para a Igreja para reencontrar a esperança e viver a reconciliação. Os nossos confrades estão convencidos que o ministério junto dos refugiados deve tomar uma outra orientação, que tenha em conta a situação vivida pelos refugiados. Trata-se de passar de uma Igreja

sacramental a um novo modelo de Igreja, a um novo povo. Os catequistas locais são formados para participar neste ministério de cura e de reconciliação.

Porque há refugiados?

Não esqueçamos que os refugiados são pessoas humanas. Sem negar a importância para a Igreja de se preocupar com os refugiados e de estar presente no meio deles, devemos perguntar-nos: porque há refugiados?

Philip MASSAWE

1.8 JUSTIÇA E PAZ NO DIA A DIA
Camarões

Nos Camarões, como noutros lugares, os espiritanos estão firmemente comprometidos no trabalho pela Justiça e Paz. Eles fazem parte das comissões Justiça e Paz nas paróquias e dioceses. Parto da sua experiência para fazer alguns comentários mais pessoais.

Factos e realidades

- Em Setembro de 1997, *a Amnistia Internacional* publica um relatório *"Camarões: desprezo flagrante dos direitos humanos",* um texto muito mal acolhido pelas autoridades do país. O documento dá a conhecer perseguições de centenas de pessoas opostas ao governo, vítimas de maus tratos, de agressões, de detenções, de prisões.
- A 14 de Fevereiro de 1998, cem pessoas morrem carbonizadas devido à explosão dum camião de gasolina acidentado; as pessoas foram recolher carburante para o revender, quando se dá o incêndio. Os bombeiros só intervêm passadas algumas horas. Inconsciência das pessoas que manipulam a gasolina como se fosse água...
- A corrupção é cada vez mais geral. Pelo serviço mais insignificante é preciso pagar. Cada um procura "safar-se": *"a cabra come no lugar em que está presa".* Há também a luta pelo poder. São cada vez mais numerosos os pequenos que ficam à beira da estrada.
- Instala-se um clima de insegurança, consequência do desemprego e do fluxo de gente para as cidades.

Iniciativas e actividades

...a favor dos presos

YAOUNDÉ. Na prisão central (2300 presos, dos quais 70% esperam julgamento), a comissão Justiça e Paz faz acelerar os processos, contacta advogados para obter uma anulação dos processos.

MBALMAYO. Noviços espiritanos passam duas manhãs por semana para ouvir os prisioneiros e ajudá-los a resolver os seus vários problemas, particularmente estabelecendo uma ligação com a sua família.

BAFOUSSAM. Uma equipa de religiosos, religiosas e leigos visitam regularmente os detidos; dizem eles: *"a situação nas cadeias degrada-se: superpopulação, má alimentação, doenças; sentimo-nos incapazes diante de tantas necessidades..."*.

MAROUA. A equipa visitante consegue mobilizar alguns guardas para o arranjo de duches e W-C.

BERTOUA. Foi criado um centro de acolhimento para receber menores saídos da cadeia.

...a favor dos jovens dos bairros desfavorecidos

DOUALA. Uma irmã espiritana mete-se ao trabalho para desenvolvimento dum bairro, todo ele pantanoso; as pessoas unem-se para construir escolas, estradas, mercados e pontes; jovens e mulheres organizam eles próprios um centro para crianças diminuídas físicas, cooperativas de produção (secagem de legumes e frutas, escultura de objectos, fabrico de compotas, de sabão...); mesmo os próprios vendedores de rua se organizaram em cooperativa!

YAOUNDÉ. Uma comissão de *desempregados*, criada pela J.O.C., lança "*pequenos trabalhos*" criadores de empregos; vários jovens encontram aí um contrato

estável. O *Lar da Esperança,* fundado há 15 anos para as crianças da rua, desenvolve hoje três pólos de actividades: uma equipa encontra as crianças na rua para as ajudar a organizarem-se nas suas actividades de sobrevivência; há também um acolhimento no próprio centro com vista ao seu regresso à família, e uma presença junto dos menores que estão presos (*Arca de Noé).*

BAFOUSSAM. A comissão "*Juventude em dificuldade"* administra um centro de formação para os trabalhos de construção: alvenaria, marcenaria, soldadura... Em muitas paróquias, um pouco por toda a parte, uma comissão da *Caritas* organiza a partilha com os mais necessitados, sobretudo as pessoas hospitalizadas que não podem pagar a quem cuide delas.

Tarefas ainda em perspectiva

- Estas actividades são muitas vezes o resultado de iniciativas individuais; geralmente não são concertadas, coordenadas, com excepção talvez da comissão Justiça e Paz no Yaoundé.
- A Conferência Episcopal várias vezes tomou posição a favor dum compromisso na Justiça e Paz; mas estas declarações parece não produzirem muito efeito: algum eco por exemplo no seu pedido de esclarecimento junto das mais altas instâncias do poder, no seguimento duma série de assassinatos de padres, religiosas e de um bispo.
- Os Superiores religiosos têm dificuldade em fazer passar das palavras ao compromisso real. Um boletim *Solidários na Justiça e Paz* conseguiu todavia ser publicado, dando informações sobre as cadeias, a situação das viúvas, dos doentes da Sida. Em 1998 começou um tempo de antena *Fé e Justiça*

África/Europa e redigiu um primeiro documento sobre o projecto do oleoduto entre Tchad e os Camarões, pondo questões sobre o custo do projecto, os seus riscos para o ambiente, as consequências para as regiões por ele atravessadas.

- As nossas actividades nas prisões junto dos jovens da rua são apenas um paliativo para suprir as carências dos serviços públicos; mas como obter destes serviços uma maior eficácia?
- Sendo essencial o compromisso da população para que a luta pela justiça e paz seja eficaz, esforçamo-nos por motivar o maior número possível de cristãos a tomarem uma atitude activa em vez da resignação habitual (mediante um recurso aos textos bíblicos nas homilias, as sessões de formação...). Mas sabemos nós ver o que as pessoas fazem por elas mesmas?
- A nossa solidariedade com as pessoas será autêntica? Quando um dia, no norte dos Camarões, eu insistia com os catequistas sobre a necessidade duma acção concertada, um deles diz-me: *"Nós, nós estamos à frente; e tu, tu onde estás?"*.

Gérard SIREAU

1.9 SITUAÇÃO DE CONFLITO: TEMPO DE GRAÇA
Angola

Campo minado

Há praticamente 37 anos que a Congregação, em Angola, trabalha em campo minado pelos horrores da guerra, com populações marcadas pela mais variada gama de sofrimentos. Todos os níveis da vida social foram atingidos por esta situação, sobretudo o domínio económico particularmente marcado pela ganância corrosiva de ter e de poder, alimentada pelos interesses do capitalismo selvagem das grandes multinacionais que dominam completamente a economia, na exploração do petróleo, de diamantes, de madeira e de outras matérias primas de grande valor; são verdadeiros patrões que ditam as leis em Angola e marcam o compasso, o ritmo da implementação dos acordos do protocolo de paz assinado em Lusaka a 20/11/94.

Rezar e ficar com o povo

A Igreja em Angola tem consciência de que a evangelização passa, hoje, necessariamente pela consolidação da paz e pela reconciliação entre os Angolanos. Através das Mensagens Pastorais dos bispos, do testemunho e de acções pontuais de sacerdotes, missionários/as e leigos, a favor da justiça e da paz, e, sobretudo, através da oração, a Igreja, em colaboração com as Igrejas irmãs, as ONG's e a comunicação social, leva a cabo uma acção que visa, fundamentalmente, evitar o que poderia ser um "suicídio nacional".

Dada a variedade de circunstâncias e de situações concretas criadas pela guerra, variadas foram também as atitudes e os testemunhos dados: desde a ajuda

prestada a crianças da rua, ao acolhimento de deslocados e refugiados, de soldados feridos, de adversários políticos e/ou militares a proteger; os veementes apelos aos responsáveis da comunicação social, a publicação de livros, até ao risco da própria vida para levar a Boa Nova e/ou assistir sacramentalmente quem vivia em situação de desespero. Missionários/as houve que deram bom testemunho pelo simples facto de terem ficado com e como o povo (apostolado de presença), porque ficaram quando tudo aconselhava partir, fugir.

Convencida de que a paz entre os homens é, antes de mais, um dom de Deus, a Igreja insiste sobre o poder da oração. Daí as campanhas de oração pelo diálogo e pela paz, como programa permanente dos movimentos apostólicos e de alguns institutos religiosos no país.

Deus escreve direito por linhas tortas

O amor de Deus está sobretudo presente aí onde a miséria humana, provocada pelo pecado do homem, é maior. Através dos seus compromissos apostólicos e das suas intervenções ao longo desses anos tão conturbados da história de Angola, a Igreja mais não tem feito do que manter acesa a chama da esperança, convencida de que "Deus escreve direito por linhas tortas" e de que o destino dos povos está nas suas mãos. As "armas da paz" tais como a solidariedade, a presença e acção dos missionários e outros agentes de pastoral, a constante intervenção a favor da vida, da justiça e dos direitos humanos, e, principalmente, a oração, utilizadas pela Igreja, deram corpo a essa esperança das populações.

Em ambiente de guerra, a fé, a oração e a fraternidade constituem o segredo que explica a grande capacidade de sofrimento e de superação das dificuldades, que se encontram nas pessoas com quem se partilham os

tempos de tragédia. Essas atitudes das populações evangelizam, inspiram e estimulam os evangelizadores; são uma lição de desapego, convite à simplicidade de vida; são experiência concreta da providência divina e da acção do Espírito Santo, patente em todos os gestos de perdão e nas atitudes de amor para com os mais desfavorecidos.

Lugar de escuta da Palavra de Deus

A situação de conflito é um verdadeiro teste à fé e à força transformadora da oração, à esperança e à capacidade real de resposta em amor. Aqui o evangelizador é interpelado nas suas opções, nos seus métodos de evangelização e programas de acção; tem ocasião para se manifestar como servidor do Evangelho, da causa do amor, da vida, da aproximação das etnias e do reencontro dos homens, sensível ao sofrimento do povo que é chamado a servir. Toda a questão é a de saber de que lado se está: se do lado da cultura da morte ou se do lado da vida e da civilização do amor.

O que se tem vivido na situação de guerra, tornou-se matéria de reflexão, de oração, de leitura da actualização da Páscoa do Senhor; é o "Evangelho do Espírito Santo" à Igreja de hoje, sinal evidente da sua fidelidade a Cristo e ao seu Evangelho, e ao homem do nosso tempo. A situação de guerra apresenta-se como lugar de escuta da Palavra de Deus no livro da vida , na própria história do povo e dos indivíduos, consentindo a cada baptizado traduzir a vida de Cristo na sua própria vida e a da história de libertação de Israel, na do povo.

Deste modo, uma situação de conflito pode ser tempo de graça, de conversão e fonte de inspiração para o nosso carisma espiritano.

Gabriel MBILINGI

1.10 UMA EXPRESSÃO AFRICANA DO CARISMA ESPIRITANO
Fundação da África de Oeste (WAF)

Carisma e cultura

A expressão específica do nosso carisma espiritano é referida na nossa Regra de Vida (RVE 12), em termos que dão a preferência a um apostolado que nos leva:

- àqueles que ainda não ouviram a mensagem do Evangelho ou mal a ouviram;
- aos oprimidos e mais desfavorecidos individual e colectivamente;
- àqueles para os quais a Igreja dificilmente encontrar obreiros.

Como membros da família espiritana encontramo-nos todos diante destes três aspectos do nosso compromisso missionário. Mas sabemos por experiência, que a expressão deste mesmo carisma varia, segundo as culturas e mesmo segundo as circunscrições. É preciso ter isso em mente, quando falamos duma expressão africana do nosso carisma espiritano.

O contexto africano

A experiência vivida em África, onde somos chamados a viver o nosso carisma é muito variável, marcada por problemas basilares, tais como a falta de serviços sociais de base, a exploração duma maioria de pobres por uma minoria de ricos, o colapso da autoridade política, os conflitos devidos aos rebeldes ou as lutas tribais provocando a deslocação das pessoas e a insustentável condição de refugiados. Tudo isto, sem dúvida nenhuma, é uma afronta à dignidade humana e cristã das pessoas. É nesta situação que nós somos chamados, como africanos, a viver a nossa missão. Nós

não respondemos unicamente porque isso nos afecta, mas porque nos sentimos chamados por Deus para servir como espiritanos.

A nossa inspiração

Jovens africanos, entrando hoje numa congregação missionária como os espiritanos, fomos informados também das mudanças que houve na Igreja depois do concílio Vaticano II. Sabemos que a imagem da missão mudou, passando duma "Igreja que envia a uma Igreja que recebe", a uma "colaboração missionária", na qual os evangelizados são convidados, quase desde o primeiro contacto, a serem companheiros da missão com aqueles que os evangelizam. Este convite é uma inspiração bem-vinda na África, onde os missionários espiritanos vindos do ultramar, têm trabalhado desde há um século. O nascimento da Província da Nigéria e da Fundação da África de Oeste, duas circunscrições cujo crescimento é hoje o mais rápido da Congregação, são o fruto desta inspiração.

Visto o número crescente de africanos na Congregação, é previsível que eles sejam, cedo ou tarde, os agentes principais da actividade missionária espiritana, não somente na África, mas também noutras partes do mundo. É um sonho para uma nova realidade, que só poderia estar implícita numa Congregação cuja missão principal era trabalhar pelos "pobres negros" na África ou nas colónias (ND XIII, 170; 1851). Esta realidade que emerge, chama-nos a novas orientações, da parte da Congregação e dos seus membros africanos.

O nosso desejo

Nós, espiritanos africanos, gostaríamos de criar uma identidade missionária espiritana que seja africana, que corresponda à realidade da nossa situação africana e

que seja outro tanto fiel à inspiração dos nossos fundadores. Segundo o lugar e a época em que vivemos, e solidários com a nossa família espiritana, comprometemo-nos a colaborar no nosso ministério com as Igrejas locais e igualmente com as comunidades espiritanas internacionais. É por isso que o nosso ministério nos leva a situações de primeira evangelização, à pastoral paroquial, ao compromisso na educação, às pessoas deslocadas e aos refugiados, e às crianças da rua, que estão a ser uma característica não só da África, mas de todas as grandes cidades nos países do terceiro mundo.

O nosso modelo: a família africana

Chamados a viver a nossa vocação em comunidade, ficamos sempre ligados às qualidades tradicionais de base da nossa vida comunitária espiritana, que são a simplicidade do nosso estilo de vida e uma hospitalidade acolhedora. Nas nossas comunidades, as pessoas são bem-vindas, e nós mantemos os laços estreitos com as nossas famílias, que continuam a desempenhar um papel importante nas nossas vidas.

O melhor exemplo que temos em África para inspirar a nossa maneira de viver em comunidade, é a família. O nosso modelo familiar é o da família alargada. Este tipo de família caracteriza inteiramente o modo de vida africano. Existimos porque somos uma família, e a família existe porque é larga.

A nossa pertença à Congregação espiritana dá-nos, a nós e aos outros, um verdadeiro sentido da família, da nossa participação na missão da Igreja, e da partilha dos recursos humanos, que é um valor particularmente apreciado na África.

Gabriel LUSENI

1.11 A EVANGELIZAÇÃO DE UM MISSIONÁRIO Amazónia

Tenho 39 anos de presença, de actuação pastoral e de convívio com o povo da Amazónia, na prelazia de Tefé, no norte do Brasil. Não tenho nenhuma especialização, nem jeito para análises e reflexões profundas, mas como missionário, tento dizer onde encontro a minha inspiração para viver o carisma espiritano.

Assumir a caminhada do povo

Procuro conhecer a realidade vivida pelo povo e assumir a sua caminhada. Sublinho alguns aspectos desta inculturação:

- A necessidade de observar, de ver e de aprender o jeito como evangelizar no Brasil e de modo particular na Amazónia.
- Esforço de aprender e falar bem o português, em particular a maneira de falar do povo para bem me fazer compreender e estar próximo do povo amazonense. Claro que isto exige escuta e contacto permanente com o povo.
- Adaptar-se ao ritmo despreocupado e lento do povo, entendendo que esta "lentidão" é fruto de uma cultura e também da sua situação geográfica e ambiental.
- Viver de modo modesto e próximo das condições do povo: a alimentação escassa, em termos de qualidade (farinha e peixe); distâncias imensas e localidades de difícil acesso.
- Estar consciente que as injustiças gritantes são consequência de uma opressão secular exercida por patrões, comerciantes, madeireiros e políticos e onde a corrupção é norma.

- No entanto, apesar destas situações de extrema miséria, com um amanhã incerto, o povo manifesta uma fé profunda e uma esperança admirável e um sentido de partilha, de acolhimento e de hospitalidade extraordinários.

Ser do Pai e ser do Povo...

Pois estas situações, vividas à luz da Morte e Ressureição do Senhor, inspiram-nos para:

- sermos portadores da solidariedade humana;
- assumirmos a causa do povo e estar ao lado dele;
- Repartirmos o nosso ser e ter, compartilhando os seus sofrimentos e também as suas alegrias e esperanças.

O missionário (religioso) faz a experiência de ser servo, ser discípulo, escolhido para servir e aprender. Isto exige intimidade com Deus e proximidade com o povo. Um bispo disse: "Preciso ser do Pai, por isso ser orante e ser do povo, por isso amar o povo, amar o chão".

O plano de Deus (o direito e a justiça) está desfigurado. Estamos ao serviço da vida e contra as causas da morte do povo. Nos movimentos e nas diferentes pastorais da Igreja descobrimos a força transformadora do povo, que se torna protagonista de sua libertação.

Tal como o "servo de Deus" (Bíblia), o missionário faz a experiência de carregar o pecado e a dor do povo. Mas alimentado pela Palavra de Deus vence a tentação de centrar-se sobre si mesmo, sobre o medo da solidão e a busca do poder... O estar no meio do povo é convite ao despojamento pessoal e à descoberta que a graça de Deus nos vem pela mediação do pobre, o grande sacramento de Deus. O gastar-se ao serviço do irmão, o assumir a atitude de servo, o admitir a fraqueza e o

fracasso (espécie de martírio) suscitam em nós a paciência, o respeito, a resistência e a compaixão.

Sustentados por estas atitudes aprendemos do povo e da nossa experiência de fé a celebrar a esperança, resistindo solidariamente, trabalhando e partilhando os dons e festejando a alegria. Quem melhor que o povo para nos ensinar a alegria e a esperança!

Com a Igreja do Brasil

A caminhada da Igreja do Brasil e os seus inúmeros documentos pastorais são fonte de inpiração para todos os agentes de pastoral. Eles falam de evangelização, da opção preferencial pelos pobres, da promoção humana e do protagonismo dos leigos. Podemos caracterizá-la por:

- uma igreja que anuncia com carinho e coragem a Palavra transformadora de Deus.
- uma igreja que acolhe a todos, sem se guiar por preconceitos ou discriminação.
- Uma igreja que ampara com amor os excluídos e marginalizados, em vista de sua libertação.
- Uma igreja que mantém a chama da esperança no meio das lutas do povo.

Na própria comunidade

Embora a realidade do isolamento faça parte da vida missionária na Amazónia, devido às enormes distâncias, a comunidade local ou regional é de suma importância para que a evangelização aconteça. Como distrito reunimo-nos duas vezes por ano. Pessoalmente tenho a felicidade de ter vivido a maior parte de minha vida em comunidade. Ultimamente tenho vivido com jovens espiritanos de formação e cultura diferentes. Não deixa de ser um desafio que exige despojamento e "correcção

fraterna". Mas sem dúvida a vida comunitária enriquece o apostolado e educa-nos para a maturidade da fé.

A Vida Religiosa: uma caminhada de conversão

A vida religiosa consagrada deve ser em primeiro lugar uma caminhada de conversão: conversão permanente para que a Boa Nova seja dentro nós sempre nova, renovada, atraente e actualizada. Alguém disse: "precisamos da fé de Jesus e não apenas da fé em Jesus". A fé de Jesus levou-O a despojar-se de tudo, a ser obediente até à morte: "Quem não vive para servir não serve para viver". Precisamos de centralizar a nossa vida em Jesus e acolher humilde e alegremente o seu Espírito para que Ele em nós e por nós possa concretizar o projecto do Pai.

António JANSEN

1.12 ESPÍRITO NOVO NUMA VELHA PROVÍNCIA
Alemanha

Resignar-se a morrer?

Se temos em vista a situação actual do pessoal, temos de confessar que a Província da Alemanha caminha para o seu fim. Verifica-se o facto real de irmos envelhecendo e de sermos cada vez menos, de haver poucas entradas, de deixarmos muitas actividades, de haver em muitos confrades a ideia de frustração e resignação.

Uma questão de fé

Só a fé pode triunfar duma tal reacção. É por isso que a animação espiritual foi uma das prioridades dos responsáveis da Província. Procuramos dizer claramente que afinal de contas, quer dizer diante de Deus, o importante não é viver numa Província florescente ou moribunda; o importante é escolher bem em relação à nossa situação real, fazer o que nos é possível, e acreditar que Deus pode fazer surgir a vida da morte. Numa série de reuniões, cada comunidade debruçou-se sobre uma tríplice questão: em que ponto estamos quanto à nossa vida comunitária, à nossa oração e às nossas actividades comunitárias? Para esta troca de impressões, cada comunidade convidava um moderador doutra comunidade.

Destas discussões nasceu um grupo de confrades que procuraram responder às seguintes questões:

- Como vejo a situação da Província?
- Sobre esta situação, o que é que me dizem a minha fé e a Sagrada Escritura?
- Como se apresenta para mim o futuro?

- Como podemos chegar a perspectivas comuns de futuro, que sejam realistas?

Depois, por ocasião dum Capítulo, reflectimos com todos os participantes, sobre estas questões. As dificuldades surgiam sempre quando abordávamos as perspectivas comuns de futuro. Um outro aspecto importante, são os encontros que realizamos entre o Natal e o Ano Novo, que são para todos os confrades um tempo forte comunitário sob o aspecto religioso.

Uma questão de comunicação e de participação

Uma segunda prioridade para nós foi a participação de todos no processo de decisões. Formámos comissões, às quais cada um se podia juntar; todos os anos temos uma assembleia provincial para a qual cada um é pessoalmente convidado. Estas reuniões servem para dar informações, para cada um poder falar, para preparar futuros capítulos provinciais e trocar impressões sobre capítulos realizados.

Para se conseguir a participação dos confrades nos acontecimentos da Província, supõe-se que haja transparência, informação, comunicação e estima de cada um. Os responsáveis provinciais têm procurado fazer visitas frequentes e não apressadas e têm-se interessado muito pelo bem-estar de cada um. No boletim *"Notícias da Província"*, os confrades que vivem sós são convidados a apresentar-se e a falar das suas actividades. No que respeita ao pessoal, em caso de discordância, temos por princípio procurar o bem-estar do confrade, antes das necessidades da Província. É só com o pleno acordo dos confrades que lhes confiamos cargos. Procurámos a transparência e justificámos as nossas decisões. Cada confrade pode consultar os relatórios financeiros. O Conselho Provincial tem a sua

reunião mensal em cada comunidade, uma vez por ano, para estar em contacto com as comunidades.

Um outro ponto importante do nosso trabalho é a atenção dada aos leigos espiritanos. Pensamos que é reconfortante para os nossos confrades ver que há um grupo de leigos que se sentem comprometidos com o nosso instituto, que reflectem e trabalham connosco. Graças a eles, é possível realizar muitos trabalhos, e, mesmo sem nós, algumas actividades podem continuar no futuro.

Uma confiança reafirmada

Quais os resultados dos nossos esforços? Não houve milagres. Estamos ainda em caminho. Muitas reflexões ainda não chegaram ao seu termo. No geral, os confrades estão satisfeitos com a sua afectação e com o trabalho que realizam. A participação nas diversas reuniões tem sido boa. O ambiente é bom, marcado mais pela confiança do que pela frustração ou resignação. Os objectivos vão sendo precisados e abrem-se pequenas perspectivas:

- temos esperança que o projecto "Missionário por algum tempo" será uma semente que dê frutos;
- alimentamos grandes esperanças no movimento dos "Leigos espiritanos";
- acreditamos nas múltiplas formas de animação missionária, em colaboração com os leigos;
- temos grande esperança no nosso trabalho na Croácia, com 3 candidatos em formação e 2 confrades da Polónia que se preparam para abrir uma casa de formação; esperamos que a Croácia se torne um dia uma circunscrição autónoma;

- a nossa Procuradoria das missões poderá ainda durante muito tempo prestar bons serviços às novas igrejas e às Fundações espiritanas;
- acreditamos na colaboração dentro da região Europa;
- procuramos novos campos de apostolado onde poderíamos ter a ajuda dos confrades das jovens Províncias.

Clarificar o nosso olhar

Tudo isto significa que ainda não chegou o momento de baixar os braços, e por agora ainda não vemos razões para isso. A nós, pertence-nos simplesmente fazer o que ainda é possível; e é muito ainda. Fazendo isto, clarifica-se o nosso olhar, fica aberto para coisas novas. E penso também que quando tivermos esgotado as nossas possibilidades, Deus poderá começar.

Konrad BREIDENBACH

1.13 JUNTOS PARA A MISSÃO
Paraguai

Entusiasmo e provas...

A Igreja post-conciliar viveu tempos de grande vitalidade, de fidelidade criativa, fonte de entusiasmo e esperança. Novas iniciativas evangelizadoras e um novo clima eclesial surgiram de todos os lados. Foi nesta atmosfera que a Congregação preparou o Capítulo de 1968, que inaugurou uma época de reflexão que culminaria com a aprovação da nossa Regra de Vida em 1986. Neste período de renovação e mudança, chegaram ao Paraguai, vindos da Trindade, os dois primeiros Espiritanos; assim nasceu o que hoje se chama Grupo Internacional do Paraguai que conta 31 anos de presença e trabalho, fiel ao espírito dos nossos Fundadores, ao Concílio Vaticano II, a Medellin, a Puebla e aos nossos Capítulos.

Numa Igreja com grande falta de clero, é um dever restituir aos leigos o exercício de todas as suas responsabilidades. Num trabalho de pastoral de conjunto com leigos, religiosos e clero diocesano, todos apoiando o plano pastoral dos bispos, os nossos confrades foram bem sucedidos na formação e organização dos campesinos das Comunidades de Base. Mas uma forte repressão contra o que os inimigos figadais dos campesinos apelidavam de "antros prováveis de guerrilheiros", não se fez esperar. Os nossos confrades, com excepção de dois, tiveram que abandonar o país. O Conselho Geral lançou um apelo às circunscrições para a missão no Paraguai.

Juntarmos as forças

Com a chegada de confrades vindos de França, Espanha, Portugal, Suíça, Canadá e Estados Unidos, o

Grupo adquiriu uma configuração internacional. Em Setembro de 1987 celebrámos o primeiro Capítulo e nele elaborámos o nosso Projecto Comunitário. O nascimento do Grupo criou as condições para um crescimento harmonioso que, embora lento, permitiu o aparecimento de novos projectos de formação espiritana, a colaboração com as Obras Missionárias Pontifícias na animação missionária e até o trabalho entre os indígenas.

Com novas energias dadas pelo Capítulo Geral de Itaici, o Grupo celebrou o seu segundo Capítulo para avaliar e renovar-se, sobretudo para impulsionar o projecto comunitário, realçando os seguintes aspectos: animação vocacional e missionária, formação permanente, missão indígena de S. Pedro, projecto para hospedar e orientar os muitos campesinos que acorrem à capital para resolver os seus problemas, formação inicial, promoção da família espiritana, justiça e paz.

Uma coisa está clara num grupo com estas características: o esforço gasto na organização e na planificação em comum valeu bem a pena; embora fracos, conseguimos, como Grupo Internacional, fortalecer-nos. Mantendo sempre a inspiração inicial de trabalhar com os mais pobres do Paraguai, os campesinos, os "sem-terra", lançámo-nos em novas iniciativas como a formação inicial e a animação missionária.

Estamos conscientes de que o Projecto Comunitário nos compromete e obriga a juntarmos as forças, em qualquer etapa da caminhada. Também estamos conscientes das grandes dificuldades do futuro próximo: cresce o número de candidatos e diminui a facilidade financeira.

Contemplativos e peregrinos

As nossas reuniões, tanto a nível local como regional, ajudam-nos muito. Além do retiro, temos três encontros por ano. Cada comunidade junta-se às segundas-feiras para celebrar a Eucaristia e ter uma refeição em comum.

- O único formador é também ecónomo e secretário do Grupo.
- O coordenador do Grupo acompanha o formador.
- A disponibilidade dos membros, revelada no zelo em levar avante o Projecto Comunitário, cria um ambiente fraterno que certamente convida os de fora a juntar-se ao Grupo.

Num grupo com estas características conseguidas pela força do carisma espiritano, visto a partir da perspectiva da teologia Latino-Americana, parece-nos ver aquele "fazei-vos africanos com os africanos" na dimensão do anúncio, como um caminhar juntos com este povo sofredor, seguindo as pegadas de Jesus que ilumina o seu êxodo. O duplo aspecto de contemplativos e peregrinos (união prática) ilumina e fortalece a fé, a esperança e o amor ao povo cristão em marcha.

Javier BLANCO

1.14 NAÇÕES, ETNIAS E CULTURAS NA COMUNIDADE
Congo-Brazzaville

Porquê viver em comunidade internacional?

Em Abril de 1998, uma assembleia geral reuniu todos os membros do Distrito. De 15 comunidades, 12 são internacionais, com confrades originários de 9 países africanos e 3 europeus. Os confrades foram convidados a responder a esta pergunta: "Que interesse vê em viver em comunidade internacional"? As reflexões seguintes são o resultado duma partilha em grupo das diversas respostas a esta pergunta. As passagens em itálico são citações.

"Uma missão que me ultrapassa"

Uma comunidade internacional é antes de mais uma comunidade. E viver em comunidade, é "*um trabalho do espírito e do coração";* isso supõe em cada um uma convicção: *"eu preciso do outro para bem cumprir a minha missão que me ultrapassa"!*

Necessidade:

- de estar à volta da mesma mesa; exclui-se o confrade sempre ausente das refeições;
- de rezar em comum: é uma ajuda para cada confrade e um testemunho para os cristãos;
- de organizar em comunidade o trabalho apostólico: planificação, confrontação, verificação;
- de partilhar os meios para a subsistência e as actividades (finanças, transportes...); aceitar a transparência na gestão dos bens e a verificação das despesas.

Missionários, somos enviados ao encontro dos outros... *"Como ir ao encontro dos outros que me são confiados, se não vou ao encontro do outro da minha comunidade"?*

A internacionalidade, uma riqueza...

- Riqueza para a comunidade; ela oferece uma complementaridade dos modos de ver, dos métodos de acção. Cada um traz os seus valores, a sua cultura, as suas relações pessoais (parentes, amigos, redes de ajuda financeira...); o pôr em comum estas redes de ajuda de cada membro multiplica a eficácia da comunidade.
- Riqueza na ordem do testemunho: os bispos do Congo chamam a atenção do povo congolês que tende a fechar-se no tribalismo e no regionalismo, para o testemunho dos religiosos que vivem *"para além das fronteiras das nações e das raças".*

...Exigências

- Exigência do "*esforço para aprender a língua, como esquecimento de si mesmo e movimento de simpatia para com o outro";* em três comunidades é o "lingala" língua local, que se fala como língua comunitária.
- *"Antes de levar as suas próprias tradições, saber aprender dos que já lá estavam antes.".*
- um número mínimo de confrades: *"serem três, muito bem".*
- Preparar-se para isso desde a formação. Este tipo de comunidade torna-se "*natural"* para aqueles que o experimentaram desde a formação. A aptidão para viver com confrades de outras nações, raças e etnias, deveria ser um critério fundamental no discernimento para a vida espiritana: *"aquele que se quer alimentar como na sua terra, fique na sua diocese!".*

Nas alegrias e provações

"Saber alegrar-me com os dons que encontro nos outros e que eu não tenho". Não se trata somente de se suportar, mas de se amar.

As dificuldades podem provir das diferentes culturas: maneira de administrar os bens, noção do tempo, sensibilidades litúrgicas... Mas a maior parte das vezes provêm mais das pessoas: carácter, idade... Ter tempo em comum é essencial; "*ficar-se nas intenções*" é o fracasso.

Sente-se a exigência de se mostrar solidário em caso de fracasso de um confrade; isso pode levar-nos a dizer: *"Se o meu confrade se suicida, não serei eu também responsável"?* Mas em casos de "problemas pessoais" somos muitas vezes incapazes.

Sem introversão

A internacionalidade *"não é um truque em si";* se não nos leva a melhorar as nossas relações com os outros, é um esforço inútil. Não vivemos em comunidade para olharmos uns para os outros, mas para criar relações com as pessoas às quais somos enviados, tendo cada um uma visão positiva diferente. A concentração da comunidade sobre si mesma, é perigosa; saber "*não se fixar demasiado sobre a cruz da internacionalidade!".*

É bom abrir as nossas comunidades aos padres e seminaristas diocesanos. Favorecer os laços e projectos comuns entre as comunidades vizinhas, ajuda a relativizar os problemas internos.

É bom desenvolver cada vez mais a solidariedade inter-comunitária.

A evolução da Congregação conduziu-nos pouco a pouco a viver em comunidades internacionais. Estamos conscientes deste movimento e acolhemo-lo, mas sem aumentar as dificuldades.

René TABARD

1.15 UMA EXPERIÊNCIA DE SOLIDARIEDADE VIVIDA
Zimbabwe

Uma experiência útil

A minha primeira experiência de professor, no Zimbabwe ajudou-me particularmente quando fui convidado para fazer esta apresentação. A pedido dos professores, tinha preparado uma exposição em 1996, sobre o tema do "Ano Internacional da mulher", e terminava com uma canção que eu próprio tinha composto: "*Somos todos solidários com as nossas mães e com todas as outras mulheres*". A canção teve um sucesso imediato entre os professores e alunos, e numa versão ligeiramente diferente, a minha composição tornou-se um canto oficial utilizado em diferentes ocasiões: "*Nós somos todos solidários com a nossa escola e os nossos professores*". Não me lembro do que eu disse, mas conservo viva em mim a experiência de solidariedade que esta canção fez nascer; foi na verdade uma experiência marcante. As palavras desta canção podem facilmente adaptar-se ao nosso Capítulo: "*Nós somos todos solidários com todos os confrades espiritanos e com todos os Leigos associados*".

Solidariedade

... com a Igreja universal

A missão da Congregação é fundamentalmente a missão da Igreja. A RVE § 4 diz: "aceitamos de bom grado, tarefas para as quais a Igreja dificilmente encontra obreiros". Um exemplo recente desta solidariedade com a Igreja universal, é a nossa decisão de enviar espiritanos para a Ásia, nas Filipinas e Taiwan. O Evangelho de Cristo deve chegar a todas as nações e a todos os povos.

... com a Congregação

A nossa solidariedade como membros da Congregação tem a sua fonte na nossa divisa: "Cor unum et Anima una". São feitos sérios esforços para assegurar o uso adequado dos nossos recursos em pessoal e em bens materiais, de tal modo que nenhuma comunidade ou circunscrição ou província, tenha falta das coisas elementares, e o que temos é partilhado no serviço da nossa missão comum. A Casa Generalícia tem uma responsabilidade particular neste domínio, e muitas realizações foram concretizadas graças à linha seguida para as primeiras nomeações e distribuições do fundo *Cor Unum.*

... com a Região

O espírito de família que nos une uns aos outros, une-nos também a nível das regiões. No nosso contexto, a SCAF (Fundação da África Centro Sul) pôs em comum recursos para duas casas de formação, um noviciado na África do Sul e uma casa de filosofia no Malawi. Deste modo, recursos limitados são maximizados e todos são enriquecidos pelo encontro de diferentes culturas. As reuniões da SCAR (Região da África Centro sul) realizam-se uma vez por ano, por seu turno, num dos países membros. Esta reunião oferece a oportunidade aos confrades das diversas circunscrições de se conhecerem e partilharem ideias e experiências. Quando uma delas tem um Capítulo ou celebra um aniversário, todas as outras são convidadas. Foi o caso dos 25 anos de presença espiritana na Zâmbia. Na preparação desta apresentação, confrades doutras circunscrições forneceram informações sobre a sua própria experiência de solidariedade.

... na nossa circunscrição

No Zimbabwe, encontramo-nos três vezes por ano. A nível de zonas encontramo-nos mais frequentemente para rezar, falar dos nossos problemas pessoais, espirituais e afectivos; revemos também os nossos programas pastorais e elaboramos estratégias para o futuro. Encontramo-nos para celebrar juntos as nossas alegrias e tristezas. Recentemente um de nós perdeu o seu pai, na Nigéria; nós reunimo-nos para rezar com ele. Uns compraram-lhe o bilhete, enquanto outros se ocuparam de o levar ao aeroporto. O mesmo aconteceu para celebrar dez anos de ordenação de um de nós; juntámo-nos para celebrar e prever o necessário para a festa. Quando um confrade está doente ou em férias, o seu trabalho pastoral é assegurado pelos outros. Os das cidades prestam serviços aos do interior, enquanto estes os abastecem de produtos agrícolas. Os confrades oferecem animais domésticos à nossa quintarola da casa do Distrito. Abrimos as portas aos nossos paroquianos que vêm celebrar connosco as festas espiritanas. Os nossos colaboradores diocesanos na Vinha do Senhor participam também nas nossas celebrações e, por sua vez, convidam-nos para as suas. A nossa solidariedade estende-se também aos não católicos nas nossas celebrações; estamos também muito atentos para estar com eles nas ocasiões de luto. A seca de 1991-1992, que deixou tanta gente na miséria, deu-nos oportunidade de partilhar o pouco que tínhamos, com as pessoas no meio das quais vivemos. A solidariedade vivida tem as suas dificuldades, sobretudo no que diz respeito às distâncias e às finanças. Mas estas dificuldades não nos imobilizaram no Zimbabwe e temos progredido muito em termos de confiança recíproca, de colaboração e de unidade no Distrito.

Anthony AMADI

1.16 MÚLTIPLOS ASPECTOS DA VIDA COMUNITÁRIA
França

Diversidades

Entre os quase 700 confrades originários da Província de França, cerca de 400 vivem e trabalham na Província de França. As diversas formas de vida comunitária são muitas. Antes de mais é preciso lembrar a centena de confrades que, por diversas razões, não vivem em comunidade espiritana. As próprias "comunidades regionais" às quais estão ligados, são muito variadas: por vezes simples encontros de amizade e de troca de informações, por vezes também encontros mais a sério em que há partilha de vida espiritual e preocupações apostólicas.

Entre as 23 comunidades locais, seis delas são de confrades idosos; embora na reforma, aqueles a quem saúde o permite, ainda vão tendo actividades: ministério, acolhimento, manutenção da casa, serviços diversos... Desde que a França participou no Noviciado inter-provincial de Dublin em 1992, a Província só tem duas comunidades de formação inicial: o primeiro ciclo em Lille e o segundo ciclo em Clamart, sendo esta última comunidade muito internacional. A forma das comunidades "activas " ou "apostólicas" depende em grande parte do trabalho a que se dedicam: educação, animação missionária e pastoral dos emigrantes, serviço da Missão, animação da Província, acolhimento, etc.

As comunidades podem ser compostas apenas por alguns membros ou por mais de cinquenta. Salvo raríssimas excepções, habitam várias casas que a Província herdou do trabalho dos nossos predecessores

e que é preciso manter continuamente, restaurar e adaptar às novas necessidades. Muito frequentemente outras pessoas partilham, em diversos graus, a vida comunitária: em reciclagem, religiosas nas nossas casas dos idosos, leigos associados espiritanos, membros das Fraternidades espiritanas, jovens em discernimento vocacional, etc.

Mudanças impostas ou desejadas

A vida comunitária está longe de ser uma realidade estática. Evoluções, impostas ou desejadas, modificam todos os anos o aspecto da comunidade. Em primeiro lugar, o acolhimento cada vez maior de confrades originários doutras circunscrições contribui para rejuvenescer uma Província em que a respeitável média etária é de 70 anos e permite-lhe continuar activa e criativa. Igualmente os progressos notáveis das Fraternidades *Espírito e Missão* fazem-nos redescobrir a imensa riqueza espiritual e apostólica do P. Libermann e dão-nos horizontes mais vastos sobre o dinamismo e as necessidades da Igreja em França. Devido ao envelhecimento e diminuição dos nossos confrades, devido também às profundas mudanças na vida social e religiosa do nosso meio humano, foi preciso redefinir os projectos apostólicos de várias comunidades.

Estas mudanças não se vivem sempre na calma serenidade própria daqueles para os quais as convicções imutáveis evitam o desconforto dos problemas e das dúvidas. É preciso ponderar, consultar, experimentar, enganar-se, mudar, até ao momento em que finalmente, num determinado tempo e lugar, a comunidade encontra ou reencontra um projecto apostólico estável e coerente. Tendo a firme intenção de continuar ao serviço da Missão tanto *ad extra* como *ad intra,* a Província não

quer sacrificar nem uma nem outra: sendo uma simples base de actividades realizadas longe dela,(ad extra) a Província corria o risco de se dissolver rapidamente; unicamente preocupada com o trabalho apostólico no seu interior, seria infiel à missão da Congregação.

Fontes de unidade

Onde encontram as nossas comunidades tão diversas e tão mutáveis, o centro firme da sua unidade? Em primeiro lugar na profunda espiritualidade de cada confrade e de cada comunidade. As nossas origens, as nossas experiências passadas, as nossas opiniões teológicas e pastorais são tão diversas que não é fácil vivermos verdadeiramente na unidade. Só o Espírito Santo, vivendo e orando em nós, pode operar o estupendo milagre de fazer com que um grupo de homens fracos e pecadores, possa viver unido, pois que deixado a si mesmo teria depressa a tendência para explodir. É por esta razão que desde há alguns anos é proposto pelo Conselho Provincial um "Programa de Animação dos Confrades e das Comunidades" (PACC) com o fim de favorecer e aprofundar a vida espiritual.

De modo mais visível, a unidade da Província assenta também num tipo de organização, que embora permanecendo maleável, permite a cada comunidade viver em ligação profunda com toda a Província e toda a Congregação. A elaboração do "projecto comunitário" está no centro desta organização. Os serviços de unidade e de animação (Superiores locais e regionais, ecónomos...) permitem que este projecto comunitário se torne viva realidade.

Os confrades que se dedicam particularmente à pastoral da juventude e à animação vocacional, verificam desde há muito que estes jovens andam à procura de três

coisas: o serviço dos pobres, uma vida espiritual autêntica, uma vida de comunidade fraterna. Nem Poullart des Places nem Libermann deixariam de estar de acordo com eles! Em França como em qualquer outra parte, nós continuamos a tentar viver este mesmo ideal tão antigo e tão jovem!

Jean-Paul HOCH

1.17 A MISSÃO NUMA PROVÍNCIA A ENVELHECER
Inglaterra

O dilema

A Província da Inglaterra é uma "Província a envelhecer", cujo número vai diminuindo. Apesar disso, ela quer cumprir a sua missão espiritana. Como fazê-lo nas actuais circunstâncias, é precisamente o dilema que afecta cada parte da vida da Província.

Olhar para o exterior

A ordenação de Derek McCartney este ano, a primeira que tivemos depois de vários anos, é um sinal de esperança, um estímulo e uma alegria para a Província. A sua nomeação para os Camarões, sublinha que o objectivo principal da Província foi e continua a ser a missão "ad extra". Nos nossos dias há mais confrades a entrar na reforma, do que aqueles a nomear para o exterior. No entanto, um terço dos confrades trabalham ainda fora da Província. Este olhar lançado para o exterior contribuiu para a Província conservar o seu dinamismo. Mas, vista a falta de efectivos, interrogamo-nos por quanto tempo ainda poderemos enviar confrades em missão. Um dos meios que temos utilizado para tentar resolver isso, é a rotatividade do pessoal.

Utilização máxima dos recursos

Para atrair vocações e prosseguir uma animação vocacional, foram chamados confrades do ultramar. Temos procurado garantir que estes confrades, depois de algum tempo, possam regressar à circunscrição donde foram retirados. Isto permitiu ao mesmo tempo que aqueles que assim regressaram, pudessem retomar o contacto com a sua Província de origem e actualizar a

sua teologia e os seus aspectos pastorais. A rotatividade funcionou melhor na teoria que na prática.

Colaboração com "outros"

A nossa busca para prosseguir a nossa missão levou-nos a voltarmo-nos para os não espiritanos. No nosso ministério junto dos jovens, muitos colaboradores são eles mesmos jovens. Eles organizam os retiros e o trabalho de animação. A nossa intenção é confiar-lhes a direcção deste ministério. Os espiritanos continuarão ainda com este trabalho, mas a sua continuidade não dependerá dos espiritanos professos.

Trabalhamos estreitamente com os Leigos associados. Eles têm a responsabilidade do trabalho J&P na Província. Um leigo associado é o representante da Província na rede "Africana-Europeia de Justiça e Paz-UK". Um outro associado está comprometido no trabalho de serviço aos imigrantes e aos que procuram asilo.

Temos estado em colaboração com outras Províncias espiritanas. Temos sido ajudados pelas províncias da Nigéria e da Irlanda e pela WAF. Pelo seu apoio e ajuda estamos muito reconhecidos.

Diferentes formas de comunidade

O projecto "Kairos Community" quer acolher os sem domicílio fixo e as vítimas da droga e do alcoolismo. Os confrades comprometidos neste projecto vivem em comunidade com aqueles que vêm da rua. É um elemento terapêutico fazê-los entrar numa comunidade onde eles se sentem acolhidos. Nem todos os confrades estão dispostos nem são aptos para viver neste estilo de comunidade.

O "Youth Apostolate" quis abrir as nossas comunidades a jovens trabalhadores leigos que partilham a nossa vida

de espiritanos. Também aqui, nem todos os confrades estão prontos para viver em tais comunidades. Sem querer excluir os confrades das suas "casas", também não queremos comprometer o nosso trabalho junto dos jovens.

Problemas que bloqueiam o crescimento

Há menos gente para tomar cargos de responsabilidade da missão ou da administração da Província. Pela primeira vez, não temos estudantes na Província, embora tenhamos um em estágio no Quénia.

Dois ou três confrades vivem fora de comunidade. Outros, eles próprios se puseram à margem dos encontros e das actividades da Província. Outros ainda são reticentes em seguir reciclagens, temendo talvez encontrarem-se face a face com eles mesmos, e terem de mudar a sua atitude.

Uma nova forma de existir?

A nossa maior preocupação é saber como fazer face ao número decrescente de confrades. Poderemos continuar a existir como Província? Daqui até ao próximo Capítulo Geral seremos menos que os sessenta confrades que somos hoje. Não será possível existir da mesma maneira que hoje.

Brian FULTON

1.18 ESPIRITANOS PROFESSOS E LEIGOS ASSOCIADOS
Conselho Geral

Manifestar incessantemente o Evangelho ao nosso mundo

As apresentações das experiências missionárias ao logo deste Capítulo, confirmam a minha convicção de que a nossa Congregação está em contacto muito directo com muitas questões respeitantes à actual situação do mundo. Não fazemos a nossa agenda missionária a partir do nosso escritório nem de grandes teorias; procuramos partir das questões reais, as que surgem do contacto com as pessoas. Para isso temos trunfos fantásticos: antes de tudo a nossa fé, que nos dá acesso a uma Boa Nova capaz de dar sentido à vida; depois a nossa longa história, semeada de experiências da "tradução" desta Boa Nova em culturas tão diversas. Estamos convencidos que esta Boa Nova é sempre actual.

Os nossos projectos missionários e programas pastorais devem estar adaptados à situação das pessoas às quais somos enviados. As respostas às perguntas que nos são postas virão da sua experiência e também da nossa, mediante um estudo e reflexão sobre a "tradução" do Evangelho no nosso mundo contemporâneo. Esta tradução não é nunca fixada uma vez por todas; tem necessidade de ser continuamente incarnada nas novas situações da vida. Para nos ajudar a isso, temos a inspiração dos nossos fundadores, a dos espiritanos de outrora e de hoje, a sua maneira de reagir diante das situações.

Olhar sobre o futuro da missão

Diante da situação actual do mundo, muitos se interrogam se a missão ainda tem futuro. Mas o Espírito Santo trabalha. Em lugar de nos encerramos nesta questão, não nos conduzirá o Espírito, através da própria situação do mundo, a mudarmos a nossa maneira de ver, a abrirmo-nos a outros horizontes? Estou convencido que Deus continua a chamar obreiros. E felizmente este chamamento não é só para o espiritano se comprometer. Também o espiritano não é o único que possui os carismas necessários para a vasta obra da evangelização. Todo o baptizado é convidado a partilhar a sua experiência com os outros, a trazer a especificidade e as riquezas que lhe vêm da sua fé. Ele fá-lo com a sua presença ao lado dos outros e com o seu compromisso na construção dum mundo melhor, do Reino de Deus.

Pôr em comum o que herdamos e as nossas esperanças

Espiritanos, porque não permitir a outros que aproveitem da nossa experiência, da nossa espiritualidade e do nosso entusiasmo pela missão no seguimento de Jesus Cristo? Muitos sinais a isso nos encorajam. Desde alguns anos, num número cada vez maior de países, há leigos que se mostram interessados na nossa família espiritana. Alguns são atraídos mais pela nossa vida comunitária, pelas nossas fontes de reflexão e oração; outros pelas duas coisas ao mesmo tempo, com acentos diversos.

Como ser fiéis ao espírito dos nossos fundadores? Verificamos que leigos e espiritanos professos, são como que atraídos uns pelos outros. Dum lado, a Congregação procura valorizar a sua identidade, os seus carismas, a sua espiritualidade, a sua tradição como uma contribuição

útil para o futuro deste mundo, para o estabelecimento do Reino de Deus; é neste espírito que ela oferece o seu contributo. Por outro lado, muitas pessoas recorrem às suas tradições religiosas, em busca de um sentido para a sua vida; muitos procuram companheiros de compromisso para construir um mundo melhor para todos.

Para nós, não se trata unicamente de dar da nossa riqueza, da nossa experiência de 300 anos. Recebemos também muito deles. Os testemunhos dados por três pessoas associadas mostram bem o que significa "receber muito deles". A Congregação pode enriquecer-se grandemente com este contributo formidável de experiências da sua vida cristã e social: postas em comum com as nossas, elas poderiam provocar como que um reacção química, fonte de novas energias e de entusiasmo prometedor.

Fiéis à criatividade dos nossos fundadores

Nos anos 80, na Província da Holanda, jovens pediram para estar ligados à Congregação. Nós dissemo-nos: "não é inteiramente certo que seja o Espírito Santo a impulsionar-nos para nos lançarmos nesta aventura de associação, mas de momento não vemos outro caminho possível. Se hoje não respondermos positivamente, passaremos talvez ao lado dum destes "sinais dos tempos", oferecido pelo Espírito. Tentemos ao menos fazer qualquer coisa. Se isso não vem do Espírito, falhará de qualquer maneira".

Juntos com os associados deveríamos reencontrar o entusiasmo, a criatividade e a imaginação que tinham os nossos fundadores quando começaram a sua nova aventura. Com eles, deveríamos comprometer-nos num esforço de dar novas respostas aos problemas e necessidades de hoje. A história da missão é rica em imaginação e em grande visão. Espiritanos professos e

não professos, deveríamos prosseguir nesta linha para tentar encontrar o caminho de Deus nas realidades humanas vividas hoje. Juntos, tenhamos a coragem de enfrentar o mundo actual. O nosso compromisso religioso em solidariedade pode libertar, realizar novas formas de unidade; a história nos mostra que isso é muito possível.

Ao serviço do Reino

O Conselho Geral está convencido que vale a pena fazer esta caminhada: companheiros de estrada com os nossos irmãos e irmãs associados, acreditamos que nos enriquecemos mutuamente em cada passo que damos juntos. O que importa mais, não é o nosso Instituto mas a vinda do Reino de Deus. Pelo Reino vale a pena responder positivamente aos sinais dos tempos, às iniciativas do Espírito Santo. Caminhar com os associados, não será talvez o sinal mais arrojado deste tempo?

Frans WIJNEN

1.19 UMA EXPERIÊNCIA DE MINISTÉRIO PARTILHADO
Transcanadá

Há Leigos associados nas quatro Províncias da América do Norte, e apesar das diferenças no modo de conceber esta função, há muitos traços comuns. Reuniões anuais regionais da América do Norte, permitiram aos delegados permutar as suas experiências e elaborar objectivos comuns. Esta apresentação limita-se à experiência do Transcanadá, como uma ilustração particular da relação do Leigo associado com a Congregação, e o significado do ministério partilhado no contexto da América do Norte.

A nossa história

Dermot e Deirdre McLoughlin foram os primeiros espiritanos leigos no Transcanadá, em 1975, formando o nó dum grupo com base em Toronto e que se desenvolveu à volta deles. A sua casa foi durante muitos anos o lugar de encontro dos Leigos espiritanos do Transcanadá, até ao momento em que, em 1997, eles foram para Sioux Lookout, no norte de Ontário. A minha mulher e eu próprio fizéramos o nosso compromisso oficial como leigos espiritanos em 1991, depois de durante seis anos, termos frequentado o grupo de Toronto. O meu primeiro contacto com os espiritanos teve lugar em St Mary's College (Trindade) como estudante e depois, brevemente, como professor. Como casal tínhamos reatado este relacionamento nos meados dos anos 70, como membros da comunidade católica dirigida pelos espiritanos, na universidade McMaster de Hamilton. Com a mudança de duas famílias de Toronto, o grupo do Transcanadá conta actualmente cinco casais, divididos em duas equipas: a de Toronto-Hamilton e a outra, mais dispersa, de Winnipeg – Sioux Lookout.

A nossa vida

O Manual dos leigos espiritanos da Província do Transcanadá descreve-nos como "uma pessoa comprometida com a Congregação do Espírito Santo e acolhida para trabalhar com a Congregação na construção do Reino de Deus, reino de amor, de justiça e de paz". Como Leigos espiritanos, procuramos viver os três aspectos fundamentais do nosso compromisso – oração pessoal, comunidade e defesa dos fracos e marginalizados – tendo em mente o espírito da nossa situação de vida. Os Leigos espiritanos de Toronto e de Hamilton têm cada um da sua parte uma comunidade de oração, que inclui uma missa cada mês; e também nos deslocamos para nos juntarmos regularmente. Apesar das distâncias, o grupo de Winnig e de Sioux-Lookout comunicam por telefone, e também por encontros quando é possível. Apreciamos muito o apoio do P. Pat Fitzpatrick, que nos acompanha.

O nosso serviço

Estamos comprometidos em actividades muito variadas pela J&P, tais como o trabalho com as comunidades aborígenes, o ensino e o apoio aos imigrantes, a ajuda jurídica, a participação activa no trabalho de defesa no quadro da Organização Canadiana Católica para o Desenvolvimento e a Paz, a ajuda para preparar voluntários para o serviço no exterior com o VICS (Serviço Internacional dos Voluntários Cristãos), o ensino religioso e a participação numa equipa da capelania da escola, e o trabalho como especialista de ética clínica. Num sentido mais geral, o dia a dia da família, do trabalho e da vida cívica é um lugar privilegiado para o serviço e o testemunho dos leigos que podem inspirar-se na espiritualidade espiritana. Como Leigos espiritanos, trabalhamos para construir o Reino de Deus sobre o

amor, a justiça e a paz, pela visão que levamos e as escolhas que fazemos na nossa família, na nossa vida profissional e social.

Atraídos pelo carisma espiritano

Os leigos que trabalham no exterior ou no Canadá com os espiritanos não têm todos o desejo de se tornarem Leigos espiritanos. Alguns dentre nós fizeram esta escolha porque foram atraídos pelo carisma espiritano, sobretudo porque o tínhamos visto incarnado em confrades bem concretos, que conhecemos como amigos ou dos quais admiramos o trabalho. Estamos também interessados pela possibilidade de aprofundar a nossa espiritualidade e pela comunidade internacional com a qual nos podemos identificar. Temos recebido muito estímulo no Transcanadá da parte de vários provinciais sucessivos. O seu apoio fiel e a proximidade com os confrades da Província, resultante de numerosos encontros por ocasião dos Capítulos, retiros, funerais e reuniões amigáveis, acabaram por neutralizar todo o cepticismo sentido, ao menos no princípio, por alguns confrades no que respeita à nossa participação como leigos espiritanos.

Inventar novos modelos de colaboração

Nós não chegamos de mãos vazias; levamos a nossa experiência, os nossos talentos e a nossa competência para a Congregação. Como leigos podemos elaborar convosco novas formas de colaboração, apoiando ou tomando a responsabilidade de trabalhos especificamente espiritanos, abrindo novos campos de apostolado, e levando a espiritualidade espiritana a zonas da vida secular que podemos atingir mais facilmente que os nossos confrades professos.

Gary WARNER

1.20 UMA LEIGA ASSOCIADA DA EUROPA
Inglaterra

Embora esteja aqui como representante dos Leigos associados espiritanos da Europa, o que vou dizer refere-se principalmente à minha experiência como Leiga associada da Província da Inglaterra.

As minhas origens

Quando criança fui refugiada da guerra, e mais tarde estive ao serviço dos refugiados húngaros na Irlanda do Norte (1956-1957); educada pelas religiosas missionárias e envolvida por um ambiente duma família amorosa, sou naturalmente atraída por um ideal de justiça; é neste contexto que teve lugar o meu casamento com Tony, natural da Índia.

Influência espiritana

No meu primeiro encontro com os espiritanos em 1990, na Inglaterra, fiquei impressionada pela sua maneira de lidar com a juventude, abrindo-lhe inteiramente a sua casa, numa atitude isenta de julgamento. Convidada a juntar-me à equipa da Pastoral da juventude em 1991, trabalhei neste contexto de diversas maneiras, participando durante cinco anos na peregrinação das "100 milhas" na Inglaterra, Escócia e Irlanda e desde 1996, sou coordenadora para a J&P na Província da Inglaterra. Pergunto-me se os espiritanos se deram conta da prenda que me ofereceram?

Leigos associados espiritanos na Inglaterra

Em1992, seis outros leigos e eu própria depois de vários períodos de compromisso, tendo seguido um programa de formação, fizemos o nosso compromisso formal na Congregação por três anos, a 02 de Fevereiro de 1993.

Temos renovado este compromisso, e entretanto outros cinco se juntaram a nós, fazendo o seu compromisso em Março de 1998.

Quem são os associados?

Na primeira reunião organizada em Maio de 1998 pelos leigos da Europa ligados à Congregação, os Leigos espiritanos e os Associados de cinco países da Europa encontraram-se em Gemert, na Holanda; a troca de experiências foi um enriquecimento mútuo. Com alguns confrades espiritanos da Europa, falámos dos problemas que andam à volta das diferentes formas de compromissos dos leigos. Alguns acharam que o termo "associado" necessitava de esclarecimentos, porque as formas de associação variam de uma Província para outra na Europa.

Muitos leigos desejam comprometer-se com os espiritanos professos, no trabalho, na oração e mais frequentemente em ambos. Na Europa, chamamo-lhes Leigos espiritanos.

Alguns sentem-se atraídos para fortalecer a sua espiritualidade seguindo de mais perto "a visão e os objectivos da Congregação, no espírito dos seus fundadores e do Evangelho de Cristo, acolhendo o nosso apelo baptismal de fazer frutificar os nossos dons e talentos" (Regra dos Leigos espiritanos – Província da Inglaterra). Depois de ter seguido um percurso de formação, eles tomam diante da Congregação um compromisso sério, com um contrato mútuo, adoptando a espiritualidade missionária da Congregação e ligando-se a uma tarefa específica da Província. É o que na Europa nós chamamos Leigos associados espiritanos.

A expressão "Leigo espiritano" e "Leigo associado espiritano" no sentido em que o entendemos na Europa

podem não incluir a mesma realidade noutras circunscrições.

Na Província da Inglaterra, a maior parte dos Leigos associados têm um trabalho remunerado fora da Congregação, e até hoje não vamos para missões no exterior. Noutras Províncias da Europa, a missão ad extra é muitas vezes o início do contacto, que levará os leigos a tornarem-se associados. O primeiro compromisso na Província da Inglaterra, é viver a espiritualidade espiritana na nossa vida quotidiana. O nosso contracto com a Província tem estas palavras: "Pelo meu compromisso estou pronto para oferecer a livre disposição de mim mesmo, como Leigo associado espiritano, na sinceridade e fidelidade, num espírito de verdadeiro amor e fé".

Que fazemos nós?

Nós somos considerados membros da Província. Alguns de nós estão comprometidos num serviço junto daqueles que estão à margem da sociedade, nas organizações para os que procuram asilo, ou para ajudar as pessoas que vivem nas ruas das nossas grandes cidades. Outros trabalham na pastoral da juventude.

Em 1995, foi entregue aos Leigos associados a responsabilidade da secção da J&P da Província. Isto levou-nos a um Centro de informação, ligado a outras organizações trabalhando principalmente pela J&P, e também a um contacto regular com os que procuram asilo, detidos no aeroporto de Manchester. Na Inglaterra, actualmente, vemos que a nossa missão é no lugar onde vivemos.

Propostas para o Capítulo

Os pontos seguintes, fruto do encontro dos Leigos associados em Gemert, foram preparados para serem apresentados ao Capítulo.

1. Os Leigos associados de cada Província devem eles próprios elaborar as estruturas mais convenientes ao seu grupo e ter um espiritano como interlocutor, designado pelo Provincial e aceite pelos leigos.

2. Temos consciência de fazer parte da família espiritana, esperando que isso poderá ser concretizado em cada Província.

3. Desejamos que o compromisso dos Leigos associados seja promovido em cada Província, tanto pelos leigos como pelos espiritanos professos.

4. Associados leigos de algumas Províncias europeias pediram que houvesse para eles um fundo especial em cada Província.

Maureen SOARES

1.21 PEREGRINA PELO REINO
Brasil - Porto Rico

Vocação baptismal

Nasci em Valadares (Minas Gerais), onde conheci alguns Espiritanos holandeses. Como boa peregrina, mudei para Belo Horizonte. Lá comecei a trabalhar na catequese e depois na Sociedade de S. Vicente de Paulo. Aquela coisa de "assistir" as famílias me inquietava. Assim, começando por reunir as famílias nas favelas onde moravam para que se conhecessem, ajudassem e celebrassem a "Vida", passamos a fazer celebrações de aniversários, providenciar os registos dos filhos e o casamento civil. Começamos as vigílias de Páscoa, Natal, Festa Junina e carnaval no salão comunitário. Em 1964 iniciamos um curso de alfabetização. O padre e toda a comunidade paroquial ajudaram no lanche de encerramento. Foi tão bom que daí surgiram cursos de jardinagem, pedreiro, hidráulico, etc...

Um povo que faz a sua história

Por trabalhar num departamento de educação do governo, fui transferida para Brasília. Nesta época, os operários que trabalharam na construção da nova capital viviam em Vilas ou "Invasões". Ao chegarem construíam seus barracos de madeira, perto de outra família conhecida, mas sem segurança. Eram em grande maioria originários do nordeste do país. Construída a capital o governo planejou a retirada dos operários para um local distante 30 Km do centro da cidade. A mudança foi boa, mas a forma de actuação foi brutal. Eram 90.000 os habitantes desta terra "prometida" a que deram o nome de Ceilândia - cidade para a erradicação dos invasores. Fui trabalhar nesta cidade. Vendo o problema de comportamento dos alunos comecei a visitar as famílias.

Lá estavam os espiritanos holandeses que me convidaram a trabalhar na equipa pastoral da Paróquia da Ressurreição. Éramos três padres, três religiosas e duas leigas, uma das quais enfermeira. Para melhor trabalhar mudámos para Ceilândia. Num trabalho mais planejado, nós visitávamos as famílias para conhecimento da realidade e partir para acção pastoral. Todas as semanas reuníamos em equipa para trocar ideias e planejar o trabalho da semana seguinte. A partir de cursos de croché e tricô oferecidos a crianças, jovens e adultos fomos descobrindo gente para o curso de formação para futuros catequistas, começar o trabalho com os jovens, criação da pastoral de saúde, círculos bíblicos nas casas, com reflexos na vida social quotidiana. Cada conquista era comemorada: chegada da luz, da água, do ónibus. Reuníamos todos: católicos, pentecostais, macumbeiros e cantávamos e agradecíamos a Deus.

À luz da Palavra de Deus descobríamos a nossa dignidade e isto era o alimento para as próximas acções. Começávamos a pensar na formação de uma entidade com mais força jurídica. Veio a Associação de "incansáveis moradores". A OAB deu a assistência jurídica. Em 1979 foi feita a primeira Directoria composta só com moradores de Ceilândia. Isto porque o governo nesta época estava cobrando um preço alto pelos lotes e a especulação imobiliária estava aproveitando dos menos avisados, que, assustados, com medo de perder o seu pedaço de terra, vendiam o direito de moradia e se mudavam para Goiáz ou iam viver em casa alugada.

Aqueles que fincaram os pés no chão e confiaram em Deus, o bom Pai, lá estão para confirmar que com fé, esperança e caridade se constrói a Igreja, Povo de Deus que caminha e faz a sua história!

Estar lá onde os operários são poucos

Os Espiritanos porto-riquenhos que deram continuidade aos trabalhos na paróquia da Ressurreição, regressando a Porto Rico, convidaram-me para trabalhar em seu país ajudando no projecto do Centro de Animação Missionária. O trabalho é incentivar as pessoas leigas a assumirem seu lugar na Igreja. Divulgar que cristãos movidos pela fé se põem ao serviço da irmã e do irmão abandonado, excluído pela sociedade corrompida pelo ter e poder. Vejo a Igreja como um tecto comum onde todos são acolhidos.

Leigas, leigos são pessoas cristãs que, aquecidas pelo Espirito Santo, põem em comum os dons que, de presente, receberam pelo baptismo e querem fazer seu o Projecto de Deus. Leigo Associado Espiritano: aquele que, comprometido com a Igreja de Deus, quer viver o carisma espiritano, fazendo seu o projecto dos filhos adoptivos de Libermann que é ir e estar lá onde a Igreja tem dificuldades para encontrar operários. Sou associada espiritana porque vivendo a felicidade que só conhecem aqueles que vivem o "eterno abandono" nas mãos de Deus Pai, conheci os Espiritanos e com eles busco viver num só coração, numa só alma. Meu trabalho é fazer com que esta grande família cresça em sabedoria, graça e santidade.

Maria Lúcia ANDRADES

1.22 ASSOCIADOS COM OS LEIGOS
Fundação da África Central

Primeiras experiências

Dos meus pais e parentes, do húmus familiar senegalês, aprendi a hospitalidade, a entre-ajuda, a solidariedade. Por ocasião da minha ordenação, recebi deles esta mensagem: "*Tu és padre e religioso; acredita que na Igreja tu não estás só, nós somos teus amigos, teus irmãos, teus pais*". Exercendo o meu ministério de jovem padre nos Camarões, esforçava-me por viver entre os leigos a simplicidade espiritana, padre para eles, irmão com eles. Primeiras experiências de colaboração...

A Associação BROTTIER

Pelo fim dos anos 80, encontrava-me no escolasticado da FAC em Brazzaville, no Congo. Com os outros formadores, decidimos fazer a experiência duma comunidade-família com parentes e amigos próximos do escolasticado. Eles perguntam-nos: "*Que esperam de nós*"? Em 1991, por ocasião dum encontro com numerosos amigos congoleses e não congoleses, nasce a ideia de fundar uma associação. Em 1992, essa ideia concretiza-se na "Associação Padre Brottier" com os seguintes objectivos:

- conhecer a espiritualidade e o carisma espiritanos;
- apoiar a comunidade do escolasticado; acompanhá-la na suas alegrias e tristezas;
- favorecer, em vista da acção missionária, os laços entre leigos e espiritanos que trabalham no Congo;
- acompanhar acções de desenvolvimento em favor dos mais desfavorecidos.

Para os leigos, a questão é a seguinte: *"como viver eficazmente com os espiritanos o serviço de Deus"*? São

planeadas acções concretas em concertação com os espiritanos do Congo:

- jornadas "portas abertas" no escolasticado; acolhimento fraterno nas nossas respectivas casas;
- refeição familiar com os membros da associação no princípio de cada ano escolar;
- apadrinhamento dos estudantes; participação na organização das ordenações diaconais e presbiterais;
- recolecções e tempos de oração em comum.
- Em 1993-94, a guerra estala em Brazzaville; os laços entre a associação e os espiritanos permitem acções de solidariedade em favor dos sinistrados e doutras famílias nos bairros da cidade.
- uma ONG de mulheres, criada em 1994, desenvolve várias actividades de ajuda social e sanitária em favor dos órfãos e dos doentes da Sida; é apoiada pelos espiritanos.

A coral Paul ONDIA

Paul Ondia foi o primeiro espiritano e o primeiro padre religioso do Congo. Depois da sua morte, num acidente em 1994 no Senegal, formou-se uma coral com os seus antigos alunos e amigos leigos: tem por fim perpetuar a sua memória através do canto que ele tanto amava; e também cooperar com a acção missionária dos espiritanos. Paul Ondia dizia: " *a verdadeira família ultrapassa as raças e faz de todos nós irmãos universais".* Vários jovens aspirantes à vida missionária foram acompanhados e apresentados por esta coral, para entrar na formação espiritana.

Laços criados em Kinshasa...

Por ocasião dos contactos em Kinshasa preparando a tomada de posse duma nova paróquia pelos espiritanos

da FAC, descobrimos uma vasta família: a União Nacional dos Antigos Alunos dos Espiritanos (UNAES). Os seus membros, alguns deles hoje com responsabilidades importantes na sociedade congolesa, querem continuar o laço familiar criado entre eles e a nossa Congregação. Por ocasião das festas espiritanas, foram criados laços entre estes leigos de Kinshasa e os de Brazzaville.

... e em Libreville

Três meninas da região dos Grandes Lagos faziam uma experiência de vida missionária, com os nossos confrades, entre os pigmeus Bakas no sudeste dos Camarões. Elas próprias se puseram o problema duma eventual colaboração e associação com os espiritanos. Foram feitas diligências que levaram uma delas a reunir-se em Libreville e a fazer um pedido mais formal de compromisso neste sentido. Isso levantou várias questões e convidou a fazer um discernimento. Uma questão permanece ainda para nós: como ajudar uma mulher leiga africana a realizar a sua vocação missionária?

Os desafios duma colaboração

As vocações religiosas em África são cada vez mais numerosas e as necessidades financeiras das nossas casas aumentam. Através do fundo Cor Unum, é bem real a solidariedade da Congregação. Mas hoje, que estas fontes atingiram o auge, quais são as nossas perspectivas?

O despertar de uma rede de amigos e de benfeitores africanos é urgente. Trata-se de levar as nossas famílias a ajudar-nos, em vez de esperarem a nossa ajuda. Esta colaboração é possível: os leigos estão dispostos a realizarem o seu compromisso baptismal connosco e ao

nosso lado. Mas isso supõe que enfrentemos vários desafios:

- que a nossa vida comunitária não seja um contra-testemunho, mas verdadeiramente um lugar de oração, de solidariedade e de partilha;
- que o nosso relacionamento mútuo seja inspirado por uma verdadeira caridade fraterna: que procuremos "ser salvadores" uns dos outros em vez de sermos "juizes" impiedosos, nós que, segundo a palavra de Libermann, "*somos todos uns pobres homens...*". A presença dos leigos é um apelo à nossa conversão; eles podem renovar o nosso dinamismo nos momentos difíceis;
- que a nossa solidariedade com os pobres e os mais desfavorecidos seja verdadeiramente efectiva, tanto nos nossos compromissos missionários como nas nossas casas de formação;
- que estejamos dispostos a comprometermo-nos com os leigos nas obras de desenvolvimento e na dignidade das populações abandonadas.

Benoît DIEMÉ

1.23 CONTINUIDADE DO CARISMA ESPIRITANO NOS COLÉGIOS
Irlanda

Um compromisso forte

A Província da Irlanda está, desde a sua fundação, fortemente comprometida com a educação. Quase 4500 alunos frequentam as oito escolas primárias e secundárias da Província. Doze espiritanos trabalham a tempo inteiro neste apostolado, e outros vinte prestam os seus serviços como capelães, no trabalho administrativo, etc. Cerca de 275 professores leigos têm aí o seu emprego, aos quais se junta um grande número de pessoal de serviço.

Colaboração com os leigos

Esta colaboração existiu sempre nas escolas da Irlanda. Mesmo se no princípio os leigos eram pouco numerosos, houve sempre uma grande unidade entre os espiritanos e os seus colegas leigos. Esta colaboração está na origem deste brio dos leigos em trabalhar com fidelidade nas obras da Congregação e nas suas escolas – uma fidelidade que não é só própria dos professores, mas que se estende aos outros empregados. À sua maneira, eles contribuem de maneira significativa para forjar o espírito dos colégios.

O espírito que nos caracteriza

Diante da diminuição do número dos espiritanos, os colégios têm de se interrogar: o que há nos nossos institutos que nós consideramos valores e que gostaríamos de preservar? Qual é o espírito que nos caracteriza? Que elementos da nossa tradição na educação nos parecem importantes, que se eles não

continuassem a ser transmitidos, seria uma grande perda para o país, para a Igreja e para o trabalho missionário da Congregação?

Projectos educativos

Em cada colégio, tem-se reflectido sobre a "missão" da obra. Estas trocas de impressões não foram só entre os espiritanos, mas nelas participaram também leigos, antigos alunos e outros. Organizaram-se jornadas de reflexão; foram redigidos documentos provisórios, discutidos e modificados. Finalmente daí saiu um projecto educativo, que cada um podia reconhecer como seu e dar o seu apoio.

Estes projectos educativos só têm valor na medida em que influenciam a vida quotidiana do colégio. Seria muito fácil redigir um belo projecto para o meter na gaveta, sem ter nenhuma influência na vida da escola. É preciso tirar daí as consequências.

Os leigos no trabalho pastoral

Era evidente para as escolas que, diminuindo o número de espiritanos, muitas actividades tradicionalmente realizadas pelos confrades, não o poderiam ser mais. A maior preocupação foi a da dimensão religiosa e pastoral da educação. Foi preciso recrutar catequistas leigos competentes, comprometer ou formar conselheiros psicológicos. Hoje, a maior parte destas funções, estão a cargo dos leigos, homens ou mulheres. Enquanto a maior parte dos programas de conscientização social tinham sido lançados pelos espiritanos, a realização desses objectivos agora está nas mãos dos leigos.

Leigos na administração

Muitos postos administrativos dos nossos colégios são ocupados por leigos – só um nos oito principais colégios é ainda espiritano. Onde os confrades estão ainda a trabalhar na administração, é sobretudo com uma função de apoio. São realizados encontros regulares entre os directores das escolas espiritanas – mas por certo ainda não são bastantes – com vista a criar laços entre eles e os encorajar a realizar os objectivos missionários dos colégios, tais como os projectos educativos os definem.

Assegurar o futuro

As escolas e os colégios pertencem à Congregação. A Província tem considerado seriamente a situação em que muito poucos – se houver alguns – confrades estarão presentes nestas instituições. Como saberá então a Congregação o que se passa nos seus colégios? Como poderá ter influência na realização dos seus objectivos? Para responder a isto, a administração provincial com a ajuda de conselheiros juristas, estuda a ideia de criar uma sociedade cuja tarefa seria velar pelo trabalho educativo das escolas. Não um cão de guarda, mas um estímulo e um apoio em caso de necessidade. Esta sociedade incluiria confrades e leigos, homens e mulheres, com uma clara visão espiritana da educação.

Brendan HALLY

2. A NOSSA MISSÃO

A nossa experiência missionária recente foi largamente lembrada ao longo do Capítulo, particularmente através das oito primeiras apresentações dos capitulantes e da partilha que se seguiu.

O centro da nossa vida espiritana é sempre a missão como anúncio da Boa Nova do Reino (RVE 1). Mas hoje desenha-se mais claramente uma certa maneira de ser missionário espiritano: insiste-se sobre a proximidade, a qualidade de vida e de presença junto das pessoas, a solidariedade, a abertura a novos horizontes e sobre uma mais ampla colaboração... A aventura missionária leva-nos a partilhar com muitas pessoas um caminho que nos estimula a crescer espiritualmente, a renovar o sentido do nosso compromisso.

Através da reflexão dos capitulantes, este estilo de missão é fonte de inspiração para os próximos anos, convida-nos também a rever certos aspectos da nossa formação e o modo de nos organizarmos.

ORIENTAÇÕES E DECISÕES

Características da missão espiritana contemporânea

Elas aplicam-se a todas as situações vividas pelos espiritanos: compromisso em contexto não cristão ou muito perto de comunidades eclesiais, em obras sociais, educativas ou paroquiais, etc. Estas características são lembradas por algumas expressões significativas:

Presença

A razão principal porque vamos para junto das pessoas, não é para desempenhar tarefas, mas para estar com

elas, acompanhá-las, escutá-las e partilhar a nossa fé. No centro das nossas relações estão a confiança, o respeito e o amor.

2.1 Para melhor comunicar com as pessoas, cada circunscrição, cada comunidade é convidada a comprometer-se num esforço de análise e de interpretação das situações em que elas vivem.

Solidariedade

A solidariedade é uma dimensão essencial da relação missionária com povos diferentes e grupos humanos desfavorecidos.

2.2 Somos chamados a uma solidariedade activa com as populações entre as quais vivemos, particularmente os mais pobres, os mais fracos, os excluídos da sociedade.

Espiritualidade

O Espírito precede-nos no caminho da missão; sinais da sua presença acompanham o nosso trabalho. A missão é portanto peregrinação, aventura, contemplação, descoberta da obra do Espírito. Ela é essencialmente testemunho pela qualidade da nossa vida. Somos chamados à conversão, à transformação por um caminho de despojamento pessoal.

2.3 A compreensão actual da missão impulsiona-nos a uma revisão de vida pessoal e comunitária no que se refere à qualidade da nossa relação com Deus, ao nosso estilo de vida e ao nosso olhar sobre o mundo.

2.4 Temos de ter a preocupação de ter os nossos confrades idosos informados sobre a vida da Congregação para alimentar a sua oração missionária.

Passagem de fronteiras e abertura a novos horizontes

Antes de mais a missão não é uma transposição geográfica mas uma passagem de fronteiras culturais e um movimento ao encontro dos grupos desfavorecidos, excluídos, oprimidos. Como estas fronteiras e situações mudam, as frentes da missão deslocam-se. É preciso encontrar um equilíbrio entre a consolidação das actividades já empreendidas e a abertura a novos horizontes.

2.5 As orientações da RVE 4 serão os critérios a partir dos quais avaliaremos os compromissos já tomados e discerniremos as escolhas de novos campos missionários, tendo em conta as nossas possibilidades.

2.6 Para preparar os membros da Congregação para uma missão transcultural e os formar para uma maior abertura, os capitulantes encorajam o movimento para comunidades internacionais e insistem sobre a importância de permutas, sobretudo em pessoal, entre as circunscrições espiritanas.

Colaboração

A colaboração a todos os níveis é uma necessidade para a missão hoje: colaboração com as Igrejas locais, as outras Congregações, as outras Igrejas cristãs, os seguidores de outras religiões, as ONG, as instâncias sociais e administrativas nacionais...

2.7 Cada circunscrição é chamada a examinar a sua solidariedade e a alargar as fronteiras da sua colaboração (cf. capítulo 5).

Diálogo e proclamação

O diálogo respeitoso é um elemento constitutivo da missão actual. Ele não se opõe à proclamação da Boa Nova; dá-lhe a sua dimensão de respeito e de estima pelos outros.

2.8 Os capitulantes insistem sobre a abertura aos crentes de outras religiões e sobre o diálogo respeitoso, como atitudes indispensáveis para uma missão autêntica.

2.9 A indiferença religiosa e a descrença são novos desafios que põem problemas ao fundamento e à caminhada da nossa acção missionária.

Apelo no interior das Igrejas locais

A nossa missão específica no coração das Igrejas locais é despertá-las para o sentido da missão universal, da justiça e da fraternidade entre os povos.

2.10 É tarefa das circunscrições:

- Comprometer-se no despertar da consciência missionária das comunidades cristãs;
- Procurar apoiar as vocações à vida espiritana;
- Promover uma animação missionária em que o voluntariado missionário temporário e o compromisso dos leigos associados sejam apresentados como formas específicas do serviço da missão.

Os campos específicos da nossa missão

Desde o começo, a nossa missão foi sempre a favor dos pobres; ao longo da história apareceram aspectos específicos. Hoje reafirmamos o nosso compromisso de levar a Boa Nova aos pobres, pondo em evidência três dimensões que muitas vezes se compenetram:

Primeira evangelização

A primeira evangelização está no centro do nosso carisma espiritano para o serviço do Reino. Muitos confrades estão nela comprometidos e chegam-nos novos apelos.

2.11 Os membros do capítulo sublinham com insistência que a primeira evangelização exige uma longa aprendizagem em vista dum conhecimento aprofundado da história, da língua, dos costumes dum povo ou grupo humano ao qual somos enviados.

2.12 Este tipo de compromisso implica também, da parte do pessoal missionário, uma presença demorada. Para as primeiras nomeações e movimentos de pessoal, os vários responsáveis devem ter em conta esta exigência.

Educação

A educação formal e informal não é algo de marginal mas faz parte integrante da nossa missão evangelizadora. (cf. Ecclesia in Africa nº 93, 112, 115...). Esta convicção assenta num duplo fundamento: por um lado, este ministério social junto do pobres liberta-os e confere-lhes a dignidade de filhos de Deus; por outro, o contacto privilegiado que a educação permite ter com mundo dos jovens, pode ser uma maneira de comunicar o Evangelho, particularmente pelo testemunho de vida do educador.

2.13 Devemos ter a preocupação de sensibilizar os jovens para os problemas da pobreza e para as estruturas de injustiça na sua sociedade e no mundo.

2.14 Onde for possível, comprometeremos mais os leigos na administração das nossas obras educativas, mantendo sempre uma presença espiritana como

testemunho e fonte de inspiração. Colaborando com os leigos procuraremos transmitir-lhes o espírito da nossa tradição espiritana.

2.15 A formação dos educadores deve ser uma prioridade.

2.16 Procuraremos que alguns confrades se especializem em educação e especialmente para o serviço dos pobres. Esta orientação supõe um estudo prévio das necessidades e será feita conforme os nossos recursos.

Justiça e Paz

O Capítulo verificou que a conscientização sobre a Justiça e Paz progrediu muito na Congregação. Mas há ainda muito a fazer para precisar as modalidades de acção. Não se trata somente de denunciar, é preciso agir com sabedoria e promover também o aspecto positivo.

2.17 Cada circunscrição estabelecerá um programa Justiça e Paz.

2.18 Participaremos nas diferentes redes de informação e procuraremos meios para influenciar as decisões políticas nacionais e internacionais (refugiados, comércio de armas, problema da dívida, ecologia...).

2.19 Cada espiritano deve procurar os lugares de acção ao seu alcance (homilia, catequese, formação de leigos, grupos Justiça e Paz...) para ser a voz dos sem voz (pessoas sem domicílio fixo, sem terra, sem emprego, vítimas dos conflitos étnicos, da corrupção...).

2.20 Nos próximos seis anos, o cuidado dos refugiados será tido como um aspecto muito importante da missão espiritana.

2.21 Os confrades que trabalham nos países do Norte são convidados a apoiar activamente a causa dos refugiados e dos emigrantes que aí procuram fixar-se.

2.22 Nos próximos seis anos, prestaremos especial atenção ao papel da mulher na Igreja e na sociedade.

2.23 Daremos uma atenção particular a tudo o que sirva para promover a reconciliação e a resolução dos conflitos.

2.24 Empregaremos meios para a formação dos agentes Justiça e Paz.

A formação para a missão contemporânea

O novo estilo de missão, com os seus três campos específicos, traz consequências para a formação inicial que deve preparar os jovens para enfrentar os desafios. Verificamos que alguns dos nossos confrades perderam a paixão pela missão; daí a necessidade de pormos em relevo, na formação inicial e permanente, as nossas motivações.

2.25 Os programas de formação devem tomar mais a forma duma aprendizagem com oportunidades para os estudantes experimentarem concretamente as características da vida missionária hoje (cf. 3.4).

2.26 Ter-se-á em atenção informar os estudantes sobre a vida da Congregação e as suas prioridades (cf. Circular sobre os pedidos e prioridades, enviada cada ano pelo Conselho Geral).

2.27 Durante o percurso da formação os estudantes serão ajudados a clarificarem as suas próprias motivações; far-se-á um esforço para identificar e promover as suas qualidades pessoais em vista da missão.

2.28 Desde o início do segundo ciclo, haverá um diálogo entre os diversos intervenientes (estudantes, formadores, Conselho Geral) tendo em vista orientar um candidato para uma situação missionária prioritária.

2.29 Os superiores, em certos casos, darão a possibilidade de um estudante fazer os últimos anos de estudo ("teologia") na região para onde eventualmente possa ser nomeado.

2.30 Os responsáveis da formação prestarão uma atenção especial aos seguintes domínios:

- Formação para a Justiça e Paz;
- Médias, comunicação;
- Linguística.

(cf. Directório da Formação Espiritana nº 31; 146)

2.31 A formação dos formadores é prioritária: nos próximos seis anos ela será uma das maiores preocupações dos responsáveis a todos os níveis.

2.32 A Universidade de Duquesne será um dos lugares de pesquisa e de especialização para a formação superior dos espiritanos, segundo as necessidades da Congregação.

Recursos e coordenação

Na Congregação, desenha-se claramente uma evolução no sentido de grupos mais pequenos e cada vez mais internacionais. Ao mesmo tempo tomamos consciência da fragilidade de alguns dos nossos compromissos

prioritários, porque faltam recursos em pessoal e em finanças. Daí a necessidade de uma solidariedade que não origine uma nova dependência, mas deixe aos grupos autonomia e dignidade.

2.33 Será consolidada a colaboração existente entre certas Províncias e Grupos internacionais; e onde não existe ainda, será organizada sob a responsabilidade do Conselho Geral.

2.34 Em todas as situações a que dizem respeito, as directivas do nº 65 do Directório da Organização[3] serão aplicadas, sobretudo a que se refere à responsabilidade do Conselho Geral e à suas possibilidades de intervenção.

2.35 A nível do Conselho Geral será estabelecida uma coordenação para gerir, segundo os recursos disponíveis, as necessidades em pessoal e finanças nas circunscrições.

2.36 Quando uma Província não está já em condições de fornecer pessoal para um Grupo que depende dela e cujos compromissos são prioritários,

---

[3] *Directório da Organização, n.º 65:*

Nos Grupos internacionais, sobretudo sendo de dimensão restrita, a estabilidade em pessoal é difícil. A regra geral é que o regresso de um confrade para a sua circunscrição de origem não pode depender dum simples "chamamento" do Superior desta: precisa duma decisão expressa do Superior da circunscrição à qual o confrade estava afectado (RVE 156; 159).

Além disso, para esses Grupos, é necessária uma concertação entre as circunscrições de origem dos membros do Grupo, sobretudo se elas são muitas.

O Conselho Geral tem também a este respeito uma responsabilidade própria. Um dos meios de a exercer é fazer uso efectivo da possibilidade de intervenção que lhe reconhece o n.º 159 da Regra de Vida.

o Conselho Geral assumirá a responsabilidade de fornecer pessoal a este Grupo.

2.37 O Conselho Geral determinará a melhor maneira de assegurar, a seu nível, a coordenação para a formação, a educação e Justiça e Paz.

2.38 Ele estudará a possibilidade de estabelecer em África um Centro Espiritano para coordenar o nosso apostolado junto dos refugiados neste continente.

3. AS NOSSAS FONTES DE INSPIRAÇÃO

À luz do relato das experiências e da partilha subsequente, o Capítulo salientou a necessidade que temos de mais uma vez recorrermos à nossas fontes de inspiração, se queremos revitalizar o nosso compromisso missionário-religioso no mundo contemporâneo. As fontes são muitas e podem ser diferentes de pessoa para pessoa, mas para todos a fonte primária será sempre o próprio Espírito Santo, o "Protagonista da Missão" (Redemptoris Missio). O Espírito infunde em nós o desejo de servir os pobres e oprimidos e modela os nossos corações para responder a este desejo. Ele está por detrás de todas as fontes de encorajamento e inspiração que têm orientado e apoiado os membros da nossa família missionária no decorrer dos séculos – sagrada escritura, oração pessoal e comunitária, vida de comunhão com os nossos confrades e com aqueles aos quais somos enviados, o exemplo e os escritos dos espiritanos que nos precederam. Discernir a acção e inspiração do Espírito Santo caracteriza a autêntica espiritualidade que nos foi transmitida pelos nossos fundadores e predecessores e que é parte essencial do "ser espiritano".

ORIENTAÇÕES E DECISÕES

O Espírito Santo e a missão

3.1 O verdadeiro nome de "Espiritano" significa que somos pessoas consagradas a seguir os caminhos do Espírito; a nossa espiritualidade deve estar por isso baseada no discernimento, disponibilidade e união prática com Deus. Maria é um modelo a seguir na sua docilidade à acção do Espírito que ela manifestou

cumprindo a sua própria e única missão. Com o seu exemplo, podemos redescobrir a dimensão contemplativa de toda a missão, a garantia de que seremos instrumentos do Espírito de Deus, em vez de confiar nas nossas forças tais como as imaginamos.

A nossa intimidade com Cristo deve ser cada vez mais intensa; ele foi enviado pelo Pai para levar a Boa Nova aos pobres e por sua vez enviou-nos o seu Espírito para podermos completar a sua missão. Para atingir esta finalidade, devemos redescobrir a Sagrada Escritura como uma fonte de espiritualidade pessoal e da nossa missão, por meio duma leitura piedosa e um contínuo esforço de ligar a Palavra de Deus à experiência humana e aos acontecimentos de cada dia.

3.2 Aqueles que na Congregação desempenham funções de líderes, têm uma missão especial de ajudar os seus confrades para desempenharem a sua missão com estes sólidos fundamentos. Devem encorajá-los a ter um ritmo de vida regular e equilibrado, onde o Espírito se possa fazer ouvir. Os retiros podem ser organizados baseados nas nossas fontes de inspiração. Os responsáveis procurarão consciencializar os confrades sobre a necessidade de um auto-conhecimento e de os incentivar para a formação permanente, que a RVE tanto inculca. (RVE 142, 145.3 e DF 125). Um "confidente" ou companheiro espiritual é muito útil para examinar objectivamente a nossa vida espiritual e pôr as coisas em perspectiva.

A missão como fonte de inspiração

Várias vezes, aqueles que apresentaram experiências designaram as pessoas no meio das quais viviam e trabalhavam, como fonte fundamental da sua inspiração.

A presença e acção do Espírito pode ser discernida na vida destas pessoas, especialmente nos pobres e oprimidos. Eles inspiram-nos com a sua hospitalidade, simplicidade, generosidade e profunda fé. Quanto mais nos identificamos com eles e com o seu sofrimento, mais compreendemos o Evangelho que pregamos (RVE 24.1).Isso exige de nós reavaliar o nosso estilo de vida e trabalhar com eles contra as estruturas opressivas. Neste serviço e fraternidade sentimo-nos mais próximos de Jesus e da sua Boa Nova do Reino. Encontramo-nos fazendo parte duma nova e mais vasta família, recebendo energias inesperadas nos momentos difíceis, da parte daqueles com quem vivemos e trabalhamos.

3.3 Para uma nova nomeação, mas especialmente para as primeiras nomeações, dificilmente podemos exagerar a importância da imersão na história, na língua e cultura de um povo ao qual somos enviados. Por isso, as primeiras nomeações serão feitas normalmente para um longo período. A acção do Espírito é mais facilmente discernida num contexto bem conhecido e compreendido. (C.2.11 & 2.12).

Aqueles que têm posições de comando, têm uma responsabilidade particular neste campo da inculturação e na assistência aos confrades para ler bem os sinais dos tempos, reconhecendo o movimento do Espírito no mundo.

3.4 Esta proximidade será mais facilmente alcançada se a formação é modelada por um tipo de aprendizagem, onde os estudantes permaneçam muito próximos da realidade vivida pelas pessoas, sobretudo dos pobres. Quanto mais os Espiritanos apreenderem outras culturas e religiões, através da experiência, mais bem preparados estarão para perceber a acção do Espírito (Cf.2.25).

3.5 É preciso encontrar meios para transmitir as experiências missionárias significativas vividas pelos confrades que ofereceram a sua vida para o serviço da missão. Muito frequentemente, não conhecemos bem estas experiências que poderiam ser encorajantes e instrutivas para outros que se encontram em situações semelhantes.

A inspiração da nossa tradição espiritana

O conhecimento e amor pelas nossas raízes e tradições espiritanas, a visão dos nossos fundadores e a vivência desta visão pelos nossos predecessores, foi sempre uma fonte importante da nossa inspiração. Durante o Capítulo, a Regra de Vida, os escritos dos nossos fundadores e todos os documentos da Congregação foram mencionados para figurar de modo particular neste contexto. Do mesmo modo, um bom conhecimento dos documentos da Igreja, universal e local, ajudaram-nos a ver a nossa família missionária no seu contexto eclesial.

3.6 O Capítulo pediu que as *Informações Espiritanas* e *Vida Espiritana* aparecessem mais regularmente. Esta última poderia utilizar artigos aparecidos nos boletins ou revistas das circunscrições. Seria preciso pensar em fazer reviver o *Boletim Geral*, talvez incluindo nele todas as publicações do Conselho Geral ou pelo menos algumas.

Os escritos espirituais de Poullart des Places e de Libermann devem ser apresentados de uma forma acessível às pessoas e com uma linguagem do nosso tempo. Porque não pensar num site na Internet?

3.7 A pesquisa sobre as nossas fontes espiritanas e a história da Congregação, deve ser encorajada a todos os níveis, incluindo cada circunscrição. Mas é impor-

tante que o estilo e o conteúdo sejam motivantes, de modo que isso possa ser bem aceite por todos os membros, tanto agora como no futuro. Como preparação para os próximos centenários, cada circunscrição estabelecerá um programa de reflexão e renovamento baseado nas nossas fontes e no apelo à missão que nos é dirigido hoje (Cf. 8.6).

A nossa vida em comum como fonte de inspiração

O Capítulo reconheceu que para cumprir a nossa missão, nós próprios precisamos daquilo que procuramos nos outros – a amizade, o respeito, a ajuda mútua, a capacidade de desafiar e ser desafiado quando necessário, o encorajamento, o amor e a alegria. Deveríamos poder encontrar tudo isto nas nossas comunidades, porque foi assim que Libermann viu a vida de comunidade: não como um fim em si mesmo, mas como uma fonte de força e encorajamento para continuar o envio de Cristo a toda a família humana. Recebemos a nossa inspiração uns dos outros, sobretudo da fé corajosa dos confrades que vivem e trabalham em situações difíceis, por vezes no meio de conflitos e de guerra, com risco mesmo da própria vida; mas outro tanto da fidelidade pouco espectacular doutros confrades, com quem partilhamos o quotidiano, vivendo simplesmente o seu compromisso religioso e missionário, dia após dia. O testemunho pacífico dos nossos confrades idosos, vivido muitas vezes no sofrimento e numa sensação de isolamento, pode ser também uma grande fonte de inspiração.

3.8 Os confrades devem lembrar-se frequentemente que a vida de comunidade, longe de ser um arranjo de conveniência, é uma fonte essencial de inspiração para o cumprimento da sua missão. Fortalecemo-nos a nós mesmos e uns aos outros, pela oração pessoal e

comum, pela partilha da nossa fé, pela amizade e pelo apoio. Nos nossos dias as possibilidades de apoio mútuo, são mais vastas; com a chegada de Leigos Associados à Congregação, os espiritanos professos e os leigos podem edificar-se mutuamente, cada um levando o seu carisma próprio.

3.9 Ninguém se deveria sentir só ou menos apreciado numa comunidade espiritana. Com frequência, talentos são inutilizados ou passam despercebidos. Os confrades interessar-se-ão pelo trabalho de cada um, e os que trabalham juntos, fá-lo-ão em equipa e não como indivíduos. A comunidade é o lugar em que reflectimos e discernimos juntos a nossa missão, avaliando o que temos feito e elaborando projectos para o futuro. Além de tudo isto, é um lugar de encorajamento mútuo, sobretudo para os confrades que passam por momentos difíceis; eles têm direito a esperar afecto e apoio efectivo dos seus irmãos.

3.10 As comunidades não são simplesmente estruturas para o trabalho; elas são a casa duma família espiritana. Como em toda a família, mostraremos verdadeiro interesse pelos familiares e amigos dos outros, pela celebração dos aniversários, pelas festas patronais e outras ocasiões particulares. Em certos países, a relação entre a comunidade e a família alargada dos seus membros pode revestir uma importância particular.

3.11 As amizades podem ser poderosas fontes de apoio e inspiração. A RVE diz: "as *nossas amizades, quando verdadeiras, são sinal do amor de Cristo no meio dos seus discípulos: contribuem para o desenvolvimento da personalidade e alentam a nossa vida apostólica*" (59.2). Uma boa comunidade favorecerá a vida afectiva dos confrades, que encontra uma das suas expressões num alegre e positivo compromisso na castidade.

3.12 Os confrades na reforma e os doentes precisam dum apoio particular por parte da comunidade, que os ajudará a ver nesta fase da sua vida o prosseguimento da sua missão. Onde isso é possível, eles serão encorajados a desempenhar tarefas adaptadas à sua situação, por exemplo um ministério junto de pessoas idosas, a pesquisa e a tradução das fontes espiritanas, etc. Por vezes é um apoio muito importante para eles, se puderem continuar como reformados na casa onde trabalharam, contribuindo assim para dar aos confrades mais jovens o sentido da continuidade e da identidade.

3.13 Dentro das circunscrições e também entre circunscrições vizinhas, serão organizados encontros que sejam motivo de inspiração.

3.14 Os confrades serão ajudados a tirar a inspiração de certos documentos da Igreja, universal ou local.

3.15 Finalmente, num sentido muito real, os nossos predecessores fazem sempre parte das nossas comunidades e nós podemos continuar a beneficiar da sua oração e do seu exemplo. Um necrológio actualizado ajudar-nos-á a lembrarmo-nos deles e a desenvolver o sentido da comunhão com aqueles que partiram antes de nós.

4. A NOSSA VIDA EM COMUM

Comunidade espiritana

As diferentes experiências apresentadas no Capítulo mostraram como a vida de comunidade é um apoio para os confrades. Vários falaram dos benefícios que pessoalmente receberam da vida em comum, tais como a amizade, o apoio mútuo e a aceitação das nossas diferenças. A comunidade ajuda-nos a viver o nosso testemunho de castidade.

Foi repetido que a vida comum é a norma da vocação espiritana. A RVE (§ 27) retoma palavra por palavra a directiva de Libermann na Regra de Vida de 1849, que "a Congregação tomou como sua regra fundamental a vida comum. Todos os seus membros viverão sempre em comunidade". Na nossa Regra comprometemo-nos a viver em comunidade, seja local seja regional, com o fim de nos ajudarmos mutuamente a viver os conselhos evangélicos e a responder ao nosso apelo para a missão (RVE 27-28).

Alguns confrades, por diversas razões, vivem fora de comunidade; deste modo, eles são, infelizmente, privados do apoio e do enriquecimento que nos vêm da vida fraterna. Os capitulantes pediram que a Congregação assegure uma vida de comunidade real para cada espiritano.

ORIENTAÇÕES E DECISÕES

4.1 Todos os confrades responderão de um modo sincero e autêntico ao apelo para viver em comunidade.

4.2 Tanto quanto possível uma comunidade espiritana não terá menos de três confrades, como é indicado na RVE 153.1.

4.3 Assegurar-se-á aos confrades em primeira nomeação uma vida de comunidade, bem como os conselhos e o acompanhamento fraterno de que terão necessidade.

4.4 As circunscrições esforçar-se-ão por adaptar as comunidades regionais ao modelo descrito na RVE 32, 32.1, 153.2, 247.1.1.

4.5 De futuro, a Congregação não aceitará um ministério que exija aos confrades viverem fora de comunidade de uma maneira habitual.

Preparação para a vida de comunidade

Acentuando sempre as vantagens que nos podem advir da vida de comunidade, foi reconhecido abertamente no Capítulo que ela pode ser difícil. O facto de vivermos debaixo do mesmo tecto, não é garantia suficiente para que haja uma autêntica vida comum; esta supõe uma qualidade de presença, de comunicação e de partilha. Alguns julgam que a vida em comunidade internacional ou inter-cultural é particularmente exigente; foi por isso que o Capítulo sublinhou a necessidade de uma preparação para a vida em comum, como um meio importante de responder a estas exigências.

4.6 Durante o tempo da formação, os candidatos deverão mostrar aptidões para a vida em comum e uma vontade firme de atingirem o ideal, conservando a ideia que caminhamos cada vez mais para comunidades restritas e internacionais.

4.7 Tanto quanto possível, o período do estágio pastoral e os estudos do segundo ciclo serão feitos

em ambiente inter-cultural e internacional, como preparação para os diferentes estilos de comunidades em que cada um pode ser chamado a viver.

4.8 Durante os próximos seis anos, as circunscrições farão um esforço particular para o renovamento, a revitalização e a autenticidade da vida de comunidade.

Construir a comunidade: um desafio constante

A construção da comunidade não poderá nunca ser responsabilidade de uma só pessoa. O Capítulo lembrou o papel fundamental de cada confrade neste campo delicado. É um trabalho contínuo. Qualquer estrutura ficará vazia e sem vida, se cada confrade não estiver pronto a dedicar-se inteiramente ao espírito e ao ideal que as animam. Isso exige uma conversão quotidiana.

4.9 As equipas provinciais e os Superiores locais terão em conta que a construção das comunidades é uma parte essencial do seu serviço.

4.10 Cada comunidade terá reuniões regulares, com os seguintes objectivos:

- organizar a vida em comum;
- promover a confiança mútua e a partilha da fé;
- prever e avaliar o nosso apostolado comum;
- partilhar as responsabilidades e gerir os nossos recursos;
- escutar-nos uns aos outros com respeito.

Procuraremos viver todos os aspectos da vida comum num espírito de partilha e de solidariedade.

4.11 Um elemento essencial para uma autêntica vida religiosa, mas que muitas vezes é desprezado ou ignorado, é todo o domínio de relações exteriores à comunidade, sobretudo no que se refere ao nosso compromisso de uma vida de castidade evangélica. A

atmosfera de uma comunidade deveria ser tal que os problemas que se põem neste campo delicado, pudessem ser partilhados de uma maneira aberta e confiante entre os confrades.

4.12 Os que são chamados a um serviço de responsabilidade na Congregação, serão ajudados a desenvolver uma maneira de ser pastoral para a assistência aos confrades em dificuldade.

4.13 Os elementos seguintes são características duma vida de comunidade espiritana: um ritmo regular de oração e de refeições em comum, as trocas de impressões e reflexão sobre a nossa vida religiosa e apostólica, o descanso e os recreios em comum, uma disponibilidade para a correcção fraterna e para a reconciliação se for necessária.

4.14 Cada membro da comunidade será tratado com o mesmo respeito, e ser-lhe-á proporcionado o espaço necessário para o seu crescimento pessoal.

4.15 Todo o trabalho empreendido por um espiritano será visto como fazendo parte do projecto comum; isso supõe portanto o acordo prévio da comunidade.

O testemunho da vida comum

Conflito, discriminação racial e o culto do individualismo, existem muito no nosso mundo de hoje. Vivendo em comum, nós que vimos de lugares e de culturas diferentes, dizemos aos nossos irmãos e irmãs que a unidade da raça humana não é um sonho impossível. Neste sentido, a nossa vida comum é parte integrante da nossa missão e um poderoso testemunho na mensagem do Evangelho. No mesmo espírito, nós integramos o trabalho apostólico das nossas comunidades na vida e nos projectos pastorais da comunidade cristã local.

O testemunho dos nossos confrades idosos e doentes é um outro meio de proclamar os valores do Reino. A sua oração e o seu sacrifício são a continuação do trabalho missionário que eles realizaram quando eram jovens e estavam em melhor forma. O Capítulo pede à Congregação para continuar a manifestar-lhes um amor particular e a procurar concretamente o seu bem-estar.

4.16 Nós preparamo-nos para viver em comunidades internacionais e inter-culturais como um testemunho ao Evangelho. Mas antes de nomear um confrade para determinada comunidade, deverá haver a preocupação de saber se ele é apto para este estilo de vida, e assegurar-se-lhe-á uma preparação adequada. Durante os próximos seis anos, este ponto será objecto duma atenção particular.

4.17 Cada comunidade espiritana velará para integrar o seu apostolado no trabalho pastoral da Igreja local, em vez de agir como uma entidade separada.

4.18 Os Superiores de circunscrição convidarão e ajudarão os confrades mais idosos a preparem-se para se retirarem. Farão o melhor que puderem para que as comunidades de idosos sejam lugares de fé profunda, de esperança e de alegria.

Viver afastados da Congregação

As experiências apresentadas no Capítulo apresentaram-nos a triste realidade de confrades que vivem afastados da Congregação. Nós desejamos estender uma mão amiga a todos estes irmãos e convidá-los a restabelecer os laços vitais que os unem à sua circunscrição e a toda a Congregação.

4.19 O Conselho Geral e os responsáveis de circunscrições procurarão caminhos de contacto e de diálogo

com os confrades que vivem actualmente afastados da Congregação.

4.20 Ajudar-se-ão os confrades que persistem em viver assim à margem, a precisar qual será no futuro a sua relação com a Congregação.

Leigos associados

Damos graças a Deus pelo modo como a vida espiritana, a sua missão, a sua espiritualidade e comunidade, exercem actualmente um atractivo sobre os leigos, que vêm nisso uma maneira de responder à sua própria vocação. As experiências pessoais apresentadas no Capítulo pelos leigos associados que para ele foram convidados, exprimiam este atractivo de maneira comunicativa. Nós acolhemos com alegria esta forma de associação como um dom do Espírito de Deus e incentivamos a Congregação a desenvolvê-la em todo o mundo espiritano.

4.21 Encorajamos e continuamos a procurar diferentes modos de estar em ligação com a nossa família espiritana (colaboradores, fraternidades espiritanas, associados com compromisso formal, etc.), e as nossas comunidades acolherão e colaborarão com os nossos irmãos e irmãs leigos.

4.22 Em coordenação com o Conselho Geral, os leigos espiritanos serão encorajados a elaborar as suas próprias estruturas, segundo as necessidades particulares de cada grupo.

4.23 Em cada circunscrição onde haja Leigos associados, será nomeado um confrade professo para os acompanhar.

Ajuda mútua e apoio

Uma maneira encorajante na nossa maneira de cumprir a nossa missão, foi o desenvolvimento e colaboração a nível regional. Esta ajuda mútua toma formas variadas – colaboração entre os Superiores Maiores, formadores, coordenadores J&P, arquivistas, ecónomos, redactores de revistas, elementos comuns de formação inicial e permanente, etc.

A nossa solidariedade a nível da Congregação não deve ser vista simplesmente em termos de ajuda Norte-Sul; a ajuda deve vir de toda a parte e ir para todos os pontos das nossas implantações espiritanas. Numa mesma região, as circunscrições podem ajudar-se de muitas maneiras. O ideal é fácil de formular e sem equívoco: os que têm (em pessoal, competências ou finanças) partilham com os que não têm.

O Capítulo sentiu que havia uma maneira inaceitável do nível de vida entre diferentes grupos de espiritanos. Algumas comunidades e circunscrições têm mais do que é preciso para as suas necessidades, enquanto que outras têm apenas o necessário para viver. Apesar de muitos exemplos de grande generosidade e de partilha, há no entanto necessidade duma solidariedade e dum apoio mais vastos.

4.24 O Capítulo pede que revejamos o nosso modo de vida habitual à luz do espírito de pobreza e de simplicidade querido pelos nossos fundadores. Os Superiores insistirão para que haja transparência de contas em matéria de finanças.

4.25 Procuraremos fazer crescer a nossa solidariedade, nas regiões e entre regiões. Esta partilha em pessoal e em finanças, que é a expressão elementar da nossa solidariedade espiritana, tem a

sua fonte na preocupação e no respeito mútuo entre irmãos e irmãs que participam na mesma missão.

4.26 Durante os próximos seis anos, o Capítulo deseja ver desenvolver-se a colaboração entre as novas Províncias e as Fundações, bem como entre as regiões da América latina e as da África.

5. MINISTÉRIO PARTILHADO

O carisma espiritano

As experiências apresentadas no Capítulo salientaram que a colaboração é uma dimensão essencial da missão contemporânea. A missão hoje é de tal modo complexa que, sós, não podemos realizá-la eficazmente. Trabalhar com outros fortalece-nos no nosso compromisso e aproveita às pessoas que connosco têm objectivos comuns.

No passado, os espiritanos encontraram-se em situações onde não havia grande alternativa: individualmente ou em Congregação, os confrades no seu campo de trabalho, praticamente tinham de se desenvencilhar sós, a partir dos seus próprios recursos. Hoje, isto é raro; é preciso portanto mudar radicalmente a nossa maneira de ver e de nos organizarmos.

Ficando discretamente inteiramente fiéis ao nosso carisma e à nossa identidade, seremos solícitos em colaborar tanto quanto possível com outras pessoas e grupos, quer sejam de leigos, das Igrejas locais, ou dos não católicos, ou doutros grupos religiosos, das ONG ou doutros organismos de desenvolvimento, ou de qualquer outro agrupamento que tenha objectivos deste tipo.

ORIENTAÇÕES E DECISÕES

Colaboração com as Igrejas locais

É a Igreja local que tem primariamente a responsabilidade da missão. Os Espiritanos tornam-se membros da Igreja local nos lugares para onde são enviados e lhes levam a sua visão do mundo e o seu carisma próprios, como um

dom feito a esta Igreja. Eles participam nas suas actividades na linha da sua vocação específica (RVE 13).

5.1 Nós queremos ajudar a Igreja local a realizar a sua vocação missionária, particularmente trabalhando para incrementar a consciência missionária. (RVE 18-19). (cf. também Maynooth 2.10).

5.2 Quando isso nos for pedido e depois de ter estabelecido um acordo com o Ordinário do lugar, acolheremos seminaristas diocesanos que vêm trabalhar nas paróquias confiadas à Congregação e estaremos prontos a acompanhá-los na sua formação pastoral. Nas mesmas condições e por razões pastorais, acolheremos de bom grado sacerdotes diocesanos nas nossas comunidades.

5.3 Nos lugares onde ainda não foi feito, procuraremos estabelecer um contrato assinado com o Ordinário do lugar, como pede a RVE 19 e 235.

5.4 Se necessário, e após discernimento entre nós e com o Bispo, não hesitaremos em ser uma voz profética na Igreja local.

Colaboração com os leigos

Tem havido sempre alguma colaboração com os leigos na missão espiritana, mas o Vaticano II, com a sua visão da Igreja como povo de Deus, iniciou um movimento que atribui aos leigos a sua função própria e insubstituível na vida e na missão da Igreja – a sua participação nas responsabilidade e iniciativas, o seu ministério especial na Igreja-família eclesial, a sua responsabilidade missionária na sociedade em geral.

Com a chegada dos leigos à nossa família espiritana, não é despropositado que eles tomem parte nas nossas assembleias importantes para a reflexão e tomada de

decisões; o Capítulo de Maynooth foi abençoado com a presença de três leigos associados, duas senhoras e um homem, vindos de três continentes diferentes. A sua presença e a sua participação influenciaram a nossa reflexão e as nossas tomadas de decisões e ajudaram-nos a tomar consciência de que a nossa própria vocação espiritana na Igreja tem como dimensão essencial a colaboração.

5.5 Em qualquer lugar onde os Espiritanos trabalhem, respeitarão e encorajarão o ministério dos leigos na Igreja local e universal e na sua missão particular relativamente à sociedade em geral na qual vivemos.

5.6 Daremos uma atenção e um acolhimento especiais àqueles que se sentem atraídos pela nossa espiritualidade e pelo nosso trabalho. Ajudá-los-emos a discernir a sua vocação própria na Igreja.

5.7 O facto de termos actualmente mulheres entre os membros da nossa família espiritana, torna-nos mais conscientes do dever de trabalhar pelo reconhecimento da dignidade e dos direitos da mulher, nos lugares onde estivermos, tanto na sociedade como na Igreja. Ajudá-las-emos a discernir a sua vocação particular na missão da Igreja (cf. 2.23).

5.8 Nos seus pedidos de pessoal, as circunscrições indicarão que postos poderiam ser ocupados pelos leigos.

Colaboração com outras Igrejas e religiões

Houve tempo na nossa história em que as outras religiões e mesmo as outras Igrejas cristãs eram vistas como um obstáculo à evangelização. Com uma concepção diferente da missão e dos modelos de Igreja, consideramo-las como irmãos e irmãs, com os quais podemos hoje colaborar.

5.9 A Administração Geral continuará a encorajar e a apoiar os espiritanos que trabalham em estreita colaboração com outras Igrejas e religiões.

Colaboração com as ONG e outros organismos de desenvolvimento

As Organizações Não Governamentais são um fenómeno que se vai desenvolvendo, e muitas delas inspiram-se em valores que nós também consideramos importantes. Mesmo se elas não são cristãs, as pessoas que delas fazem parte são muitas vezes norteadas por um elevado ideal e disso dão provas no seu trabalho de grande competência profissional. Os nossos objectivos comuns podem ser atingidos directa ou indirectamente, graças à colaboração e ao relacionamento que com elas mantivermos.

5.10 Estamos prontos a colaborar com qualquer organização com a qual partilhamos objectivos comuns. Estaremos atentos a que a colaboração com certas ONG não seja mal interpretada.

5.11 A Administração Geral investigará as vantagens e os inconvenientes que adviriam para a Congregação, em ter diante da ONU um estatuto de ONG.

Colaboração com outros institutos

5.12 Desenvolveremos a nossa colaboração entre os institutos espiritanos e os outros institutos com os quais trabalhamos, sobretudo em matéria de formação, de J&P e de animação missionária. O papel da Administração Geral será importante no alargamento deste tipo de cooperação.

5.13 Continuaremos a dedicar particular atenção à partilha de formadores, não somente na Congregação,

mas também com outras congregações e com as Igrejas locais.

Formação para a colaboração

5.14 A ocasião de pôr em acção diferentes modos de colaboração e de desenvolver os jeitos necessários para isso, deveriam fazer parte dos nossos programas de formação. A teologia da vocação do laicado será parte integrante da formação inicial e permanente e dar-se-á a possibilidade de pôr esta teologia em prática (DF 38). O mesmo vale para o conhecimento das ONG, a sua relação com a nossa missão e a maneira de colaborar com elas.

5.15 O clericalismo é um obstáculo a todo o ministério partilhado. Tanto na formação inicial como permanente, deveremos procurar erradicar esta forma de dominação (DF 38).

6. FINANÇAS

Imperativos financeiros e compromisso missionário

Ouvindo os nossos confrades falar dos seus compromissos, tomamos mais consciência da importância do ***aspecto financeiro*** *no nosso projecto comum: muitas vezes a situação financeira limita as acções, condiciona as iniciativas. Olhando ao conjunto da Congregação, damo-nos conta que todas as medidas técnicas já ponderadas, não são suficientes para resolver o maior problema financeiro: as nossas entradas regulares diminuem e são cada vez mais insuficientes para prover às nossas necessidades.*

Por outro lado, a pobreza é uma fraqueza que nós escolhemos. Ela permite abandonarmo-nos totalmente ao Pai no seguimento de Cristo (RVE 63). Ela torna-se sinal e caminho da ***proclamação do Reino*** *que está no centro do nosso compromisso; faz-nos optar por uma maneira de viver simples e sóbria. Este estilo de vida aproxima-nos dos pobres, dos desfavorecidos e dos desenraizados e torna-nos mais solidários. A pobreza pessoal e comunitária dá credibilidade ao nosso anúncio do Evangelho (RVE 70; 71).*

O apelo mais urgente que os capitulantes acolhem e querem levar com eles é o convite a uma ***vida mais sóbria e mais pobre,*** *ao lado dos pobres que queremos servir (RVE 71). E lembramo-nos que a primeira manifestação do espírito de pobreza é a submissão à lei comum do trabalho (RVE 72.1). Sem uma submissão a um tal espírito, não encontraremos caminhos de futuro.*

Essencial também é a ***solidariedade*** *financeira entre nós; é uma das expressões privilegiadas da nossa preocupação de mais justiça e fraternidade dentro da nossa família missionária. Uma verdadeira solidariedade*

implica a transparência na gestão dos recursos postos à nossa disposição, mas que de facto pertencem à Congregação e estão todos ao serviço da sua missão. Entre nós não pode haver ricos e pobres: a nossa vocação compromete-nos a uma partilha autêntica. (RVE 65, 70.1, 72.5, 230).

ORIENTAÇÕES E DECISÕES

Responsabilidade e rigor na prática da pobreza

Em coerência com a nossa mensagem missionária, optamos por um estilo de vida sóbrio e conforme à pobreza evangélica.

6.1 A maneira mais simples de viver a pobreza é a luta a todos os níveis contra a má gestão e o esbanjamento.

6.2 Os bens que estão à nossa disposição (carros, material de escritório...) são tidos como bens comunitários.

6.3 Como pessoas e como comunidades ou circunscrições, aceitamos a exigência de ter de prestar contas, de uma maneira responsável, dos bens e finanças que nos são confiados.

6.4 Para isso, queremos empregar os meios mais simples:

- Ter uma contabilidade rigorosa.
- Estabelecer um orçamento com avaliação no fim do período.
- Ter uma gestão comunitária das finanças: as contas e os orçamentos duma comunidade ou duma circunscrição são comunicados regularmente

aos confrades; serão apresentados pelo ecónomo e submetidos a discussão.

- Estes meios simples de praticar a pobreza de maneira responsável, devem ser aprendidos desde a formação inicial. Os estudantes serão informados da situação financeira das casas de formação. Participarão tanto quanto possível na sua gestão, mesmo que seja de uma forma limitada. Aprenderão um método de contabilidade simples mas rigoroso. Velar-se-á para que as casas de formação tenham um nível de vida modesto (Directório da Formação Espiritana nº 28 a 32).

6.5 Cada circunscrição tenha um conselho financeiro e escolha um ecónomo verdadeiramente competente na gestão financeira. Procure também meios de autofinanciamento e dê formação a confrades aptos para acompanhar iniciativas que sejam fontes de recursos.

Solidariedade e autonomia

Na nossa história recente, a exigência da partilha tomou formas diversas, à medida que foram evoluindo as relações entre as circunscrições. O Capítulo de 1968-69 dizia: "o excedente das casas será enviado ao Economato provincial ou do Distrito e o das Províncias e Distritos ao Economato Geral (nº 317). A Regra de Vida de 1987 vai mais longe: "Ao elaborarmos os orçamentos, a qualquer nível de competência do Instituto, temos em conta as necessidades manifestadas fora das nossas comunidades, das nossas circunscrições..." (RVE 72.4). Deste modo a Regra de Vida pede que a partilha não se limite só ao "excedente", mas também ao necessário; e que não se pense nisso só no fim do período, mas já quando se faz o orçamento.

A Regra de Vida prevê uma larga autonomia das diferentes circunscrições e ao mesmo tempo uma grande solidariedade entre elas:

6.6 A solidariedade entre nós não é juridicamente imposta nem tarifada; todavia desejamos que seja ainda mais efectiva e melhor organizada.

6.7 O Conselho Geral está encarregado de supervisar a solidariedade entre todas as circunscrições, de a organizar e orientar. Com este fim, para o bem de toda a Congregação, ele administra:

- O *Fundo Cor Unum;* este fundo é destinado às necessidades da formação; excepcionalmente pode servir para outras necessidades da Congregação.
- A *Conta Especial para os Projectos Apostólicos.* Ela permite apoiar novos projectos ou compromissos que não tenham outros recursos. Esta conta deve ser regularmente reforçada pelas contribuições voluntárias e por outros meios. Será desejável que esta conta venha a ser um fundo de capital.

Cada ano, o Ecónomo Geral dá conhecimento da evolução destes capitais quando fizer um apelo à solidariedade a todas as circunscrições.

6.8 Quando existe uma colaboração entre as circunscrições, no sentido em que a entende o capítulo 2 "*A Nossa Missão*" (cf nº 2.33; 2.34), o montante das ajudas directas figura no relatório financeiro anual que cada circunscrição envia à Casa Generalícia. O Ecónomo Geral publica cada ano a lista completa das ajudas directas, ao mesmo tempo que a das contribuições ao *Cor Unum.*

6.9 Cada circunscrição deve ter como objectivo chegar à autonomia financeira; é responsabilidade tanto da

própria circunscrição (RVE 232.4) como de toda a Congregação.

- Para as Fundações e as novas Províncias este objectivo deve ser insistentemente recomendado pela Administração Geral em concertação com os Superiores das circunscrições.
- Os Grupos pequenos devem ser ajudados de tal modo que possam viver sem serem paralisados pelas preocupações financeiras: esta ajuda é organizada segundo as orientações do Directório da Organização, particularmente nos nº 36, 63, 64.

O *Fundo Cor Unum:* instrumento privilegiado da nossa partilha

O Fundo Cor Unum ajuda as circunscrições que têm maiores necessidades para assegurar a formação dos candidatos. É neste campo que é precisa hoje maior solidariedade dentro da Congregação; depende dela o futuro da Congregação.

6.10 O Fundo *Cor Unum* é alimentado pelas contribuições das circunscrições, convidadas assim a entrar no jogo da solidariedade. Todas as circunscrições devem contribuir para ele cada ano, mesmo que a contribuição seja um tanto simbólica para as que tenham menos recursos. O Ecónomo Geral publica cada ano o montante dos fundos reunidos e distribuídos, mencionando o destino dos subsídios: formação, construções, necessidades extraordinárias.

6.11 Para a distribuição dos subsídios segundo estes três sectores, o Conselho Geral adaptá-la-á cada ano procurando aproximar-se da proporção seguinte:

- Subsídios ordinários (despesas ordinárias da formação) 70%

- Subsídios para despesas de construções (formação) 20%
- Subsídios extraordinários 10%

6.12 No que respeita às despesas para a formação, o Conselho Geral dará um conjunto de critérios objectivos e equitativos para fixar o montante dos subsídios. Se a formação é muito dispendiosa num país, é preciso estudar soluções alternativas: ligar-se a outros centros de formação, mudar de lugar, limitar o número de candidatos, etc.

6.13 Os projectos de construções para a formação devem ser geridos de maneira separada, o que permitirá propor o financiamento de tal ou tal construção a uma circunscrição ou a um benfeitor que deseje apoiar um projecto concreto. Enviar-se-lhes-á um relatório da utilização do subsídio.

6.14 Como os abonos fornecidos pelo *Cor Unum* não cobrem nunca todas as despesas da formação, as circunscrições devem apoiar-se nos próprios meios e procurar outras fontes de financiamento.

Directivas e decisões particulares

6.15 O Ecónomo Geral proporá, segundo uma escala regional, elementos de formação aos ecónomos de circunscrição e a todos aqueles que têm serviços importantes de gestão. Pedimos também aos ecónomos que aproveitem as oportunidades de formação técnica que possam encontrar nos seus diversos países. Seria bom igualmente organizar a partilha de experiências, alcançadas ou não, em matéria de autofinanciamento.

6.16 Por ocasião das visitas às diferentes circunscrições, os membros do Conselho Geral verificam o

estado dos livros de contabilidade e estão atentos à situação financeira da circunscrição visitada.

6.17 O Superior de circunscrição deve estimular os seus confrades a pôr em prática o compromisso da pobreza e verificará como ela é vivida.

6.18 O Ecónomo de circunscrição terá um conselho financeiro incluindo, se for possível, especialistas não espiritanos.

6.19 Nas dioceses em que trabalhamos, procuramos:

- Separar claramente a contabilidade das obras e a da Congregação (RVE 235,4);
- Estabelecer um contrato precisando as nossas responsabilidades bem como os compromissos da Igreja local que nos acolhe (RVE 19; 235).

6.20 Queremos que entre nós se proceda convenientemente quanto aos pedidos de ajuda financeira para as nossas obras ou projectos:

- Os pedidos enviados às Províncias ou à Administração Geral devem ser apresentados pelos Superior de circunscrição. Os pedidos feitos a organismos não espiritanos devem ser apresentados pelo responsável da obra e assinados pela respectiva autoridade eclesiástica (em geral é o Ordinário do lugar).
- É preciso prestar contas do uso das ajudas recebidas.
- Os fundos destinados a esses projectos ou obras não são nunca lançados em contas individuais.

6.21 Para aumentar as receitas da Administração Geral, as modalidades da contribuição pessoal para cada ano são modificadas como segue:

- A idade limite vai até aos 70 anos.

- O montante por pessoa será aumentado; o Conselho Geral fixará este aumento.

6.22 É de encorajar a angariação de fundos. É pedido ao Conselho Geral que supervisione esta angariação de fundos, quando isso diz respeito a toda a Congregação.

6.23 É pedido ao Conselho Geral para estudar o melhor modo de reduzir as despesas das assembleias gerais da Congregação: Capítulo Geral e Conselho Geral Alargado.

7. DIRECTÓRIO DA ORGANIZAÇÃO

Devido à sua extensão, não é possível reproduzir aqui todo o Directório; o que se segue é apenas uma introdução. Ele será publicado sob a forma de um livrete, independentemente deste. O texto integra as três emendas mais pequenas pedidas pelo Capítulo Geral, das quais se trata mais abaixo em 7.4.2.

7.1 Como nasceu este Directório?

Este documento foi originado pelo pedido do Capítulo Geral de Itaici "*para se fazer uma revisão completa do Capítulo 7 da Regra de Vida*" (Itaici 40). Pareceu ao Conselho Geral que este não era o momento de se fazer esta revisão. Em tempo de evolução, correríamos o risco de ter de redigir o capítulo 7 ainda mais vezes.

Pareceu que era preciso antes apresentar indicações para bem gerir as mudanças, uma direcção geral, formas de estruturas não definitivas, pontos de referência para uma instituição em marcha. É isso que o presente Directório se propõe fazer.

O Conselho Geral Alargado de Dacar em 1995 concordou com a ideia de que a revisão do capítulo 7 não era necessária, salvo se as orientações tomadas durante o próximo Capítulo Geral exigissem modificações.

7.2 Sentido do Directório: as mudanças suscitam novas estruturas

O fim deste documento é orientar as decisões respeitantes à organização da Congregação em situações de evolução. Eis aqui alguns exemplos de mudanças e a forma como o Directório lhes responde.

7.2.1 Pequenas circunscrições na linha da frente da missão

Desenvolvem-se circunscrições mais pequenas do que antigamente. Elas são numerosas, distribuídas em todos os continentes, e tornam-se quase todas internacionais.

Grupos e Distritos

Foram fundados Grupos para novos compromissos missionários. À partida eram pequenos e o género de evangelização, muitas vezes discreto e a ritmo lento, não exigia grandes grupos. Por opção ou por necessidade – devido à dificuldade em encontrar bastantes confrades aptos e voluntários numa só Província – estes grupos eram muitas vezes internacionais.

Os Distritos têm a tendência de se tornarem mais pequenos. Foram passadas obras ao clero local. A presença espiritana, que se desloca para tarefas mais específicas do nosso carisma, é naturalmente mais reduzida. Os Distritos diminuem também devido ao envelhecimento dos confrades e à falta de vocações nas Províncias de origem dos seus membros. Para encontrar ainda assim um mínimo de pessoal novo, os Superiores de Distrito batem a todas as portas, em particular às das Fundações e novas Províncias espiritanas. Os Distritos tornam-se assim, praticamente, todos internacionais.

Estas circunscrições por agora conservam os seus nomes de "Grupo" ou "Distrito" mas não há diferença fundamental entre eles. Mais tarde poder-se-ia utilizar um só nome, por exemplo o de "Grupo".

Verdadeiras circunscrições

Estes Grupos e Distritos são, ou deveriam tornar-se progressivamente, verdadeiras circunscrições, com um Superior Maior. Não se criarão portanto mais Grupos, chamados por vezes "provinciais", dependendo duma Província longínqua, simplesmente porque se tomam internacionais e também porque o seu compromisso missionário exige um estatuto de circunscrição autónoma.

Grupos e Distritos, muitas vezes situados muito longe das Províncias de origem dos seus membros, constituem de facto a linha da frente da nossa missão, uma missão que pede uma fidelidade criativa, com iniciativas, muito discernimento e tomadas de responsabilidade. É bom dar-lhes consistência. É preciso que eles possam ter uma certa autoridade sobre o seu pessoal e que este não possa simplesmente ser chamado pela circunscrição de origem dum confrade.

Solidariedade da Congregação

Uma solidariedade sem dominação, fundada sobre a confiança e a generosidade, mas bem organizada, estimulada e orientada pelo Conselho Geral, é necessária aos Grupos e também, cada vez mais, aos Distritos.

Estes Grupos e Distritos pelo facto mesmo da sua autonomia, devem assumir também responsabilidades. Ora eles são frágeis. A sua missão exige membros em plena força e muito motivados. A partida de um deles põe já muitas coisas em questão e para encontrar um substituto é preciso bater a muitas portas.

Quase sempre, o tipo de compromisso destas circunscrições e as regiões onde trabalham, não lhes

permite esperar, nem mesmo prever num futuro próximo, uma autonomia financeira.

Quer seja em pessoal ou em finanças, têm portanto necessidade da solidariedade da Congregação. Para que a solidariedade não gere dependência, para que ela não destrua mas promova relações de confiança e de generosidade, não queremos encerrar-nos num funcionamento jurídico de contrato "troca por troca" ou de contribuições tarifadas pelo Generalato. Nós apostamos no espírito da nossa tradição "Cor Unum et Anima una" como motor da solidariedade.

Os Grupos e Distritos são os primeiros responsáveis pelo seu pessoal e finanças. O apoio necessário da solidariedade vir-lhes-á:

- Do Generalato para as nomeações e por abonos da Conta especial para os compromissos missionários ou excepcionalmente do fundo Cor Unum;
- Da Região de que fazem parte, permitindo as reuniões regionais avaliar as necessidades e as possibilidades de ajuda;
- De circunscrições ligadas a eles duma maneira ou doutra, podendo algumas destas, por exemplo fornecer pessoal, outras uma ajuda financeira regular.
- A organização destas formas de solidariedade evitará que as circunscrições pequenas estejam constantemente preocupadas pela falta de recursos indispensáveis.

7.2.2 Fundações e Províncias para as vocações e a formação de hoje

Fundações e novas Províncias

Verificamos que nas antigas Províncias, feitas para acolher e formar jovens, temos muito poucos candidatos, e que as vocações espiritanas surgem nos Grupos e Distritos nas fronteiras da missão. Não as vamos recusar sob pretexto que estas circunscrições pequenas não foram feitas para a formação dos candidatos. Desta realidade nasceram os postulantados que constituem os embriões duma Fundação.

Depois do postulantado, os jovens vão para uma casa de formação numa Província ou região. Mais tarde poderá nascer um 1º Ciclo, depois um Noviciado e um 2º Ciclo. Em determinado tempo e segundo certos critérios, uma nova Província pode ver a luz do dia.

É claro que estas Fundações e novas Províncias têm necessidade da Congregação para as apoiar no começo e sobretudo nos desenvolvimentos importantes que algumas têm tido. Elas representam o património essencial da nossa solidariedade, gerida através do fundo Cor Unum. Esta solidariedade condiciona o crescimento da nossa família espiritana.

Antigas Províncias

Algumas Províncias vão enfraquecendo cada vez mais e têm falta de pessoal para fazer face aos seus compromissos. Precisam da solidariedade da Congregação que podem receber doutras Províncias antigas, no contexto duma Região. Beneficiam igualmente do contributo das novas Fundações e

Províncias. Assim estas antigas Províncias tornam-se igualmente internacionais.

Elas estão conscientes que a missão espiritana lhes compete também e tomam compromissos, por exemplo no serviço dos imigrantes e refugiados ou junto da juventude. Participam também em actividades mais vastas de apoio e defesa dos pobres. Estes compromissos podem dar testemunho da missão espiritana e mais facilmente suscitar vocações – de professos ou leigos associados – do que os relatos sobre compromissos longínquos.

7.3 Uma certa visão da organização da Congregação

Assim a Congregação toma novas formas e um novo funcionamento. A RVE, porque antes de tudo comunica um espírito e não define pormenores, permite inovações. O Directório da Organização dá orientações e novos pontos de referência que se juntam à Regra de Vida sem a contradizer.

Nós deixamo-nos orientar pela experiência, com discernimento e concertação. Procuramos descobrir aonde nos conduz o Espírito. Formas de organização nascem de necessidades concretas e de apelos interiores, antes de serem elaboradas sistematicamente.

A RVE integrou assim várias mudanças. Itaici convidou-nos a continuar a avaliação. As propostas do Directório foram feitas a partir de movimentos já em curso. Nestes movimentos temos presenciado a conduta do Espírito para uma missão espiritana sem dominação, na corresponsabilidade, testemunhando, num mundo dilacerado, a unidade na diversidade.

O Directório dá orientações para acompanhar a evolução e organizar a vida espiritana de maneira mais operacional e mais significativa. Ele promove uma certa

qualidade de relações: de confiança, de responsabilidade, de solidariedade. Convida a criar novas relações entre as circunscrições para o seu apoio mútuo: fusão de circunscrições nos lugares onde se encontram lado a lado com comunidades humanas que têm uma unidade real; integração de Distritos numa Fundação que se tornou nova Província; colaboração regional.

O Directório não prevê poderes jurídicos mais extensos para o Conselho Geral. Devido ao seu serviço de direcção, o Conselho Geral é convidado a recorrer mais às possibilidades de intervenção que lhe dá a Regra de Vida, a usar da sua autoridade moral e a confiar na generosidade dos confrades. Deste modo contribuirá para uma melhor distribuição do pessoal, particularmente para os novos projectos e a formação. Estimulará e organizará mais a solidariedade em favor das circunscrições mais frágeis e mais necessitadas.

O Directório é assim fiel à RVE e à nossa tradição espiritana fazendo confiança na acção do Espírito no coração de cada um e nas nossas relações missionárias e comunitárias.

7.4 Decisões do Capítulo

O Capítulo Geral de Itaici pedira ao Conselho Geral para preparar uma "revisão completa" do capítulo 7 da Regra de Vida Espiritana. (Itaici 40).

Embora o documento sobre a organização elaborado pelo Conselho Geral não corresponda exactamente ao pedido de Itaici, é fiel ao seu espírito bem como às determinações dadas pelo Conselho Geral Alargado de Dacar.

O documento tem em conta o facto de não ser desejável, nesta situação em mudança impedir a maleabilidade da organização da Congregação; global-

mente dá orientações satisfatórias para a organização da Congregação nos próximos seis anos.

Depois das emendas, será utilizado até ao próximo Capítulo Geral como um Directório prático de organização e administração. No caso de algumas disposições deste Directório não parecerem de acordo com a Regra de Vida Espiritana, será esta que deve ser aplicada.

O Capítulo pede ao Conselho Geral para constituir uma comissão jurídica encarregada de estudar a possibilidade e a maneira de integrar o Directório no capítulo 7 da Regra de Vida. Esta comissão submeterá o resultado do seu trabalho ao próximo Capítulo Geral.

8. HISTÓRIA – ANIVERSÁRIOS

A nossa história desperta um interesse crescente na Congregação. É sem dúvida a evolução da missão e as orientações do Vaticano II que nos levaram a procurar fontes que pudessem inspirar uma nova criatividade na nossa vida missionária. Uma destas fontes privilegiadas, encontramo-la nas nossas raízes e na nossa tradição espiritana, que alguns dos nossos historiadores descobriram nos últimos decénios.

Os anos futuros oferecer-nos-ão a oportunidade de celebrar dois aniversários importantes da nossa Congregação. Em 2002 será o segundo centenário do nascimento de Libermann e o 150º aniversário da sua morte; em 2003 a Congregação celebrará o terceiro centenário da sua fundação. Lembraremos o que o Espírito realizou na Congregação ao longo da sua história, sem esquecer os aspectos negativos que nos convidam à vigilância... É toda esta herança que será evocada pelas celebrações nas Igrejas locais onde nós estamos presentes.

DECISÕES

Organização dum Ano Espiritano

8.1 Os membros do Capítulo pedem ao Conselho Geral para preparar, em colaboração com as diversas circunscrições, a organização dum Ano Espiritano; começará em 02 de Fevereiro de 2002 e terminará no Pentecostes de 2003. O objectivo deste Ano Espiritano é favorecer o renovamento da Congregação e a difusão da espiritualidade missionária espiritana.

8.2 O Conselho Geral e as circunscrições trabalharão em conjunto para preparar estes aniversários; velarão

para simplificar a sua organização e evitar muitas despesas.

8.3 Os trabalhos preparatórios dos aniversários, tanto no generalato como nas circunscrições, deverão ser apresentados por ocasião do próximo Conselho Geral Alargado de 2001. Este Conselho Geral Alargado deveria reunir as pessoas comprometidas na preparação do Ano Espiritano; este tema deveria ser um dos assuntos principais a tratar.

8.4 Os trabalhos históricos em curso, o Diário da Congregação, a Antologia Espiritana e a Biografia de Libermann devem ser concluídos. (cf Itaici 41).

SUGESTÕES

8.5 Os membros do Capítulo propõem ao Conselho Geral:

- Preparar diversos materiais para uso das circunscrições, tais como: um folheto apresentando de uma forma breve a vida espiritana, destinado à pastoral das vocações; um dossier de imprensa; um esquema para uma entrevista radio ou T.V.; um dossier de fotos históricas da Congregação, etc. Propor periodicamente aos confrades um tema de reflexão a partir de documentos sobre Poullart des Places e Libermann e de materiais sobre a missão.
- Estudar o projecto dum ou mais "seminários" sobre a Missão, abertos a um vasto público, centrados sobre a visão espiritana actual da missão, em referência à sua tradição.
- Aproveitar as diversas possibilidades que as técnicas actuais nos oferecem, para comunicar a todos os

espiritanos as suas informações e as actividades ligadas aos aniversários.

- Nomear uma comissão "ad hoc" que coordene os trabalhos de preparação e as actividades do Ano Espiritano.

8.6 Os membros do Capítulo propõem a cada circunscrição:

- Organizar sem demora uma reunião alargada da circunscrição para planificar as actividades a empreender localmente em vista do Ano Espiritano, e designar um coordenador; várias circunscrições podem organizar-se regionalmente para diversas actividades.
- Estabelecer um programa de actividades segundo as possibilidades locais: conferências, celebrações, seminários, peregrinações... Algumas poderiam ser feitas em colaboração com as Igrejas locais e as obras nas quais estamos comprometidos. Os Centros de animação missionária podem integrar a história e a espiritualidade espiritana na elaboração dos seus programas.
- Escrever, se isso ainda não foi feito, o seu diário e a sua história; preparar um dossier de imprensa para os medias locais; encorajar as comunidades a redigirem o seu diário.
- Encorajar a participação de todos, jovens e menos jovens, professos e associados, na preparação do Ano Espiritano (testemunhos, recitativos, cassetes ou vídeos, cânticos, teatro...).
- Fazer "reviver" os fundadores e os lugares de fundação que lhes são próprios; pode-se pensar por exemplo, nos cemitérios "históricos" das primeiras missões.

- Convidar os confrades com bons conhecimentos dos nossos fundadores, a estarem disponíveis para a animação de retiros nas diversas circunscrições.

8.7 Peregrinação Histórica Espiritana

*Diversos lugares importantes da nossa história encontram-se na mesma região: Rennes, Paris, Saverne, Amiens, etc. Eles poderiam estar incluídos no projecto duma peregrinação espiritana: "**Seguindo os passos de Poullart des Places e Libermann".***

Os membros do Capítulo pedem ao Conselho Geral que seja feito um estudo pela Província de França em ligação com a Casa Generalícia e talvez com a colaboração das Províncias da Europa, e que seja apresentado no próximo Conselho Geral Alargado. Esta peregrinação seria proposta aos amigos e benfeitores da família espiritana, e adaptada aos diferentes grupos linguísticos que nela participassem.

Também poderia ser feito um estudo, em concertação com as circunscrições e respectivas regiões, sobre a possibilidade de peregrinações a outros lugares significativos da nossa história espiritana: Roma-Assis-Loreto, Dacar, Haiti, Reunião, Maurícia, Bagamoio, Gentinnes, etc.

9. MODIFICAÇÕES À REGRA DE VIDA

O Capítulo Geral decidiu dois conjuntos de mudanças:

9.1 Para dar mais autoridade ao Conselho Geral em matéria de formação.

- **Em RVE 105**, substituir "...*em diálogo com o* Conselho Geral" por: "*com o consentimento do* Conselho Geral".

O novo número **105** por isso é como se segue:

"Compete ao Superior de circunscrição, com o consentimento do seu Conselho, precisar as orientações da formação, em colaboração com a equipa de formadores e com o consentimento do Conselho Geral".[4]

- Antigo 106.3 permanece imutável, mas fica com o número **106.4.**

- É acrescentado um novo **106.3:**

"Ele vela para que as orientações da Congregação em matéria de formação sejam aplicadas nas circunscrições e intervém quando o julgue necessário."

9.2 Devido à nova situação das Províncias e à dificuldade de organizar capítulos.

- Em **RVE 180.1**, omitir: ***"da Província".***

---

[4] Esta mudança do número 105 das "Constituições " da nossa Regra de Vida foi aprovada pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, com data de 30 de Outubro de 1998.

- Os antigos **180.2** e **180.3** são totalmente suprimidos. Eles são substituídos por um novo **180.2**:

  "Vela-se para que seja assegurada uma representação adequada dos confrades afectados a outras circunscrições".

Foi designada uma função ao Conselho Geral:

9.3 A propósito de RVE 213, no que respeita à periodicidade dos capítulos gerais ordinários e das suas consequências para os mandatos dos membros do conselho Geral:

O Capítulo pede ao Conselho Geral para estudar esta questão com as suas implicações e apresentar o resultado das suas pesquisas ao próximo Capítulo Geral.

ÍNDICE

"FAZ-TE AO LARGO" ii

INTRODUÇÃO 1

1. APRESENTAÇÕES

1.1 EVANGELIZAÇÃO ENTRE OS NÓMADAS DO PAÍS BORANA – *Etiópia* 16
1.2 PERCURSO DE PRIMEIRA EVANGELIZAÇÃO *Senegal, Guiné-Conakry, Guiné-Bissau, Mauritânia, Argélia* 20
1.3 A EDUCAÇÃO NA MISSÃO ESPIRITANA *Estados Unidos / Este* 24
1.4 EDUCAÇÃO INFORMAL DAS CRIANÇAS *Bangui* 28
1.5 ONDE ESTAMOS, QUANTO AO NOSSO COMPROMISSO PELA JUSTIÇA E PAZ? *Coordenador da Casa Generalícia para J&P* 31
1.6 UMA VOZ DOS SEM VOZ – *Brasil* 34
1.7 MINISTÉRIO JUNTO DOS REFUGIADOS NA PROVÍNCIA DA ÁFRICA DE LESTE 38
1.8 JUSTIÇA E PAZ NO DIA A DIA – *Camarões* 42
1.9 SITUAÇÃO DE CONFLITO: TEMPO DE GRAÇA *Angola* 46
1.10 UMA EXPRESSÃO AFRICANA DO CARISMA ESPIRITANO – *WAF* 49
1.11 A EVANGELIZAÇÃO DE UM MISSIONÁRIO *Amazónia* 52
1.12 ESPÍRITO NOVO NUMA VELHA PROVÍNCIA *Alemanha* 56
1.13 JUNTOS PARA A MISSÃO *Paraguai* 60

1.14 NAÇÕES, ETNIAS E CULTURAS NA COMUNIDADE - *Congo-Brazzaville* 63
1.15 UMA EXPERIÊNCIA DE SOLIDARIEDADE VIVIDA *Zimbabwe* 67
1.16 MÚLTIPLOS ASPECTOS DA VIDA COMUNITÁRIA – *França* 70
1.17 A MISSÃO NUMA PROVÍNCIA A ENVELHECER *Inglaterra* 74
1.18 ESPIRITANOS PROFESSOS E LEIGOS ASSOCIADOS - *Conselho Geral* 77
1.19 UMA EXPERIÊNCIA DE MINISTÉRIO PARTILHADO – *Transcanadá* 81
1.20 UMA LEIGA ASSOCIADA DA EUROPA *Inglaterra* 84
1.21 PEREGRINA PELO REINO *Brasil - Porto Rico* 88
1.22 ASSOCIADOS COM OS LEIGOS *Fundação da África Central* 91
1.23 CONTINUIDADE DO CARISMA ESPIRITANO NOS COLÉGIOS – *Irlanda* 95

2. A NOSSA MISSÃO 98

3. AS NOSSAS FONTES DE INSPIRAÇÃO 108

4. A NOSSA VIDA EM COMUM 115

5. MINISTÉRIO PARTILHADO 123

6. FINANÇAS 128

7. DIRECTÓRIO DA ORGANIZAÇÃO 136

8. HISTÓRIA – ANIVERSÁRIOS 144

9. MODIFICAÇÕES À REGRA DE VIDA 148

Finito di stampare
nel mese di gennaio 1999
dalla
Scuola Tipografica S. Pio X
Via degli Etruschi, 7
00185 Roma

3 5282 00644 8917

Duquesne University
3 5282 00644 8917

CONGREGAZIONE DELLO SPIRITO SANTO
CASA GENERALIZIA
CLIVO DI CINNA, 195
00136 ROMA